

Tereza Caetana ~~[illegible]~~ foi bautizada
em os vinte dias de Agosto de 1725 a.

POSTILLA RELIGIOSA,

E ARTE DE ENFERMEIROS,

Guarnecida com eruditos conceitos de diverſos Authores, facundos, Moraes, e Eſcriturarios

PELO PADRE

FR. DIOGO DE SANT-IAGO,

RELIGIOSO DE S. JOAÕ DE DEOS,

Com que educou, e praticou aos ſeus Noviços, ſendo Meſtre delles no Convento de Elvas, para perfeiçaõ da vida Religioſa, e voto da Hoſpitalidade,

DEDICADA AO REVERENDISSIMO PADRE

FR. JOZE' DE JESUS MARIA,

Digniſſimo Provincial Apoſtolico da meſma Provincia.



LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA, Impreſſor do Santo Officio.

Anno MDCCXLI.
Com todas as licenças neceſſarias.



DEDICATORIA

AO NOSSO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. JOZE' DE JESUS MARIA,

Provincial Apoſtolico deſta Provincia de noſſo Padre Saõ Joaõ de Deos.



RFA conſiderou o anteceſſor de V. P. Reverendiſſima ficava eſta Provincia por ſua morte, e naõ foy ſem myſterio do diſcurſo, que neſta orfandade

 pro-

provesse de remedio a sua advertencia. He muito vulgar, que da propria flor, donde a abelha tira o mel, tira a aranha o veneno: o mesmo se verifica, (naõ com pouca circunstancia) que no estado de orfa, em que havia de ficar, corresse pelos diques da lembrança o como se havia de remir. No seu anagramma buscou a mesma orfa a Faro, patria de V. P. Reverendissima, para della tirar (por unico) outro Pay, ou mel desta flor de Faro, para antidoto do veneno, que experimentava por orfa.

Saõ attributos para o nosso desvanecimento, e gloria de V. P. Reverendissima, de que resultou a nominata, que o seu antecessor fez nos seus ultimos dias, em que V. P. Reverendissima logrou a primazia, e nós o cabal conhecimento de obrar em tudo com acerto na vida, quem por instantes aguardava a morte. E como para se elevar ao Throno de Prelado Superior era preciso que a protecçaõ Real désse a V. P. Reverendissima azas para voar, se deo parte ao nosso Monarca, para que se dignasse o mandar-lhas fabricar para subir. Movida a benevolencia Real, ou de commiseraçaõ de humano, ou de impulso Divino, determinou (sem que V. P. Reverendissima o sou-

ſoubeſſe) a interpretaçaõ do Motu proprio, que a diſpendios da ſua grandeza, e Real agrado foy concedido taõ ampleado na juriſdicçaõ, que V. P. Reverendiſſima logra, que ella meſma he teſtemunha foy acçaõ do noſſo Monarca, donde nas mayores difficuldades faz goſto de as emprehender, para coriſêo do poder, com que as ſabe conſeguir. A todos ſe nos manifeſta nas regalias, que V. P. Reverendiſſima logra, pois nem na guerra proxima paſſada conſeguiraõ os ſeus anteceſſores taõ ampleada a juriſdicçaõ, como a perſuaçaõ Regia lhe concedeo a V. P. Reverendiſſima a Santidade de Clemente XI.

Logra V. P. Reverendiſſima a uſania de ſer Provincial Regio, e Apoſtolico ſem diſpendio de penſamento, palavra, ou obra, circunſtancia, a que o pudêra precipitar o deſvanecimento; mas o exemplo, capacidade, e modeſtia de V. P. Reverendiſſima faz moderar o que a outro qualquer pudêra deſvanecer.

V. P. Reverendiſſima foy ſervido remediaſſe eu a falta, que neſta Caſa havia de Meſtre de Noviços, em cuja occupaçaõ deſejando que os meus diſcipulos ficaſſem com alguma utilidade no limitado do meu enſino, lhes ditey eſta Poſtilla Religioſa, e pratiquey

esta Arte de Enfermeiros para melhor intelligencia na applicaçaõ dos remedios, em que consiste a vida dos enfermos, que huma, e outra cousa dedica, e offerece o meu affecto nas Religiosas aras da protecçaõ de V. P. Reverendissima, para que com o seu decoroso amparo tenhaõ algum luzimento as minhas sombras, que expostas à censura de imperfeitas, achará V. P. Reverendissima naõ he mais o meu empenho, que a perfeiçaõ Religiosa, e a acertada, e perfeita assistencia dos enfermos, de que Deos tanto se agrada.

Espero na decorosa protecçaõ de V. P. Reverendissima realce estas opacas sombras do meu limitado discurso com o seu relevante, e paternal asylo, para que em duplicados louvores de zeloso animo se eternize a Religiosa pessoa de V. P. Reverendissima, que o Ceo guarde, &c.

Humilde subdito de V. P. Reverendissima

Fr. Diogo de Sant-Iago.

PRO-

PROLOGO
AO LEITOR.

HE muito vulgar em todos os Meſtres pela ſciencia, que profeſſaõ, ou arte, que exercitaõ, ſer preciſo attributo das ſuas faculdades enſinar, diſcorrer, e poſtillar, conforme a doutrina, ou methodo, a que Calliope pelo rhetorico a huns ao thalamo conduzio, ou Minerva pela ſciencia a outros nas aulas deſtinou, naõ ſó por credito da faculdade, que enſinaõ, brazaõ do que ſabem, e preeminencia do que logr aõ, mas para aproveitamento dos que aprendem, obrigaçaõ, que os preciſa para ſatisfaçaõ do emprego, abono da erudiçaõ, e cabal deſempenho do lugar, em que ſe achaõ.

Porèm em mim foy muy differente o projecto, quando nos candores matutinos de huma ſincera advertencia madrugou o meu deſejo ſem mais intuito, que dar aos meus Noviços claras luzes em breves periodos, vibrados pelos encreſpados rayos

do Sol da minha obrigaçaõ, por ter algu-
ma experiencia em quarenta annos de Re-
ligiaõ, a qual he ſimulacro de obſervações,
pyra de acaſos, e ſepulchro de aconteci-
mentos.

E querendo unicamente moſtrar-lhes o
dilatado Emporio da ſua ſubſiſtencia em ab-
breviadas recopilações da vida Religioſa,
para aproveitamento proprio, e exemplo
alheyo, que em huns cadernos manuſcri-
tos determinava dar-lhes, o naõ fiz, por-
que me obrigáraõ as perſuações diſcretas de
alguns eruditos a que me livraſſe do tra-
balho de eſcrever muito, o que dando-ſe
ao prélo era taõ pouco. Naõ me faltáraõ
repugnancias bem conjecturadas, pois ca-
recia de predicados preciſos para a execu-
çaõ de fazer publico o que ſó devia ſer in-
cognito; razaõ, por que fica deſculpada a
minha inſufficiencia para com o pio Leitor
em querer dar publicamente novos dicta-
mes aos meus Noviços para ſaberem bem
viver, e bem morrer, quando para huma,
e outra couſa ſaõ innumeraveis os Eſcrito-
res, de que eu para a composiçaõ deſta
obra, Poſtilla, ou ramilhete, me valí das
ſuas ſentencioſas flores, atadas naõ com o
nó,

nó, que Alexandre Magno ſoube cortar, mas com o que a minha ſinceridade ſoube diſcorrer.

Repare pois o diſcreto Leitor, que neſta Poſtilla requintey particularmente os conſelhos da politica Religioſa, com outros muitos diverſos, e mais proximamente experimentados, naõ para que delles ſe aproveitem aquelles, de quem eu poſſo aprender, mas ſim aquelles, a quem pela occupaçaõ tenho obrigaçaõ de enſinar; e como os principais ſaõ os do noſſo inſtituto, lhe ajuntey os deſta Arte de Enfermeiros na praxe moderna, que reviſta, e corregida por Medicos doutos, e Cirurgiões peritos, ficou capaz de ſe aproveitarem della os meus Noviços, e Religioſos da minha Sagrada Religiaõ, em que claramente moſtro aos de outra, que ſó para nós foy o meu poſtillar, e naõ foy para outros o meu eſcrever; o que bem ſe verifica nos das mais Sagradas Religiões, que tendo por inſtituto o curar almas doentes pelas culpas, a noſſa ſó o tem de curar corpos enfermos pelas queixas, que he de que contém o ſegundo Tratado deſte Livro, e ajudar a bem morrer o terceiro, em que

cla-

claramente ſe vê a referida razaõ de ſer ſó o meu unico deſejo de que os meus Noviços aprendaõ, e os meus Religioſos exercitem com mais perfeiçaõ o voto da Hoſpitalidade, para que aſſim como eſta ſervio de coroa para o Pay, ſirva tambem de corifêo para os filhos. Eſta he a baze deſte meu curioſo, e principal edificio, anhelando a que nelle reſplandeçaõ todos os que em fervoroſos actos de caridade ſe exercitaõ; e o que de novo ſe achar, naõ intento ſe deva rigoroſamente entender ſenaõ conforme o ſentido, que a Santa Madre Igreja lhe quizer dar, a quem o diſcurſo ſobmetto, e a obediencia ſacrifico.

Vale.

LI-

LICENÇAS.

DA ORDEM.

O Reverendo Padre Fr. Manoel de Santo Antonio reveja o livro, de que trata eſta petiçaõ; e depois de reviſto nos informará, para deferirmos. Lisboa Occidental, Convento de N. P. S. Joaõ de Deos 18. de Julho de 1740.

O Provincial.

Cenſura do M. R. P. M. Prégador Fr. Manoel de Santo Antonio.

N. R.mo Padre Provincial.

OBedecendo ao que V. P. Reverendiſſima me ordena, vi com attençaõ, cuidado, e goſto o livro intitulado: *Poſtilla Religioſa, e Arte de Enfermeiros*, compoſto pelo Reverendo Padre Fr. Diogo de Sant-Iago, que eſtando no penſionado emprego de Meſtre de Noviços taõ occupado, agora o vemos na compoſiçaõ deſta obra

taõ

taõ diſtrahido; mas he o Author taõ grande Religioſo, que quando anda diſtrahido, aſſim he que eſtá occupado; e ſe atè aqui lhe ſuccedia o meſmo, que à perola, que em quanto nas entranhas da concha ſe rebuça, (ainda ſendo filha da Aurora no pranto) a falta da noticia, que a ſepulta, lhe embaraça o luzimento, que logra, e por defeitos de conhecida perde o feitio de eſtimada; pondo o Author as producções do ſeu juizo nas generalidades do prélo, ficará a todos notorio, o que pela ſua diſcreta capacidade he entre nós bem conhecido.

Na Poſtilla Religioſa dá prudentiſſimos documentos, e regras taõ acertadas, que ſe podem venerar por leys infalliveis, podendo-ſe dizer deſte livro o que de outro
Salv. Epiſtol. ad Euſtach. ſemelhante diſſe Salviano: *Legi librum, quem tranſmiſiſti, ſtylo brevem, lectione expeditum, inſtructione perfectum.*

Na Arte de Enfermeiros moſtra bem que eſtudou os dogmas do noſſo Sagrado Inſtituto, e que igualmente aprendeo do noſſo Santo Padre, ſatisfazendo, e deſempenhando os preceitos do Euangelho:
Matth. 5. *Qui fecerit, & docuerit, magnus vocabitur.*

Sen-

Sendo esta a razaõ, por que Christo chamou aos seus Discipulos Sal da terra, e Luz do Mundo: *Vos estis sal terræ, vos estis lux mundi*, devendo repararse que primeiro lhes chama Sal, e depois Luz; porque com a propriedade da luz os declarava Mestres, como diz S. Thomaz: *Lux ratione doctrinæ*, com a denominaçaõ de sal os declarava Enfermeiros, tratando, e curando da saude dos enfermos: *Ipsi nè putrefacta medicati sunt*; vendo-se assim que naõ he menos sabio o que cura, que o que ensina, huma, e outra cousa faz o seu Author nesta obra; e porque naõ encontra a pureza da nossa Santa Fé, e bons costumes, me parece digna da licença para sahir a luz por meyo da estampa, *salvo*, &c. Convento de N. P. S. Joaõ de Deos da Cidade de Elvas 8. de Agosto de 1740.

Matth. 5

Div. Thom. hîc.

Div. August. in exposition hîc.

Fr. Manoel de Santo Antonio.

Nós

NO's Fr. Jozé de Jesus Maria, Provincial Apostolico desta Provincia do N. P. S. Joaõ de Deos nestes Reynos de Portugal, e seus Dominios, Administrador Geral de todos os Hospitaes Reaes da mesma Provincia por S. Magestade, que Deos guarde, &c. Pela presente concedemos licença ao P. Fr. Diogo de Sant-Iago, Religioso Professo de nossa Sagrada Religiaõ, para que possa (obtidas as mais licenças, que se requerem) imprimir hum livro, que compoz, intitulado: *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros*, o qual por especial ordem, e commissaõ nossa foy visto, e examinado por Religioso douto da nossa Ordem; e pelo teôr desta lhe damos a dita licença, em fé do que mandamos passar a presente por nós assinada, e sellada com o sello mayor de nosso officio, e referendada do nosso Secretario da Provincia. Dada neste Convento, e Hospital de N. P. S. Joaõ de Deos desta Corte, e Cidade de Lisboa Occidental ao 1. de Novembro de 1740.

Fr. Jozé de Jesus Maria, Provincial.

P. M. D. N. M. R. P. P. A.

Fr. Manoel dos Serafins, Secretario.

DO

O Padre Meſtre Fr. Manoel da Cruz, Qualificador do Santo Officio, veja o livro, de que ſe trata, e informe com ſeu parecer. Lisboa Occidental 9. de Dezembro de 1740.

Fr. R. de Alencaſtre. Soares. Abreu.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Manoel da Cruz, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio, e Examinador das Trez Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Eminencia vi o livro, que ſe intitula: *Poſtilla Religioſa, e Arte de Enfermeiros*, que compoz, e quer dar ao prélo o Reverendo P. Fr. Diogo de Sant-Iago, Religioſo da Sagrada Religiaõ do grande, e excelſo Patriarca S. Joaõ de Deos; e confeſſo que o vi, e li com muito goſto, por ver que naõ ha nelle couſa, que naõ convide a hum univerſal applauſo, principalmente entre os Prelados, e os ſubditos, e entre os enfermos, e Enfermeiros;

pois

pois na Economia, e na Medicina dá a huns, e a outros a mais proveitosa regra; e por esta causa digo, que naõ he o Author deste livro como aquelle Pintor insigne, que a huma só linha quiz reduzir todo o primor da sua arte, pois em muitas, e diversas materias manifesta as suas caritativas, e religiosas excellencias, mostrando-se nellas taõ igualmente sabio, quanto ellas mesmas o estaõ publicando; e por isso se póde verdadeiramente dizer deste Author taõ Religioso, e de tanta caridade, o que lá disse Hildeberto de outro Author semelhante: Hildebert. Epist. 2. *Qui tam desidentibus studiis integer præparatur.*

Digo isto, Senhor, porque de tal modo falla o Author deste livro da vida Religiosa, que se ella fora a que fallára de si mesma, nem mais fallára, nem melhor dissera; que nem sempre elevadas prendas deixaõ, por vozes alheyas, de serem cabalmente manifestas; e por isso se deve dizer tambem deste Author, o que de Plataõ disse Cicero, elogiando-lhe huns Dialogos, que fez em louvor de Jupiter: *Ut Jupiter non aliter esset locuturus, si loqui voluisset.* Digo-o tambem, porque de tal modo falla

da

da Medicina, que de qualquer regra ſua mais difficultoſa tira o meſmo Author o mais facil remedio para expellir qualquer doença; e por iſſo ſe póde dizer tambem delle para com os ſeus Religioſos, com a proporçaõ devida, o que là diſſe Chriſto do Pay de familias pela boca de S. Mattheus: *Profert de theſauro ſuo nova, & vetera.* Sendo pois eſte livro de taõ caritativos, e religioſos dictames, bem moſtra que naõ contém couſa, que ſe opponha aos verdadeiros dogmas da noſſa Fé, e bons coſtumes, e por iſſo o julgo muito digno da licença, que ſe pede, V. Eminencia mandará ſempre o que for ſervido. Convento do Santiſſimo Sacramento dos Religioſos de S. Paulo primeiro Eremita de Lisboa Occidental em 18. de Janeiro de 1741.

Fr. Manoel da Cruz.

O Padre Meſtre Fr. Manoel de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, veja o livro, de que ſe trata, e informe com ſeu parecer. Lisboa Occidental 24. de Janeiro de 1741.

Fr. R. de Alencaſtre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

** *Cen-*

Censura do M. R. P. M. Fr. Manoel de Santa Maria, Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, e Commissario dos Terceiros de N. S. de JESUS.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi o livro intitulado: *Postilla Religiosa*, e *Arte de Enfermeiros*, composto pelo M. R. P. Fr. Diogo de Sant-Iago, digníssimo filho da Sagrada Religiaõ do Preclarissimo Patriarca S. Joaõ de Deos, e nelle naõ achey cousa repugnante à pureza da nossa Santa Fé, ou rectidaõ dos costumes, antes sim huma doutrina admiravel, com que o espirito do Author abrazado nos incendios da caridade ensina ao Mundo as Artes de bem viver, e de bem morrer; e como praticou primeiro o que agora ensina, entendo se faz merecedor naõ só da licença, que pede, mas de hum premio grande no Ceo: *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cœlorum*; sendo a materia da pratica, e a da doutrina a virtude da Caridade, que sendo a mayor de todas: *Fides, Spes, Charitas, tria hæc: maior autem bo-*

Matth. cap. 5. vers. 19.

Epistol. 1. ad Corinth. cap. 13. vers. 13.

num

rum est Charitas, he de todas as virtudes hum prodigioso compendio: *Super omnia autem hæc charitatem habete, quod est vinculum perfectionis.* A purpura de Hugo commentando este texto, diz: *Cætera perfecta faciunt, Charitas autem omnia ligat, ne abeant*; e a caridade com os enfermos, e moribundos sóbe de ponto, porque se emprega em acudir à mayor necessidade. Este he o meu parecer, V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa Occidental, Convento de N. Senhora de Jesus 10. de Fevereiro de 1741.

Epist. ad Colos. cap. 3. vers. 14.

Hug. Card.

Fr. Manoel de Santa Maria.

VIstas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado: *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros*, Author o Padre Frey Diogo de Sant-Iago; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 10. de Fevereiro de 1741.

Fr. R. de Alencastre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

O Reverendo Padre Mestre Bartholomeu de Vasconcellos, vendo o livro, de que se faz mençaõ, informe com o seu parecer. Lisboa Occidental 22. de Fevereiro de 1741.

Salter.

Censura do Muito Reverendo Padre Mestre Bartholomeu de Vasconcellos.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

EXecutando o mandado de V. Excellencia, li esta *Postilla Religiosa*, e *Arte de Enfermeiros*, composta pelo M. R. P. Fr. Diogo de Sant-Iago, Religioso do Grande Patriarca S. Joaõ de Deos, e nada encontrey nella, que naõ fosse muito conforme à nossa Santa Fé, e bons costumes, e digno de se dar à luz por meyo da estampa. V. Excellencia mandará o que for servido. Lisboa Occidental, Casa Professa de S. Roque 10. de Março de 1741.

Bartholomeu de Vasconcellos.

Vista

Vista a informaçaõ, póde-se imprimir o livro, de que se trata; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 11. de Março de 1741.

D. V. Arcebispo.

DO PAC, O.

MAnda ElRey nosso Senhor, que o Doutor Cypriano de Pinna Pestana, Fysico Mór do Reyno, veja o livro, de que se trata, e interpondo o seu parecer, o remetta a esta Meza. Lisboa Occidental 15. de Março de 1741.

Pereira. Teixeira. Cardeal.
Vaz de Carvalho. Costa.

Censura do Doutor Cypriano de Pinna Pestana, Medico da Camera de S. Magestade, e Fysico Mór do Reyno.

SENHOR.

POr mandado de V. Magestade vi o livro intitulado: *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros*, composto pelo Reveren-

do Padre Fr. Diogo de Sant-Iago, Religioſo da Sagrada Religiaõ do Grande Patriarca S. Joaõ de Deos: he obra muito agradavel a quem a ler, e muito util para quem deſejar aſſiſtir com caridade de bom Enfermeiro aos doentes; porque enſina os melhores termos, e circunſtancias medicas para a tal aſſiſtencia, fundamento à caridade, e baze ao zelo eſpiritual, como legitimo Filho do mayor Pay da Hoſpitalidade; e como contenha o tal livro, e enſine taõ neceſſaria doutrina para os miſerandos afflictos, ſe faz digno da licença, que pede. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Oriental 27. de Março de 1741.

Doutor Cypriano de Pinna Peſtana.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará a eſta Meza para ſe conferir, e taixar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 13. de Abril de 1741.

Pereira. *Teixeira.*

Eſtá

Está conforme com o ſeu original. Convento do Santiſſimo Sacramento dos Religioſos de Saõ Paulo primeiro Eremita, 8. de Agoſto de 1741.

Fr. Manoel da Cruz.

Viſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 11. de Agoſto de 1741.

Fr. R. de Alencaſtre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

Viſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 21. de Agoſto de 1741.

D. V. Arcebiſpo.

Taixaõ eſte livro em trezentos e ſincoenta reis, para que poſſa correr. Liſboa Occidental 23. de Agoſto de 1741.

Teixeira. Vaz de Carvalho.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE contém eſte Livro.

TRATADO I.

TRATADO II.

CAP.

CAP.

CAP.

CAP.

TRA-

TRATADO III.

FIM.



TRATADO I.

ADVERTENCIAS PARA a perfeiçaõ Religiosa do estado de Noviço atè ao de Prelado Superior.

CAPITULO I.

Advertencias para o Noviço.

1  DAS resoluções repentinas se seguem vagarosos arrependimentos, disse Diogenes; mas pouco tem de repentina a resoluçaõ, que dura hum anno. Neste, que he o do vosso noviciado, he preciso advertires, que (se profes-

sares) ficando na Religiaõ vivo, para o seculo ficais morto. Ficais morto para o seculo, porque detestais todas as cousas do Mundo; e ficais na Religiaõ vivo com apparencias de morto, porque em hum Religioso ficaõ as potencias da alma amortecidas.

2 Morre a memoria, porque esta só se deve empregar em Deos; sem mais de que anda jà amortalhado em vida, quem com desengano espera a morte.

3 Morre o entendimento, porque quem obedece deve sujeitar o seu entendimento proprio a huma ignorancia alhea, ficando discreta por obedecida; e pelo contrario ficaria a discriçaõ ignorante, senaõ fosse
Psalm. 118. sujeitada, como claramente o refere o Psalmista.

4 Morre a vontade, porque desta ampleada faculdade faz sacrificio na voz do Prelado, e da liberdade victima nas aras da obediencia.

5 Naõ haveis de contar os annos, e dias de vida, que tiveres, mais que aquelles, que em o serviço de Deos gastares; porque o que vive peccando, vive morrendo;

do; e vive na apparencia quem em peccado vive; e só verdadeiramente vive quem a Deos naõ offende.

6 O entrar na Religiaõ he nascer de novo, disse Hugo Cardeal; porque nasce para Deos quem morre para o Mundo. Duas mortes ha neste Mundo: huma, que o corpo experimenta; e outra, que a alma padece. A do corpo jà a tendes tacitamente experimentado no habito, que trazeis vestido; e a da alma, se a naõ quizeres experimentar, a Deos haveis de servir; que só assim he que de novo nasce quem na Religiaõ morre; e só desta morte he que resultaõ muitos vivas; que depois de se acabarem as batalhas he que se contaõ as vitorias. Assim succedeo na morte de Pompeyo, dizendo hum Sabio fora o dia da sua morte vespera do seu nascimento.

Sup. Eccl. cap. 3.

7 Muito tempo tendes neste anno para considerares se podereis com o trabalho da Religiaõ, e instituto della, que professando, ficais obrigado aos votos, que a Deos haveis de prometer, e à Regra, e Constituições, que haveis de observar.

8 Adverti, que o voto da Hospitalida-

de comprehende em si a assistencia, e curativo de todo o genero de enfermidades, naõ sómente as contagiosas, que de continuo estamos curando, mas ainda aos apestados, a que muitos Religiosos nossos tem assistido, como consta da Chronica da nossa Religiaõ: huns, a quem Deos livrou do contagio; e outros, que tiveraõ o merecimento de morrerem quasi Martyres; que he esta acçaõ de assistir aos apestados taõ relevante, e meritoria para com Deos, que o mesmo Senhor a premea quasi com a preeminencia do martyrio; razaõ, por que no Martyrologio Romano no ultimo de Fevereiro se põem à veneraçaõ publica muitos fieis com o titulo como de Martyres, que morrêraõ neste caritativo ministerio no anno de Christo de 155. E se só movidos da caridade Christã quizeraõ ter este merecimento, com razaõ o temos nós jà desde hoje, pois pelo voto, que a Deos fazemos, à mesma assistencia nos sacrificamos; naõ sem generosidade do animo, porque he sem duvida só fica bem empregada a vida quem a offerece ao perigo proprio por remediar o dano alheyo.

9 As aulas, aonde haveis de estudar, haõ de ser as enfermarias, aonde os livros saõ os enfermos, que tambem o Santo Job chamava aos pobres enfermos os seus livros; e quanto mais cheyas estaõ estas aulas de volumes, mais cheyas estaõ de merecimentos. Saõ Bibliotecas de toda a variedade de queixas, onde jà o Archanjo S. Rafael por mandado de Deos veyo assistir, e o mesmo Senhor em pessoa se veyo manifestar, consentindo que aos seus pés Divinos chegassem as mãos humanas do nosso Patriarca, dizendo-lhe o que S. Mattheus refere, que o que aos seus pobres se fazia, com elle se obrava. E assim tomando estes volumes aos hombros para os revolver, compôr, e limpar com caridade, premea Deos o trabalho com a sua Gloria. Matth. 25. 40.

10 Premeditay se podereis tolerar huma mudança contra vontade, e a sujeiçaõ de hum Prelado, em quem os genios, e naturezas saõ muy differentes: hum pacifico, outro rebelde; hum soberbo, outro humilde; hum palaciano, outro satyro; hum liberal, outro mofino; hum lizo, outro dissimu-

Perſ. Satyr. 5. ſimulado; hum benevolo, outro iracundo.
Gracian. no Eroc. O meſmo refere Graciano, fallando do homem, a que os ſubditos por modo conſervativo ſe devem ſujeitar. Confirmaõ eſta
Geneſ. 25. 22. diverſidade de genios os dous Irmãos Eſaú, e Jacob, que no ventre de Rebeca eraõ differentes nas condições.

11 Conſideray ſe podereis ſofrer huma prizaõ perpetua na habitaçaõ de huma clauſura; e ſe tendes tençaõ formal de obſervares a Regra, votos, e Conſtituiçaõ, que haveis de profeſſar, que naõ ſendo aſſim, melhor ſerá naõ enganares a Religiaõ, que eſta ſabendo que a havieis de deſacreditar, vos naõ havia de admittir.

12 Vede ſe tendes genio de ſer Religioſo; porque o cazado, que tem genio de ſer Religioſo, naõ vive bem; e o Religioſo, que tinha genio de ſer caſado, vive mal: aquelle facilmente ſe póde ſalvar; e eſte muito ſe ha de mortificar para ſe naõ
Prov. 14. 8. perder. Por iſſo Salamaõ diſſe nos Proverbios, que a ſabedoria dos prudentes eſtá em conhecerem o ſeu caminho.

13 Para ſeres perfeito Noviço neſte anno, naõ haveis de ter olhos para ver mais que

que aquillo, que a obediencia vos mandar executar, obſervando aquella ſentença de Diogenes, a quem perguntáraõ, porque cauſa nos tinha dado a natureza dous ouvidos, dando-nos ſó huma boca; a que reſpondeo: Para ouvirmos muito, e fallarmos pouco. Deſte documento vos haveis de aproveitar, advertindo, que tendes dous ouvidos para mais facilmente ouvir a doutrina, que ſe vos der, e huma ſó boca para fallares muy pouco, ou quaſi nada.

14 Neſte anno haveis de ſofrer com paciencia as injurias, ignominias, caſtigos, reprehenſões, mortificações, e trabalhos, que ſaõ os criſoes, onde ſe purifica o ouro da perfeiçaõ; por cuja razaõ ordenou Saõ Frutuoſo na ſua Regra, que todos injuriaſſem, e maltrataſſem o Noviço todo o anno inteiro para prova da ſua paciencia, e ſofrimento. Reg. S. Fructuoſ. cap. 8.

15 Se fores diſcreto, as meſmas mortificações haveis de louvar; ſe fores mais caſtigado, com mais paciencia o deveis de ſoffrer; porque o Noviço mais diſcreto deve ſer o mais opprimido para prova da ſua humildade; que a vontade do ſtulto facil-

mente se quebra; mas o entendimento do sabio custosamente se volta; razaõ, por que naõ queria S. Bernardo que o Noviço fosse prudente, e o que começa fosse sabio.

Div. Bernard. Epist. ad Frat. de monte Dei Collat. 6.

16 Para em tudo obrares com acerto, consideray a que vindes à Religiaõ, e o que he o Mundo: a Religiaõ he caminho certo para hum Religioso se salvar; e o seculo he estrada embaraçada para hum homem se perder. Com razaõ disse Santo Agostinho, que o Mundo he melhor para contrario, que para amigo; porque como amigo nos engana com o seu amor; e como contrario nos desengana com as suas perseguições.

Div. August. Epist. 144. ad Anasium.

17 Ao homem chamou Pythagoras arvore plantada para o Ceo; e Santo Thomaz Cidadaõ do Paraiso. Vede agora se com mayor razaõ deve ser arvore plantada para o Ceo o homem, que he Religioso, e se deve ser Cidadaõ do Paraiso, e naõ Argonauta de Acheronte, navegando para o Inferno pelo proprio caminho do Ceo. E assim naõ consiste o ser Religioso em vestir o habito de Frade, senaõ em se despir dos habitos de secular.

18 He

18 He muito proprio nos disgraçados servirlhes para mais se entristecerem o mesmo motivo, que buscárão para se aliviarem. Naõ queirais vós ser disgraçado Religioso; porque naõ o sendo perfeito, vos ha de servir para vos perder, o mesmo caminho, que buscastes para vos salvar. Que disgraça póde dar-se mayor, disse Diogenes, que a que se disfarça na apparente gala da ventura, que representa a existencia, que naõ tem, e tem o ser, que naõ representa? E que disgraça poderá haver mayor para vós, senaõ fazeis tençaõ de ser perfeito Religioso; que sendo o habito gala da ventura, o façais ludibrio da disgraça?

19 Se buscais a Religiaõ só por tomar estado, vede bem o estado, que tomais, e o jugo, a que vos offereceis. Se buscais a Religiaõ por conveniencia do corpo, vede que a Religiaõ só serve para conveniencia da alma. Abri os olhos do projecto, que vos persuadio a tomares o habito de Noviço: se haveis de ser secular no modo de viver, melhor he naõ professar: se vos haveis de lembrar do seculo, fluctuando a lembrança pelo seu Oceano, e afogarvos

nas

nas culpas amortalhado, melhor será perdervos lá fóra entre as Nereidas, que condenarvos cà dentro entre os Tritões; que naõ he razaõ, que sendo a Religiaõ porto para hum Religioso se salvar, o transforme precipicio para se perder.

20 He a vida de hum Religioso preza, pobre, humilde, sujeita, constrangida, e mortificada; e se por estes degráos póde hum Religioso subir para o Ceo, será disgraça se por elles descer para o Inferno. Vede o que fazeis, que se enganais a Religiaõ, a vós mesmo enganais; e adverti, que de enganos encubertos, nascem desenganos claros. No fim o haveis de ver, que he muito certo ficar no fim enganado, quem dá principio ao engano; e muito proprio em hum culpado conhecer o erro, quando experimenta o dano.

CA-

CAPITULO II.

Advertencias para o Corista.

21 ESTais admittido na companhia dos Religiosos na profissaõ, que fizestes, vinculo, de que a vossa vida ha de ser fiadora atè o ultimo quadrante; porque só a atrevida Atropos poderá cortar o fio, que a Cloto do vosso desejo quiz trocer, na resoluçaõ, que tomastes, e profissaõ, que fizestes.

22 He tempo de abrires os olhos: se atègora foraõ fiscaes da terra, agora devem ser aguias do Ceo. Atègora vieis só por onde havieis de andar, agora haveis só de ver para onde haveis de subir. Vede que hum cego se sabe dos perigos desviar; e com mayor razaõ os deve evitar quem tem olhos para nelles se naõ meter. Vede que haveis de ver o que naõ for torpeço para peccar; e se o chegares a ver, deveis logo de fugir; porque Santo Agostinho nos adverte, que aquillo, que se naõ ha de desejar, se naõ ha de ver.

23 Naõ vos esqueça o que no anno do novi-

noviciado aprendestes. Obriga-se hum mestre de qualquer officio dar sciente ao discipulo em tantos annos; mas differente he o parallelo, que corre entre os Religiosos, porque se obrigaõ os discipulos a executar, e aprender tudo aquillo, que os Mestres tem obrigaçaõ de lhes referir, e ensinar.

24 Todos os discipulos, que acabaõ os seus annos de aprender, fazem estudo particular na arte, que aprendêraõ, anhelando exceder ao proprio mestre no obrar; e se isto he vangloria do Mundo, com mais razaõ deve hum Religioso apurar o discurso para acrisolar perfeições, e requintar modélos na elevaçaõ do seu estado.

25 O tirar fezes do ouro he muito vulgar; mas tirar ouro das fezes difficil he de fazer. Este arbitrio de tirar fezes do ouro costumaõ fazer alguns Religiosos, que sahíraõ ruins discipulos, tirando fezes, com que se chegaõ a perverter, do proprio ouro da educaçaõ, com que os Mestres os souberaõ doutrinar. Em quanto Noviços foraõ humildes, modestos, obedientes, e observantes; e depois de professos soberbos, deshonestos, inobedientes, e temerarios. Em quan-

quanto Noviços beijavaõ o chaõ; e jà nem o escapulario beijaõ: abaixavaõ o corpo; e jà nem a cabeça abaixaõ, parecendo-lhes que as ceremonias dos Religiosos saõ sómente para os Noviços, tendo por ludibrio a doutrina, que recebêraõ, e a observaçaõ dos costumes, com que os educáraõ; e naõ cahem neste absurdo só os ignorantes, mas tambem os discretos; que podem mais os arrojos da mocidade, que os documentos da prudencia, disse Plutarco.

26 Estes saõ os Religiosos, que vulgarmente tiraõ fezes do ouro; e se com pouco trabalho, naõ he com pouca stulticia. Naõ tomeis destes o exemplo, porque só o deveis tomar daquelles Religiosos, que à custa da sua virtuosa diligencia tiraõ ouro das fezes, para mayor perfeiçaõ da vida; que ainda que he com difficuldade, disse Seneca, que costumaõ as difficuldades dar mayor lustre ao merecimento.

27 Para hum Religioso requintar as perfeiçoẽs do seu estado, ha de desterrar a lembrança do que foy, passando pelo Lethes o preterito, para melhor desafogo do presente, que he o estado, em que se acha; e

nelle

nelle naõ poderá ſublimar-ſe, ſem o principal fundamento da humildade; que naõ póde haver para hum Religioſo mayor magnificencia, que o cabal conhecimento de ſi proprio: aſſim o expreſſa Santo Agoſtinho, tratando da alma, e eſpirito: *Sem o conhecimento proprio naõ póde haver cabal conhecimento do que ſomos, cuja reflexaõ he baze de ſuperior humildade; e ſem humildade naõ póde haver fundamento em qualquer virtude.*

Lib. de ſpirit. & anim. c.51.

28 Demos por ſuppoſto que a educaçaõ do Noviço foy limitada, ou menos rigoroſa; eſte terá mayor luſtre no merecimento, ſe das fezes da educaçaõ por diminuta, com que foy educado, tirar o ouro da perfeiçaõ, com que o virem luzido; e logrará mayor preeminencia o Religioſo, que for perfeito, ſendo menos opprimido, que aquelle, que tiver ſido mais caſtigado. E para melhor vos aperfeiçoares, fazey continuamente a reflexaõ do que foſtes, do que ſois, e do que haveis de ſer; donde vieſtes, aonde eſtais, e para onde haveis de hir, trazendo ſempre na memoria os votos, que profeſſaſtes.

29 O primeiro voto he o da Obediencia: vede que sacrificastes a Deos a melhor prenda, que vos deo, que he a liberdade; por cuja causa disse Christo: *Quem quizer ser perfeito, e seguirme, negue a sua vontade.* E he certo; porque a vontade de Deos só se póde achar aonde a nossa se naõ puder descubrir; e assim haveis de advertir, que a Obediencia he sombra, que segue o corpo do Religioso, que caminha para o Ceo; que como Deos he Sol, da propria vontade, que se lhe sacrifica, lhe fórma sombra, com que o illustra.

30 O segundo voto he o da Pobreza: Saõ Joaõ Damasceno vos dá o documento necessario, dizendo, que deixar o Mundo por amor de Christo naõ he outra cousa mais, que hum odio voluntario, e negaçaõ da natureza a todos os bens, que saõ sobre ella; e o mesmo Christo vos dá o exemplo, nascendo pobre, vivendo pobre, e morrendo pobre: assim que a pobreza voluntaria he coroa, que exalta, palma, que illustra. Porèm adverti com muito, e muito grande ponderaçaõ, que o voto da Pobreza naõ sendo exactamente observado, leva muitos

Re-

Religiosos ao Inferno pelo pouco escrupulo, que delle fazem. Vede que para possuires o que a Religiaõ vos der, ou deixar adquirir, basta a licença tacita para o dispenderes com a vossa pessoa; e naõ sendo comvosco, he precisa a licença expressa; e sem esta he peccar contra o voto da Pobreza, de que muitos Religiosos naõ fazem caso.

31 O terceiro voto he o da Castidade: vede que esta virtude he huma flor muito mimosa, hum vidro transparente, e huma menina dos olhos; e assim adverti, que a flor o proprio Sol, que a abre, a murcha; o vidro a maõ, que o toca, o quebra; e a menina dos olhos a luz, que a illustra, a offende; porque he taõ melindrosa esta virtude da Castidade, que da memoria como flor fórma estimulo; do entendimento como vidro se cega, e quebra; e da vontade como menina facilmente se perde; e assim para que observeis esta virtude da Castidade, he preciso que vos sirva de flor para o peito; de vidro, em que vejais o que se alcança, senaõ se quebra; e de menina dos olhos, em que vos promette muitas capellas.

32 O quarto voto he o da Hospitalidade : jà tendes visto a materia , e fórma reduzida a huma perfeita caridade , virtude , que sem ella ninguem se póde salvar , e como coroa de todas logra o brazaõ de só assistir no Ceo ; porque a Fé com o corpo morre , a Esperança com o mesmo acaba , e a Caridade com a alma permanece. Naõ vos sirva de mortificaçaõ as impaciencias dos enfermos , nem o tempo , que gastares na sua assistencia , que nisso tereis mayor gloria ; porque huma alma bem póde para o Inferno correr sem pés ; mas para o Ceo naõ póde voar sem penas ; e só pela estrada da mortificaçaõ , e paciencia he que se vay à Bemaventurança.

CAPITULO III.

Advertencias para o Religioso acabados os annos do seu Coristado.

33 TEndes acabado o vosso Coristado , jà sois Padre da Communidade , e naõ vos pareça sois Padre da Provincia ; ainda que sejais velho na idade ,

ſois moço no habito. Uſay ſempre de toda a politica, que he couſa, que cuſta pouco, e vale muito. Aos Religioſos velhos tratay com toda a urbanidade, que no ſeculo he o reſpeito à medida do ſogeito, e na Religiaõ correm parelhas o reſpeito com os annos; porque os Religioſos todos ſaõ iguaes, naõ deve haver diſtinçaõ de Fidalgo, Nobre, ou Mecanico, todos ſaõ homens do habito; o mais grave he o mais bem procedido, e o mais honrado he o mais virtuoſo; e a eſtes he que haveis mais de venerar, converſar, e attender.

34 Se tiveres alguma magoa, buſcay algum Religioſo ſciente, com quem a communiqueis; porque à ſabedoria chamou Saõ Bernardo governo, e moderaçaõ das triſtezas; e Euripedes, que era o baculo da vida humana; e ſaude da enfermidade da alma a intitulou Cicero. E ſe eſtes ſcientes forem diſcretos, ſerá muito melhor, e o conſelho, que vos der, mais conveniente, e proveitoſo; porque ſciencia ſem entendimento he loucura dobrada, como lhe chamou Diogenes.

35 Procuray ſer o primeiro em todos

os

os actos da Communidade, quando a campainha se tocar; que a lingoas de bronze, pés de prata; aquella pelo que soa, e esta pelo que corre. Quando acudires, hide gostoso, e naõ contrafeito; porque a repugnancia da vontade deslustra o merecimento do serviço. Tomay o exemplo no Santo Job, que anhelava escrevesse Deos hum livro, que elle tomasse aos hombros, e depois lhe servisse de capella para coroarse. S. Gregorio laureando o referido, diz, que este livro he a Sagrada Escritura, o qual tomando-se aos hombros, he cumprir por obra o que Deos nos manda; e quem cumpre o que Deos pela sua Ley nos ordena, e aconselha, do seu trabalho resultará o descanço, e a carga dos hombros em coroa da cabeça.

Job 31.35.36.

Lib. Moral. 22. cap. 14.

36 Ponderay com grande advertencia, que sendo o amor de Deos, e do proximo a quinta essencia, e resumo de toda a Sagrada Escritura, e Ley Divina, como disse Christo pelo seu Apostolo, claramente se verefica, que exercitando-vos com vivo affecto em obras de amor de Deos, e do proximo, cumprindo com inteireza, e re-

Matth. 22. 40. ad Rom. 13. 11.

ctidaõ o voto da Hospitalidade, curando, e tomando os enfermos às costas, como muitas vezes fazemos à imitaçaõ do nosso Patriarca, he o mesmo, que tomar o livro de Job aos hombros; e sendo com amor, e paciencia, das proprias folhas do sofrimento vos formará Deos a capella na Bemaventurança.

37 He taõ preeminente o nosso exercicio da Hospitalidade, e sustenta em si taõ relevantes luzes de virtude, que atè a cegueira dos Ethnicos a admirou, e seguio, como consta de Juliano Apostata, que escrevendo a Arsenio, Bispo de Galacia, lhe recomendou o cuidado dos Hospitaes; e naõ só em diversas partes do Mundo he antigo este exercicio hospitalario, mas muito louvado, e applaudido, como refere Suetonio, que houve em Roma hum Hospital para enfermos no Templo de Esculapio. Mas ainda para mayor excellencia da caridade hospitalaria tem havido servos de Deos, que se tem exercitado em curar animaes enfermos, como consta da vida do Padre Gaspar Barseo, e na do servo de Deos Martinho Pora, Donato da Religiaõ de Saõ

Hist. Tripart. lib. 6. cap. 19.

Sueton. in Claud. c. 25.

In vitæ Barsai lib. 2. cap. 21.

Melend. *nos Thesouros verdadeirot das Indias.*

São Domingos, que em huma occasião resuscitou hum cão morto. E se Deos destas acções de caridade tanto se agrada, ainda executadas com animaes irracionaes, quanto mais se ha de agradar que as obremos, e executemos com os seus pobres enfermos, como o mesmo Senhor tanto nos recomenda?

38 Ideay motivos para teres sempre que fazer; porque o juizo occupado não admitte assaltos da vontade, disse Cicero; e não deixar passar o tempo sem fruto a minima parte delle, he conselho do Espirito Santo pelo Ecclesiastico; e he sem duvida, que a diversão dos desejos he o differente emprego dos discursos. Ecclesiast.23. & 14. 14.

39 Se tiveres com algum Religioso quimera, que vos tenha causado grande disgosto, buscay logo algum Religioso prudente, com quem a communiqueis, assim para que della não resulte mayor disturbio, como por não ser conveniente; que lançar cadeyas à pena, alèm de ser rigor, he confiar demasiado da tolerancia da dor, que esta reconcentrada carece de remedio, e só o desafogo lhe serve de alivio, disse Plinio.

40 Naõ procureis nunca occupações de governo, que estes mais vale merecellos sem os ter, que tellos sem os merecer, disse Aristoteles; e se algum Religioso os occupar sem ser benemerito, naõ o sintais, nem vos escandalizeis; porque ter prendas para os lograr he credito do merecimento; e lograllos sem prendas he favor da ventura, disse Plinio.

41 Se houver conversaçaõ, em que se ponha em questaõ a fortuna do Religioso, que logra a occupaçaõ sem merecimento, sempre vos poreis da sua parte, acodindo pela sua supposta capacidade; que a todos deve honrar quem de todos quer ser honrado; para cujo effeito fechareis as portas ao sentimento, sem admittir nem ainda nos arrebaldes da imaginaçaõ a minima parte da inveja, porque he principio de discordias, como lhe chamou Democrito; e enfermidade causada dos bens alheyos lhe chamou Cicero: occasionadora de opulencias estranhas a definio Salustio: tormento de virtudes a descreveo Quinto Cursio: castigo de si mesmo a intitulou Ovidio: raiz de homicidios lhe chamou S. Joaõ Chrysostomo;

mo; e assim fazey a reflexaõ, que se engrandeceres a quem o naõ merece, a vós mesmo authorisaes; e pelo contrario a palavra, que offende, a mesma lingua aniquilla; e naõ invejando o bem, e naõ fallando mal, cumprireis com a Ley Divina, que manda naõ murmuremos do nosso proximo.

42 Fugi das occasiões de murmurar, se de prudente vos quizeres engrandecer; e se acaso naõ puderes fugir, naõ respondais; porque o calado tem a lingua no coraçaõ, e o maldizente tem o coraçaõ na lingua; e quem murmura do proximo offende a Deos, porque a honra, e a fama he o sangue da alma: por isso a Sagrada Escritura Psalm. 56. 5.
compara os dentes dos murmuradores às settas, porque mataõ de longe, e mordem de perto; e o Apostolo Sant-Iago na sua Jacob. 1. 26.
Canonica adverte, que se algum se tem por Religioso naõ refreando a sua lingua, o seu coraçaõ o engana, e a sua Religiaõ he vã. E assim primeiro que falleis, estuday o que haveis de dizer, que sendo as palavras estudadas, naõ seraõ mal proferidas, fazendo reflexaõ de naõ aggravar a Deos, nem

ao proximo; e naõ obstante esta premeditaçaõ, naõ falleis se vos naõ tocar; que maçanetas de ouro em leito de prata chamou Salamaõ às palavras ditas a seu tempo; e fóra de tempo, ainda que sejaõ bem pronunciadas, nunca saõ bem applaudidas;
Eccl. 32. 10. e o Ecclesiastico adverte quatro circunstancias, com que se ha de fallar bem: primeira, no que lhe toca: segunda, pouco, e poucas vezes: terceira, de vagar, e com consideraçaõ: quarta, summaria, e resumidamente.

43 Se algum Religioso vos aggravar, naõ vos vingueis, que fazer bem aos ini-
Luc. 6. 27. migos he conselho do Euangelho. Tomay o exemplo em Christo no Calvario, que pedio a seu Eterno Pay perdoasse aos seus inimigos, que naõ sabiaõ o que faziaõ. Isto he pelo que toca ao Divino; e pelo que respeita ao humano, em hum peito Religioso mais lugar tem a clemencia, que a vingança. Bem sey que com mayor razaõ se deve sentir a offensa causada da pessoa, de quem se esperava o favor, e a ingratidaõ de quem mais se esperava o conhecimento, e o aggravo de quem se esperava

rava o beneficio; e tambem reconheço, que dos aggravos recebidos repugna à memoria o esquecimento, como disse Cicero; porèm para se obrar com prudencia, e acerto, disse Seneca, que dar passagem aos aggravos he liçaõ para naõ sentir desprezos.

44 De todos os vossos Irmãos Religiosos sereis amigo, mas nem de todos vos fieis; e como naõ ha regra sem excepçaõ, se achares entre elles algum bom amigo, fazey muito pelo conservar; que naõ ha mais segura riqueza para a vida, que hum bom amigo, disse Plutarco; e o Ecclesiastico o encarece, dizendo, que achar hum amigo verdadeiro, he o mesmo, que achar hum grande thesouro, e tal, que o de ouro, e prata naõ tem comparaçaõ com elle; e com razaõ, porque se o amigo he verdadeiro, com elle se sustentaõ as prosperidades, remedea-se a falta, estima-se a bonança, chora-se a dor, alivia-se a magoa, e festeja-se o contentamento, disse Cornelio. Eccl. 6. 14.

45 He o amigo a segunda alma, que o amigo anima, disse Aristoteles; porèm vede que para o elegeres he necessario trez

cou-

cousas : Descanço, prevençaõ, e cautella, disse Seneca; e para o experimentares, he preciso aguardeis alguma mudança da fortuna, disse Cicero; e se nesta o achares firme, fazey delle toda a estimaçaõ; porque naõ saõ mayores os vinculos do sangue, que os da amizade; porque os do sangue procedêraõ da natureza, e os da amizade procedêraõ da eleiçaõ; e nem sempre a natureza póde dar o que o entendimento sabe escolher, disse Cicero. E naõ obstante todo o referido, por nenhum caso, ou principio tomeis amizade com o que tiver quebrado com outro amigo, que he documento de S. Joaõ Chrysostomo. Mais ainda vos recomendo, que se no vosso peito houver algum segredo grande, nem ao vosso amigo o communiqueis; que tambem entre os amigos ha segredos reservados. O exemplo tendes em Sansaõ para com Dalila, e outros muitos; que se a alma do negocio he o segredo, reputa-se por falecido se he communicado; e ha casos, que ainda por outrem imaginado se avalia por perdido.

Serm. 1. de Martyribus.

46 Se obrares finezas por algum Religioso, e este vos corresponder com ingratidaõ,

tidaõ, fazey capricho de obrar por elle novas finezas; que quanto menos se espera a remuneraçaõ do agradecimento, tanto mayor fica sendo o louvor, que merece o beneficio, disse Santo Agostinho; que ha muitos, que por se desobrigarem da paga formaõ culpa do beneficio, disse Euripedes; e Seneca disse, que ha quatro especies de ingratos: primeiro ingrato, o que nega haver recebido o beneficio: segundo ingrato, o que lhe naõ dá retorno: terceiro ingrato, o que dissimula: quarto ingratissimo, o que delle se esquece. Livray-vos vós de incorreres nesta censura; porque he taõ abominavel este vicio da ingratidaõ, que com haver nações barbaras no Mundo, que de vicios se prezaõ, naõ ha quem de ingrato se jacte, nem de desconhecido se confesse. Quintiliano chamou à ingratidaõ o mayor de todos os vicios; Erasmo o mais rigoroso dos aggravos; homicidio dos beneficios descreveo Santo Ambrosio era a ingratidaõ; e por fim he vicio sem escusa, e delicto sem desculpa.

Senec. de Benefic. lib. 3. cap. 1.

47 Se alguem vos enganar, seja só huma vez; que cahir em segundo engano he igno-

ignorancia do juizo, e descuido da prudencia, disse Ovidio. E se ao Prelado, ou a outra qualquer pessoa pedires algum favor, seja com submissaõ; que a humildade no pedir he benevolencia para alcançar, disse Quintiliano.

48 Fugi de seculares como se fossem inimigos: nunca com elles communiqueis cousa, que pertença à Religiaõ, ou à Communidade: diante delles observay a melhor modestia, naõ obrando acçaõ, que provoque a censura; porque ordinariamente saõ os mais delles pouco affectos aos Religiosos, naõ por odio, mas sim pela diversidade de estados; porque os seculares pertencem ao Mundo, e os Religiosos sacrificáraõ-se a Deos. S. Joaõ apura mais este desaffecto, que os seculares tem aos Religiosos, pois o capitula por odio, dizendo:
Joan. 17. 14. *Os do Mundo tem odio aos que naõ saõ do Mundo.* E alèm desta justificada razaõ, se refundem na inveja do descanso, e honra, que logra os Religiosos, sem a menor fadiga, e trabalho do seculo; e por nisto mesmo alcançarem a promessa de Christo,
Matth. 33. referida por S. Mattheus: *Buscay primeiro o Rey-*

o Reyno do Ceo, e as virtudes, e tudo o mais se vos dará de crescença.

49 Naõ saõ amigos dos Religiosos os mais dos seculares, naõ só pelas preeminencias, que os Religiosos lograõ, mas tambem pelos verem amortalhados, e fóra das sepulturas, que saõ os seus Conventos. Naõ vos posso dar documentos para vos quererem bem, porque ainda que hum Religioso faça milagres, lhe naõ daõ credito os seculares atè o naõ verem canonizado; mas para vos naõ quererem mal, vos darey o arbitrio de lhe naõ apparecer diante, observando o recolhimento do Padre Fr. Pedro de Torres, Religioso de S. Jeronymo, que em quarenta annos naõ pedio licença para sahir fóra do Mosteiro. E na mesma fórma cincoenta annos o P. Fr. Filippe Richi, da dita Ordem. Se sahires fóra, seja poucas vezes, que assim nem ao Prelado tanto haveis de enfadar, nem aos seculares tanto haveis de aborrecer.

50 Disse hum sabio, que a mulher em casa havia de estar cozendo, e fóra de casa na Igreja orando; e que o homem em casa havia de estar lendo, e fóra de casa

no campo peleijando. Ao mesmo respeito dissera eu, que o Religioso na cella deve estar estudando, e fóra da cella no Coro rezando: dentro do Convento deve estar occupado, e fóra delle no Pulpito prégando. Os da nossa Religiaõ, estando o Religioso na cella, deve estar rezando, e fóra della no Coro meditando: dentro do Convento nas enfermarias trabalhando, e fóra delle os pobres acarretando.

51 Vede que os Religiosos saõ o rosto da Igreja, como disse Origenes; e se no rosto he grande qualquer pequeno defeito, que será na boca dos Religiosos as palavras menos compostas, e nuas de bom exemplo, principalmente diante de seculares? S. Bernardo reputou por blasfemias as palavras de galantaria na boca do Religioso. E que epiteto se poderáõ dar às menos compostas diante de seculares? Este fallar dissonante he para o Religioso gravissimo achaque; o que o tiver, delle se deve curar, e radicalmente para ficar bom o Religioso. Seneca só com o discurso natural disse, que naõ estava o homem bom só com os seus vicios diminuidos, senaõ o que os tinha de

Orig. Hom. 1. in cant.

Div. Bernard. lib. 2. de consid. ad Eugen.

Senec. Epist. 86.

si

si desterrados. E se hum homem sem a luz Euangelica dá este documento, que deve fazer quem pelos votos està sacrificado a Deos no gremio da Fé, e da Religiaõ?

52 Se vos achares em algum divertimento Religioso, ainda que vos persuadaõ a tocar, bailar, ou cantar, o naõ façais, principalmente diante de seculares, porque elles saõ homens do Mundo, e vós sacrificado a Deos pelos votos, que professastes. Os antigos Nazarenos, que se obrigavaõ com voto, chamavaõ-se Corban, que he o mesmo, que peça de Deos; e a estes Nazarenos succedêraõ na Igreja os Religiosos; e como qualquer delles he peça de Deos, só no seu serviço se devem empregar, e de todo o escandalo fugir.

Bar. An. 53. num. ultim. Joseph. lib. 4. Antiq. 6. 4.

53 Se os seculares murmurarem de vós, tendo motivo, e razaõ, emenday-vos; que quem he causa da causa, he causa do causado. Se vos injuriarem sem motivo, nem razaõ, naõ vos desaggraveis, Deos lhes dará o castigo, como fez aos rapazes de Bethel, que zombando do Profeta Eliseo, chamando-lhe calvo, quiz Deos sahissem do mato dous Ussos, que despedaçáraõ quarenta 4. Reg. 2. 25.

rента

renta e dous delles; e como castigou os Inglezes Estrodenses, que por cortarem a cau-
Polydor. lib. 14. cap. 103. da do cavallo de Santo Thomaz, Arcebispo de Cantuaria, todos os descendentes da execuçaõ nascêraõ com caudas semelhantes para exemplo dos que naõ obraõ bem, e dos que fallaõ mal.

54 Grande he o affecto, com que vos tenho recomendado a vigilancia caritativa na assistencia dos enfermos. Grande he o merecimento do jejum, porque he sacrificio; mas muito mayor he o curar, e assistir aos enfermos, porque he misericordia. Jà Deos declarou, que antes queria miseri-
Matth. 9. 12. cordia, que sacrificio, como refere S. Mattheus. Assim que se assistires aos enfermos com toda a caridade, vos fareis semelhantes a Deos; porque S. Joaõ naõ disse, que era jejum, ou abstinencia o mesmo Deos; senaõ que Deos era a mesma Caridade; e lograreis tal preeminencia, quando exercitares com os enfermos os actos de caridade, que estareis em Deos, e Deos em vós; e vos ficará lugar para dizeres (se perfeitamente a caridade exercitares) o que dizia S. Paulo, que naõ era elle o que vivia em

si,

si, senaõ Christo; e o que dizia Santa Angela de Fulgino, quando fallava com o Senhor: *Tu es eu, e eu sou tu.*

55 De parentes naõ façais caso com excesso, ainda que alguns Religiosos o façaõ; porque aquelles, que os nomeaõ, e fazem caso delles por honrados, persuadem-se muy erroneamente, que o habito, e o seu procedimento naõ he o que basta para a sua honorificencia; e os que fazem caso de alguns parentes, nomeando-os por taes, movidos do interesse por lhes darem alguma cousa, saõ como o povo Judaico, que Psalm. 48. 19.
só louvava a Deos quando lhe fazia bem; e vós nem para bem, nem para mal façais com extremo caso delles. Tomay o exemplo no Padre Antonio de Pina da Companhia de Jesus, que recebendo huma carta de seu irmaõ, a naõ quiz abrir nunca, e lhe deo a serventia de tampa do tinteiro. Outro exemplo tendes em Santo Arsenio, que estando no ermo, lhe levou hum Ministro o testamento de seu pay jà defunto, em que o deixava por herdeiro da sua grande fazenda; a quem o Santo pedio encarecidamente se retirasse, dizendo-lhe: *Onde*

se vio que os vivos instituaõ por herdeiros aos mortos? Outro exemplo no Papa Clemente IV. que ordenando-se depois de viuvo, foraõ duas filhas suas pedirlhe as favorecesse, estando jà no Pontificado; o qual lhes disse as naõ conhecia, e que os Papas naõ tinhaõ filhas; em que se deixa entender, que as filhas dos Papas saõ as almas dos Catholicos, de quem a Igreja he Mãy. E se a Religiaõ he Mãy do Religioso, e seu Pay he o seu Prelado, e seus Irmãos os seus Religiosos, segue-se que naõ deve fazer mais caso dos parentes do seculo, pois que na Religiaõ tem toda a sua genealogia. Ao mesmo intento diz o Bemaventurado S. Basilio, que este affecto, e compaixaõ natural dos parentes costuma algumas vezes pôr em tal estado o Religioso, e chegar a taes termos, que vem a fazer sacrilegio humano à Religiaõ para os soccorrer, e muitas vezes com algum escrupulo de consciencia contra o voto da Pobreza; e a isto accrescenta, que a affeiçaõ dos parentes cega de tal modo, que faz se naõ repare nas cousas, e lhes pareça licito o que algumas vezes he illicito; e os persuade, que naõ he contra o voto

Div. Basil. in Constit. Monach. cap. 21.

voto da Pobreza, o que na realidade he contra o mesmo voto. Com razaõ disse Christo, como consta do Euangelho: *Se alguem quizer vir em meu seguimento, e naõ aborrecer seu pay, e sua mãy, filhos, mulher, irmãos, e tambem a si mesmo, naõ póde ser meu Discipulo.* Assim tambem como buscastes a Deos, haveis de ter hum odio santo a vossos pays, e parentes, naõ condescendendo com elles, mas contradizendo-os em tudo aquillo, que for impedimento para a vossa salvaçaõ. S. Bernardo aconselha, que o modo, com que havemos de tratar os parentes, quando nos quizerem apartar do fim da nossa profissaõ, he dando-lhes de maõ. Tambem consta do Euangelho, que aquelles dous mancebos, que queriaõ seguir a Christo, o primeiro lhe pedio licença para hir dispôr da sua fazenda, e legitima, a quem o Senhor respondeo: *O que lança maõ do arado, e olha para traz, naõ he apto para o Reyno do Ceo.* O segundo lhe pedio licença para enterrar a seu pay, e o Senhor lha naõ deo, respondendo-lhe: *Deixay aos mortos enterrar os seus mortos.* Sobre as quaes palavras diz

Matth 76.

Matth. 10. 36.

Div. Bernard. Serm. de Dominic. 1. post oct. Epiphan.

Luc. 9. 62.

Luc. 9. 60.

Theofilacto: *Se ainda para enterrar seu pay naõ deo o Senhor licença a este mancebo, ay daquelles, que professaõ vida Religiosa, e tornaõ aos negocios mundanos, e seculares?*

56 Da confiança demaziada nascêraõ sempre muitos erros; por cuja razaõ se o Prelado for vosso amigo, e vos der confianças, naõ tomeis mais, que o dizimo dellas, e escolhey sempre as mais leves; porque se vo-las quizer tirar, vos façaõ pouco pezo, ou pouco pezar, quando as largares.

57 Naõ formeis quimeras com o Prelado em materia alguma, nem questaõ, em que vos percise a razaõ contradizello; porque he raro o Prelado, que se sugeita à razaõ do subdito, por mais discreto, que o reconheça; como he Prelado, naõ só ao subdito quer dominar, mas tambem o seu discurso quer submeter.

58 Quando o Prelado vos reprehender, se quizeres que seja pouco, callay-vos muito. Se tiveres que responder, seja muito breve, para que o cargo se naõ faça longo. Usay sempre de humildade nesta, e nas mais occasiões; porque nos ensina o

Pro-

Proverbio, que naõ ha cousa, que mais a- Prov. 15. 1.
plaque o furor, que a humildade, e a brandura. E se o Prelado vos constituir cumplice da culpa, que naõ commettestes, tendo outro Religioso nella delinquido, naõ vos impacienteis; porque ser arguido por culpa de outro naõ he delicto; dizey-lhe com modestia se informe melhor; que a verdade por si mesma se manifesta, disse Seneca. Se isto o naõ moderar, offerecey a Deos a sem razaõ do Prelado por acto meritorio das vossas culpas, que assim fez David, quando naõ quiz que os seus tomassem vingança do impio Simey, que o amaldiçoava. *Deixay-o amaldiçoar, (lhes disse)* 2.Reg.16.11.
por se acaso se compadece Deos por esta causa da minha afflicçaõ, e me faz algum bem por este mal.

59 Quando fores veterano, naõ movais diante dos Religiosos moços conversaçaõ jocosa; que a pouca idade como arvore nova qualquer zefiro a move; e póde haver no conclave alguns modestos, ainda que moços, que se escandalizem, e ficareis cumplice no que Christo disse, referido por S. Mattheus: *Quem escandalizar aos peque-* Matth. 18. 6.

nos, merece que o lancem no profundo do mar com huma pedra de moinho ao pescoço. E he taõ impropria a conversaçaõ jocosa nos Religiosos, que o Patriarca S. Bento a prohibio aos seus Religiosos na sua Regra, para que a naõ proferissem em qualquer lugar, que fosse, ou tempo, que se lhes offerecesse.

Sanct. Bened. cap. 6.

60 Se o Prelado determinar o que haveis de fazer, naõ vos haveis de eximir, nem escusar, nem ainda pedir-lhe que vos livre da tal occupaçaõ, ou trabalho, e vos dê outro, ou outra occupaçaõ; porque he trocer com rogos a vontade do Prelado, e faltar à prompta obediencia; que naõ deve haver mais demora em o Religioso obedecer, que aquella, que o Prelado fizer em o mandar; e ainda que vos conceda o favor, livrando-vos do trabalho, que vos dava, dando-vos outro por graça, naõ vos eximís da culpa; porque o Prelado contrafaz a sua vontade, por satisfazer a vossa; e contra a vontade do Prelado nada he perfeito, e muito perigoso. O exemplo tendes em Jonas, que perigou hindo em huma náo, e naõ perigou no ventre da baleya; porque na baleya entrou por determinaçaõ

da

da vontade Divina; e na náo entrou por vontade propria, afastando-se da Divina. E como a vontade do Prelado he a de Deos, o que elle determinar he o melhor; que ainda que vos naõ pareça acertado, naõ haveis de errar; porque disse Seneca, que o caminho, que se naõ póde errar, he a estrada do obedecer.

61 Se vires que algum Religioso obra alguma acçaõ menos decente ao seu estado, como irmaõ o deveis logo advertir, para que naõ tenha lugar de se percipitar, nem o Prelado occasiaõ para o reprehender; e se elle se naõ quizer emendar, vede se por algum caminho o podeis divertir, sem que o Prelado o chegue a saber; e se isto naõ bastar, primeiro está a Religiaõ, que o Religioso. O mesmo deveis executar com o Prelado, se nelle houver descuido, que pertença à sua obrigaçaõ, ou exemplo, ainda que muitos tem por grande injuria, que o subdito lhe manifeste o que se lhe estranha, tendo para si que o Prelado ao subdito póde corregir, e o subdito ao Prelado com nenhum pretexto o póde admoestar; sendo certo, que por falta desta ad-

vertencia póde a observancia ter deslustre, e quiçá descredito a Religiaõ; por cuja razaõ para obviar o prejuizo, de que a murmuraçaõ com deslustre cresça, e a observancia se naõ diminua, deve o subdito admoestar o Prelado, advertindo-lhe o mal, que obra, e o quanto se lhe estranha; porèm ha de ser com modestia, e suavidade, que assim o ensina o Apostolo S. Paulo; e he doutrina de Santo Thomaz bem assentada, que a pessoa constituida em preeminencia, ou dignidade, se naõ póde izentar de ser corregida, quando a causa he bem fundada.

1. Timoth. 5. 1. D. Thom. 22. q. 13. artic. 4. Valent. d. 3.

62 Ha resoluções muito maduras em idade muito verde. Se sois ainda moço, procuray desde logo adquirir boa fama, que he coroa da estimaçaõ, e palma do espirito. Fugi de communicaçaõ com mulheres, ainda que sejaõ velhas, que a paixaõ, e sensualidade da carne he fogo, e este achando materia mais seca, mais facilmente se ateya; razaõ, por que em huma Congregaçaõ de Cardeaes se resolveo expellissem de casa de dous Clerigos velhos duas amas velhas. O Bispo Villarroel o refere.

Part. 1. *do Governo Ecclesiastico* quæst. 2. artic. 6. n. 18.

63 Ve-

63 Vede que hum navio, tendo na terra o seu nascimento, depois de estar no mar he a terra o seu naufragio. O mesmo se verefica em hum Religioso, que tendo o seu nascimento no seculo, depois de estar na Religiaõ he o seculo o seu naufragio; porque neste Oceano saõ as amizades a terra, que o faz perder, e os amigos saõ os cachopos, que o faz precipitar; servindo-lhe as suas conversações de tormenta para a perdiçaõ, pois lhe trazem à memoria o passado, em que corre perigo o apetite sensual, sem advertirem que arruina, e destroe as forças do corpo, e da alma, como disse S. Bernardo. Tom. 1. Sermon. 24.

64 Vede se na vossa puericia podeis grangear bom nome, que se nella perderes a reputaçaõ, naõ só na adolescencia a naõ haveis de achar, mas nem na decrepita a haveis de adquirir; porque o primeiro, que se ouve, delle tomaõ posse os ouvidos; e os olhos do primeiro, que se vê. O primeiro conceito, que se imprime na alma, parece se grava em bronze, sem admittir esquecimento; porèm se a vossa fragilidade vos fizer cahir, sabey-vos logo levan-

tar;

tar; que menos mal he ter errado, que perseverar no erro.

65 Se vos resolveres com firme proposito a seguir o caminho da virtude, e perfeiçaõ, vede se o podeis encubrir, sem a ninguem o dares a entender; porque o Sol por escondido naõ perde a primazia de ser espelho do dia, como lhe chamou Ovidio, nem alma do Mundo por eclipsado, como o intitulou Plinio. O mayor tormento de quem ama, he a necessidade, que tem de manifestar as finezas, que obra; porque o mayor gosto de as fazer, consiste em o desejo de as occultar. Se a vossa fineza for grande para com Deos, naõ vos cause tormento a necessidade de a demostrar, porque de tal extremo naõ careceis; como Deos he o objecto, escusado he que as superfluas acções o manifestem, quando o coraçaõ para com Deos se communica. Jà houve quem disse, que o amor encuberto era o mais fino; e para com Deos he o mais realçado. Là disse Euripedes, que o amor desinteressado no querer, naõ procura o que sente testemunhar; porque allegar, e demostrar serviços, he aspirar o galardaõ; e co-

e como o amor para com Deos he taõ desinteressado, que se ama só por ser quem he, seria hypocrezia querer a virtude manifestar, quando ella por si mesma se deve descubrir. Obray com acerto tudo o que for dirigido ao caminho da virtude, que o amor para com Deos deve ser perfeito; e naõ como o profano, que nada obra como entende; porque do que entende tudo o contrario obra, disse Propercio. E mettendo-vos neste caminho da virtude, vede que o naõ hir adiante, he tornar atraz: nelle naõ haveis de parar, mas sim caminhar, e correr; advertindo, que a carreira naõ se julga por boa, quando começa, senaõ quando acaba.

66 Se ouvires alguma pendencia entre os Religiosos, naõ acudais, que assim he mais conveniente ao socego Religioso; e se na vossa presença se quizer armar, fazey muito por fugir, mas com dissimulaçaõ, para que naõ pareça cobardia, o que unicamente he prudencia. Fugi de sublevações na Communidade, e muito mais de assinar papeis para fazer mal a outrem, ou para elevações de governos, que vos naõ perten-

tencem; porque os sublevados rara vez ficaõ vitoriosos; e ainda que o fiquem, sempre vem a ser opprimidos, e mortificados; porque nem sempre a fortuna patrocina as ousadias, disse Cicero. Em governos naõ ha que fazer confiança; porque sem pés correm, e sem azas voaõ: quanto mais seguros se consideraõ, mais inconstantes se encontraõ; e he muito certo succederem com mais ligeireza as cousas naõ esperadas, que aquellas, que se esperaõ; porque humas adianta a fortuna, e outras dilata o desejo, disse Plutarco. Quando o Religioso está morto, e abrazado nas chammas, feito Mariposa nos despresos da vida, facilmente se vê Fenix renascido das cinzas do esquecimento.

67 Vede se vos podeis livrar de parcialidades, que o naõ seguillas he o melhor, vivendo neutral, e amigo de todos, que he efficaz remedio para o socego da alma, e do corpo; porèm se vos metteres, persisti na firmeza; que a constancia he coroa do animo, disse Plinio; que se vos mudares no vencimento para quem sahio vitorioso, ficareis exposto à calumnia de inconstante, assim

assim para os vencedores, como para os vencidos. Mais vale ser pobre firme, que rico inconstante; e naõ menos huma morte com honra, que huma vida sem ella, como disse Aristoteles. Ao mesmo respeito podeis entender, que mais vale ficar subdito com honra, que Prelado com discredito; que se naõ se póde viver sem desejar, bem se póde viver sem possuir, disse Santo Agostinho.

68 Se naõ souberes murmurar, e naõ quizeres aprender, fugi dos ajuntamentos de Religiosos, que costuma haver nas cellas dos Prelados; que estes sempre folgaõ de ouvir, para observarem o que he digno de se emendar.

69 Se quando estiveres enfermo houveres de receber o Sagrado Viatico, adverti, que assim como a luz no occaso do seu resplandor para se apagar torna a renascer com novos, e vitaes alentos para se consumir nas proprias cinzas da materia, que a fazia arder, dando mayor luz por ver se lhe acabaõ os instantes de luzir; da mesma fórma vos haveis vós de confessar, considerando que he a ultima, que haveis de fa-

zer, pela vida se acabar, para que seja grande, ardente, e luzida.

70 Pedireis a algum Religioso vos faça hum inventario de tudo o que for do vosso uso, o qual assinareis pela vossa maõ. Neste haveis de declarar as dividas, que vós deveis, e as que vos devem, e encargos, que tiveres; e com as chaves dos baús o tereis prevenido, e prompto debaixo da cabeceira, para o entregares ao Prelado, quando fizeres desaproprio, para que elle o entregue a quem lhe parecer, com a segurança, que nada tenha descaminho.

71 Depois que o Sacerdote tiver acabado de proferir as palavras: *Domine*, &c. fareis ao Santissimo huma breve exclamaçaõ, v. g. *Senhor, nas vossas Divinas mãos ponho a minha alma, e a minha vida; pela vossa infinita misericordia vos peço arrependido o perdaõ das minhas culpas.*

72 Logo dareis ao Prelado as chaves, e o inventario, dizendo: *E nas mãos de V. R. Padre Prior ponho o meu desaproprio de tudo quanto era do meu uso; e como jà naõ tenho nada, lhe peço pelo amor de Deos hum habito velho para me amortalharem; e junta-*

tamente lhe peço por aquelle Divino Senhor sacramentado me perdoe, e toda esta Religiosa Communidade os aggravos, que de mim tiverem recebido; e naõ só aos presentes, mas tambem aos ausentes peço o mesmo, e do máo exemplo, que lhes dey em todas as minhas acções; e em particular lhes peço meus Padres, e Irmãos, naõ deixem para a hora da morte o melhor negocio da vida.

73 Tornareis a fallar com o Senhor, dizendo: *Peza-me meu Deos de todo o meu coraçaõ de vos ter offendido; e appellando para a vossa infinita misericordia, me sacrifico nas vossas Divinas mãos, para que se faça em mim a vossa Divina vontade.* E acabada esta exclamaçaõ, commungareis.

74 He a morte, quando visinha aos ultimos dias da vida, perturbaçaõ dos sentidos, confusaõ dos discursos, bataria do coraçaõ, assalto da memoria, queixa contra o tempo, embargo do desejo, desesperaçaõ do cuidado, perigo temido, e remedio duvidoso, disse Cicero. Estes saõ os canhões de bater, com que a morte costuma abrir brecha a huma alma, quando a vê sitiada com a ultima enfermidade; e o peyor

peyor he quando a leva por entrepreza; ſem poder pautear, ou fazer tregoas, para curar as chagas da culpa, e enterrar os peccados em hum mar de lagrimas; razaõ, por que vos deveis prevenir, para vos naõ apanhar deſcuidado. Fechay as portas da alma, que ſaõ os ſentidos; que ſendo grande mal o ter peccado na vida, muito peyor he perſeverar na culpa atè a hora da morte. Fortalecey a voſſa alma para naõ ſer vencida dos inimigos, que a coſtumaõ bloquear, para que naõ chegueis a perder, o que ſe naõ póde reſtaurar.

CAPITULO IV.

Advertencias para o Prelado Local.

75 ALèm do que ordena o Capitulo quarenta das noſſas Conſtituições, vos advirto naõ mandeis por outro Religioſo tomar poſſe da Caſa, donde vos elegerem Prelado; porque he conveniente, e preciſo tomeis peſſoalmente poſſe de tudo o que haveis de dar conta. Fazey muito para que o voſſo Preſidente ſeja Religioſo pru-

prudente, e benemerito, com capacidade de poder substituir a vossa ausencia. Livray-vos de pedir ao Prelado Superior Religioso algum distintamente para a vossa companhia, nem persuadir a nenhum o solicite; que assim tendes occasiaõ mais propria para o castigar, se delinquir, ou para lhe pedires mudança, se a merecer.

76 Tendo jà a vossa Casa completa com os Religiosos, que nella haõ de assistir, logo os officios haveis de prover. Na enfermaria poreis o mais caritativo, e vigilante: na Sacristia o mais limpo, e sezudo: na despensa o mais poupador, e zeloso: e na Portaria o mais discreto. Recomenday ao Enfermeiro a sua pezada, e meritoria obrigaçaõ, em que mortalmente ha de peccar, se com todo o cuidado a naõ fizer. Ao Sacristaõ o cuidado nas luzes do Santissimo, e renovaçaõ do Sacramento; e que naõ consinta que Clerigo, ou Religioso de outra Religiaõ abra o Sacrario sem licença vossa: que naõ permitta faculdade a Religioso algum, que falle na Igreja com mulheres por modo conversativo sem a vossa licença. Ao Despenseiro, que tenha todo

o cuidado no bem feito da comida, e aceyo do Refeitorio: tenha caridade com os Religiosos velhos, e doentes, para lhes dar aquillo, que lhes convier. Ao Porteiro, que assista na Portaria, se a naõ tiver fechada, assim de dia, como de noite: que acompanhe a pessoa, que vos procurar, ou a qualquer Religioso; e estando este fóra, lhe diga de quem foy procurado: que se algum moço trouxer para algum Religioso escrito, presente, ou recado, lhe vá sómente ensinar a porta da cella, sem o examinar de quem he, que traz, ou que recado lhe quer, por ser cousa, de que elle naõ está obrigado a dar conta.

77 Procuray ter familiaridade com todos os Prelados das Communidades, cumprimentando com agrado a gente principal do povo. Conservareis com benevolencia o vosso respeito, assim fóra, como dentro de casa. Observay, e fazey observar a Constituiçaõ; que a observancia he pedra de estancar murmurações, disse Euripedes. Com grande cuidado procuray o augmento da vossa Casa, para credito do vosso governo, que este naõ só consiste em deixar

sahir

sahir Frades fóra, mas tambem em metter officiaes para dentro. As obras, que fizeres, vos haõ de illustrar; porque o Prelado no que deixa se exalta; e no que leva se aniquilla.

78 Naõ admittais adulações dos vossos subditos; porque alèm de ser commum arbitrio das suas conveniencias, todo o lisongear he offender; pois se diz com a boca o contrario do que o entendimento julga; ainda que em muitos saõ mais admittidas as palavras, com que os lisongeaõ, que aquellas, com que os desenganaõ.

79 Naõ falteis a nenhum acto de Communidade, para que se faça perfeito; que ovelhas sem Pastor he muito certo perderse huma, e desgarrarse outra. Por isso Araõ na sua vara nos aponta a qualidade de hum bom Prelado. Esta vara era de amendoeira, à qual lhe chama o Hebraico vara vigilante, que primeiro que todas florece. Assim deve ser o bom Prelado, ha de ser o primeiro em todos os actos, para primeiro que todos florecer no exemplo, que lhes deve dar, e delle gere, e resulte para os subditos os devidos procedimentos, que assim o Jerem. 1. 10.

 acon-

Lib. 4. Ep. 3. aconselha São Pedro Damião; advertindo, que qualquer falta no Prelado he mais comprehensivel, que nos subditos; porque os eclipses do Sol todos os contemplaõ; que, como disse Plutarco, naõ podem encubrirse defeitos, ou malicia em poder grande; e se alguns defeitos ha nos pequenos, poucos os alcançaõ; que sempre as eminencias mayores saõ objecto de todas as notas, e imperfeições.

80 Se souberes que algum Religioso tem amizade em alguma casa com demaziada frequencia, ainda que seja de boa nota, restringilhe as licenças; porque todo o excessivo offende, ou naõ he util, disse Aristoteles. Aconselhareis ao Religioso se livre de semelhantes converſações, advertindo-lhe aquelle documento de São Nilo Abbade, o qual compara as vistas das mulheres com as setas ervadas, que naõ só ferem, mas corrompem; e accrescenta, que melhor he chegarse hum homem ao fogo, que avistarse com huma mulher; porque o fogo faz a hum homem fugir, e a vista da mulher o faz chegar; e Salviano chamou aos olhos minas naturaes, que vaõ dar ao cora-

Orat. 2. adversus viti.

coraçaõ ; donde se verefica, que chegar o fogo a estas minas, he arriscar que o coraçaõ se abraze.

81 Ha muita differença no governo dos Prelados, porque huns tem o governo sobre si, e outros debaixo de si. Os que tem o governo debaixo de si, saõ os que naõ seguem os actos da Communidade, e faltaõ às suas continuas, e gravissimas obrigações, recomendando-as a outrem, que he o mesmo, que fazerem-se tarde, mal, ou nunca. Estes saõ os que tem a dignidade debaixo de si, e naõ sobre si: lograõ della o honorifico, e naõ servem o honroso. Se o Prelado geme, e se queixa do pezo da occupaçaõ, he certo que a tem sobre si; porque por Gigante que seja, senaõ geme, he porque a naõ levanta; que atè os Gigantes gemem com o pezo, disse o Santo Job. Mas o que agora a occupa- Job. 26. 5.
çaõ lhe naõ peza nada, algum dia lhe ha de pezar muito. He discurso do Padre Ber- Tom. 2. pag. 207.
nardes na sua Floresta.

82 Naõ desprezeis nenhum subdito, que alèm de ser obrigaçaõ vossa o amallos, a tendes tambem de vos conformar com

os seus genios, naõ sendo reprehensiveis. He sentença do Apostolo, que com os alegres nos manda alegrar, e com os tristes entristecer. Vede que o Prelado deve ter trez condições; se as naõ tiveres, fazey muito pelas adquirir, as quaes saõ: Experiencia, zelo, e prudencia. Esta condiçaõ da prudencia, sendo muito precisa para o Prelado, se o subdito a naõ tiver, naõ bastará a prudencia propria do mais prudente
Lib. 1. Dial. contr. Pelag. Prelado: assim o disse S. Jeronymo.

83 Quando souberes que os vossos subditos murmuraõ da vossa pessoa, se tiverem razaõ, obviay o que lhes der motivo; e naõ tendo razaõ, naõ façais caso das suas murmurações; porque o seu intuito he terem sómente motivo para conversar, razaõ, por que vos haveis de fazer desentendido.
1.Reg.10.27. Assim fazia Saul, quando delle mur-
Cartusian.ibi. muravaõ; porèm refere Cartusiano, que foy por evitar ou a crueldade do castigo, dando-se por entendido, ou por naõ parecer pusillanime naõ castigando; razaõ, por que se fez surdo.

84 Se algum Religioso vos pedir algum favor, (se o merecer) ainda que seja com

com pouca instancia, lho deveis conceder; porque efficazmente pede quem manifesta o que deseja, disse Plinio. E se concederes o favor, seja logo; porque correm parelhas a resposta do negar com as demoras do conceder, disse Quintiliano. Se fores amigo de algum Religioso, naõ seja a vossa amizade a que o facilite a máo procedimento; porque he disgraça, que causa incentivo grande para sentir, o poder peccar, na confiança de poder evitar o castigo de delinquir, disse Cicero. E nem ao Religioso amigo, nem a outro qualquer dareis licença para sahir fóra só por nenhum caso, que seja, ou pretexto, que se offereça; porque sahindo sem companheiro, será demonio solitario, como lhe chamou Saõ Bernardo.

85 Procuray saber tudo o que se passa na vossa Casa, para emendar o preciso, e dissimular o que naõ for pernicioso. Se algum Religioso vos disser cousa, que deslustre a outro, premeditay se será zelo, ou má vontade, para assim o attenderes, ou dissimulares; ainda que seja vicio proprio nos que governaõ abrir muito os ouvidos,

e acreditarem facilmente o mal, como disse Seneca. Deveis averiguar a verdade, para que sendo falso, ou verdadeiro, castigueis a quem o merecer, que assim fazia Mauricio, Duque de Saxonia; e assim o aconselha Filippe Comines. E para obrar com toda a rectidaõ, aconselha Seneca se abstenha o que governa de sentenciar precipitadamente.

Senec. in Oedip.

Auth. Axiom.

Comin. lib. 5.

Lib. 2. de Ira, cap. 22.

86 Bom he naõ dar ouvidos aos Religiosos, que formaõ quimeras, e ditos de pouca substancia; mas tambem naõ he conveniente que o Prelado se faça totalmente surdo, communicandose-lhe cousas, que pertencem ao governo, ou serviço de Deos; porque muitas cousas ha, que o Prelado ignora, e naõ he conveniente ignorallas. Se assim naõ fora, naõ dispuzera o Direito antigo se désse premio aos delatores; que era a quarta parte dos bens do delatado; e o mesmo documento deo o Emperador Basilio a Leaõ seu filho: *Omnia audi*, &c. Porèm se algum Religioso for falso, mentindo-vos no que disser, deveis castigallo pela mesma culpa, que he a pena de Taliaõ, que o Pontifice S. Damaso constituío para os falsarios.

Dufresn. in Glossario.

Apud Drexel in Phaetont. cap. 22. §. 4.

87 Se

87 Se reconheceres ser algum Religioso vosso inimigo, dissimulay, que he documento de Santo Ambrosio ser o Prelado mais temido, quando mais dissimulado. Se algum Religioso vos tiver feito algum aggravo em tempo, que ereis subdito, naõ vos vingueis com a jurisdicçaõ de Prelado. Tomay aquelle discreto exemplo de Luiz XII. Rey de França, que tendo-o aggravado alguns vassallos seus antes de reynar, elle os segurou, por ver que o temiaõ, dizendo: *Naõ vinga ElRey de França os aggravos feitos ao Duque de Orliens.* Div. Ambros. Serm. 20.

88 Procuray reconhecer os animos dos vossos subditos, genios, costumes, vicios, e inclinações; que a enfermidade naõ tem mais difficuldade para se curar, que a cabal advertencia de a conhecer. Se vires que algum Religioso usa mal das licenças, que lhe dais, nem por isso lhas negueis; mas day-lhe companheiro da vossa satisfaçaõ, e naõ lhe procureis mudança, que elle terá cuidado de a pedir, se da vossa cautella naõ gostar, ou se do vosso desagrado se entristecer. Vede que será muy conveniente pedir ao Prelado Superior vos naõ mande

para

para a vossa companhia Religiosos filhos da mesma terra, porque nas Communidades saõ muy prejudiciaes à Republica Religiosa; que alèm de muitos inconvenientes, com o pretexto dos pays, ou parentes, se mettem muitos em negocios seculares,
Ad Timoth. 2. 4. quando S. Paulo o aconselha pelo contrario.

89 No Refeitorio comereis do commum, sem particular, para evitar a murmuraçaõ dos Religiosos; e ainda que algum dia à meza se naõ leya, fazey observar o silencio; porque se evita a conversaçaõ de hum, e a queixa de outro, crescem as palavras, e augmenta-se a dilaçaõ. Day-lhes o que lhes toca, e naõ lhe tireis o que lhes pertence. Procuray haja abundancia, que sem ella naõ póde haver observancia, dizia Santa Tereza. O remedio mais efficaz para os Religiosos fazerem a sua obrigaçaõ, e quererem bem ao Prelado, he dar-lhes bem de comer. O exemplo tendes nos Sacerdotes dos Egypcios, que usavaõ de crocodillos, e outros animaes ferozes, como
Aristotel. histor. animal. lib. 9. cap. 1. que se fossem mansos; porèm diz Aristoteles, que era por lhes darem bem de comer, e com cuidado. Ainda que a raçaõ seja boa,

naõ

naõ consintais que Religioso algum tenha criado, que haja de sustentallo com as sobras; porque sempre a raçaõ lhe ha de parecer pequena por mayor que seja.

90 Ao primeiro Religioso, que merecer reprehensaõ, ou castigo, naõ o dissimuleis, para exemplo dos mais; que dissimular erros, he facilitar culpas. Porèm se o delicto for leve, usay primeiro de benevolencia; que com amor, e brandura se domesticaõ as feras. Assim o aconselhou o Principe dos Apostolos, escrevendo ao Bispo S. Timotheo, dizendo-lhe, que quando doutrinasse, naõ reprehendesse, mas que usasse de amor, e reverencia. Se algum Religioso commetter algum crime, naõ deis logo parte ao Prelado Superior, castigay-o conforme a culpa merecer; e se carecer de devaça, (depois de tirada) com ella o fareis entaõ sabedor.

1. ad Timoth. 51.

91 Naõ incorrais na ignorancia de dizer mais vale mandar, que ser mandado; porque para a salvaçaõ, e socego de hum Religioso melhor he obedecer, que ser obedecido, que assim vive livre de cuidados; porque os cuidados saõ limas do corpo, e

ver-

verdugos da vida, disse Ovidio. Naõ consintais, quando na vossa cella houver ajuntamento de Religiosos, movaõ conversas, que brotem espinhos, que firaõ, porque causaõ feridas, que mataõ; nem haja adulaçaõ, que enleve, nem murmuraçaõ, que aggrave.

92 Se algum Religioso murmurar da vossa pessoa taõ dissolutamente, que a Communidade se escandalize, day-lhe huma correcçaõ particular; e naõ se emendando, seja publica; e quando a sua malevolencia se naõ retrate, ponde-lhe a emenda com o castigo. A Regra de Saõ Pacomio, a qual foy dictada por hum Anjo, determina, que ao Religioso, que murmurar demasiadamente do Prelado, lhe mostrem com razões a verdade do mal, que obra, e como o seu vicio he prejudicial; e naõ se emendando, o levem para a enfermaria, e o tratem como enfermo, e lhe naõ dem occupaçaõ alguma. Se isto assim hoje se observasse, os mais dos Religiosos estariaõ sempre nas enfermarias, curando-se do achaque da murmuraçaõ contra o Prelado; porque saõ poucos os que naõ padecem esta enfermidade, grande, ou pequena; huns, a quem o zelo

Apud Bibliot. Ss.PP.tom.4. fol.90.

os

os altera ; outros , a quem a malevolencia os precepita. Se a estes se lhes naõ dessem ocupações , (como o Anjo dictou) seria preciso pedir a Deos mandasse outra vez ao Mundo os Patriarcas, e Fundadores das Religiões , para se lhes darem as occupações ; e seria para admirar o ver que nem estes Santos Prelados se haviaõ poder eximir da murmuraçaõ dos subditos , que ou obrem bem , ou obrem mal , sempre tem que dizer, e estranhar aos Prelados.

93 Observay com particular cuidado o Capitulo 68. das nossas Constituições , em que determina , que o dinheiro da Communidade se metta no arquivo das trez chaves, para que quando se dispender, saibaõ os mais em que se ha de gastar. Seja a direcçaõ vossa no gasto ordinario ; e sendo extraordinario , preceda primeiro o consentimento , e conselho da Communidade ; mas por nenhum acontecimento façais vós a despeza , nem o dinheiro vos chegue à maõ ; porque ainda que sejais justificado , e rectissimo , e façais a consideraçaõ , que as contas , que haveis de dar cà na terra , se haõ de rever no Ceo , sempre ha de ficar

car em opiniões a vossa fidelidade, principalmente naquelles, que souberem o que
Lib. 4. cap. 2. diz Hugo Victorino, fallando do dinheiro, em que affirma he o dinheiro de natureza attractiva; e por mais que as mãos lave, quem com elle nas mãos anda, sempre lhe fica o cheiro, quando outra cousa lhe naõ
Eccles. 13. 1. fique; e o Ecclesiastico diz ao mesmo proposito, que quem tocar o pez, naõ deixará de se manchar com elle. Por esta razaõ dizia o Serafico Patriarca, que o dinheiro era o mesmo, que o demonio, ou cobra; demonio, porque tenta, e engana; e cobra, porque morde, e mata. E jà que estamos no Paraiso da Religiaõ, naõ nos engane, e tente este demonio, nem nos morda, e mate esta cobra. Bom será livrar desta incumbencia administrativa; gastay comvosco o que for vosso, e naõ vos mettais com o alheyo; que todo o Religioso, que he amigo de administrar o que naõ he seu, era nelle mais proprio o estado de secular, que o de Religioso; que para administrar dinheiro, e fazenda alheya, escusado era vir à Religiaõ; là fóra no seculo com a sua, ou com a alheya se podia empregar neste pernicioso exercicio.

CA-

CAPITULO V.

Advertencias para o Prelado Superior.

94 SE chegares à graduaçaõ de Prelado Superior, naõ vos desvaneçais, que as occupações do Mundo andaõ annexas ao transitorio do logro, disse Euripedes. De brevissima duraçaõ attribuhio Cicero eraõ os contentamentos da vida: saõ agoa, que corre, e vento, que passa; e opiniaõ foy de Tito Livio, que huma hora de duraçaõ nas delicias era decrepita; e principio das tristezas chamou Ovidio às alegrias, cuja duraçaõ havendo de regularse por contentamentos da vida humana, e felicidades da terra, o tempo mais breve lhes fica; razaõ, por que haveis de fazer a consideraçaõ, e com grande reflexaõ, o pouco, que dura hum triennio, que acabado elle, ainda que fiqueis applaudido, sempre ficais dominado, e exposto a ser opprimido; o que deveis obviar, grangeando a vontade de todos ao presente, para a retribuiçaõ do futuro; porque nem o mayor valor, nem as dignidades mais soberanas podem isen-

isentar-se de serem muitas vezes ludibrio da fortuna, e estrago da preeminencia, com tragicos, e lamentaveis successos, como consta das Sagradas Letras, e Historias universaes do Mundo. E por naõ ser extenso, vos quero só referir o fim, que teve Mario. Mandou Sylla em Roma degollassem seis mil pessoas, que seguiaõ a Mario, o qual em vingança destes homicidios mandou despedaçar todos os que seguiaõ a Sylla, e se matou logo às suas proprias mãos, por naõ morrer nas de seus inimigos. Livray-vos pois destes destemperos da fortuna; porque disse Seneca, que nunca a fortuna teve a propriedade de patrocinar com perseverança a quem mostrava rizonho o aspecto por lisonja.

95 Conservay com affabilidade reciproca os animos de todos a vosso favor, e amizade, em particular os dos vossos amigos; porque là disse o Principe da Eloquencia Latina, que naõ ha meyo mais efficaz para romper amizades, por mais intimas, que sejaõ, que presumirse hum homem superior, mayormente se nelle ha esperança certa de perpetuaçaõ no dominar, ou governar,

vernar, em que a cobiça anda annexa; porque nunca hum animo ambicioso soube consentir igualdades, quanto mais sofrer mayorias. Preveni-vos para o que póde succeder, se com gosto quizeres acabar, e viver.

96 Adverti, que haveis de dar conta a Deos do bem, ou mal, que obrares no vosso governo. Naõ admittais sobornos para as occupações, em que houveres de cooperar, nem empenhos, que vos chegarem a fazer; porque quem dá, quer com o ouro dourar a sua insufficiencia; e quem empenha, quer com a pessoa alheya encubrir a incapacidade propria; e como nem huns, nem outros se consideraõ com merecimentos, os deveis repudiar para nunca os admittir. Vede que aquelle, que vos presentear com dadivas, sem vos pedir cousa alguma, vos soborna com capa de amizade; e ha outros, que achando-se com capacidade, daõ, e naõ pedem; mas he porque advertem aquella maxima de Ovidio, que as dadivas saõ despertadoras da lembrança; e outra, em que diz, que o que quizer merecer, adiante-se no dar; naõ lhe esquecendo o que diz Aristoteles, que as dadivas

saõ grilhões, que prendem, e cadeyas, que cativaõ. Bom será naõ receber cousa alguma, nem dos benemeritos, nem dos incapazes, para naõ ficares prezo, ou cativo; que naõ recebendo, ficais livre de obrar sem-razões, e injustiças, como succedeo a Herodes, que cativo, e prezo das dadivas, e promessas de Herodias, executou a semrazaõ, e injustiça da degollaçaõ do grande Bautista.

97 Quando se propuzer Religioso para vosso Secretario, elegey aquelle, de quem tiveres hum cabal conhecimento, e particular satisfaçaõ para a vossa confidencia. No peito do Secretario, e vosso deve haver só huma chave, a quem Theodoro (inventor dellas) naõ descubrio a invençaõ de fechar ao mesmo tempo de abrir; porque quando com esta chave o vosso peito se abrir, o peito do Secretario ha de fechar; o que fica muito duvidoso, naõ sendo muy particular, e antigo amigo. Para esta chave ser perfeita, havia de ser fabricada na fragoa de Castor, e Pollux, por excessivos no reciproco amar; ou com as guarnições do amor de Leandro, e Ero, por excessi-

vos

vos no querer; que aſſim ficaria livre eſta chave das infieis guardas de Urene, Meduza, e Progene. Se o Secretario for voſſo amigo, e bem naſcido, ſempre ha de attender, que he a infidelidade ludibrio do ſangue, e diſcredito univerſal do animo, diſſe Plinio. E ſó para incorrer na ignominia de inconfidente, o póde mover deſejar o que naõ poſſue, que he deſprezar a occupaçaõ, que logra; e o que iſto executa com a ſua inconſtancia, faz que forme batalha a poſſe ſegura com o deſejo inquieto, e que o goſto vil da inconſtancia ſe ponha da parte do deſejo, para que fique vencido o poſſuido aos combates do deſejado, diſſe Seneca.

98 Na viſita, chegando a qualquer Convento, tiray logo particular informaçaõ do procedimento do Prelado, e dos meſmos ſubditos; porque em acto de viſita acontece muitas vezes huns, que ſabendo o que dizem, naõ dizerem o que ſabem. Se em acto de viſita, ou fóra della houver queixa de algum Religioſo contra o ſeu devido procedimento, examinay donde naſce a queixa, e donde o delicto he oriundo;

porque se o lugar donde nasceo he honrado, naõ deve ficar desluzido com o castigo do delinquente; e neste caso mais se deve attender ao credito, donde tiver delinquido, que ao rigor, com que o Religioso deve ser castigado; que este bem se póde castigar, sem ninguem o perceber. Porèm se o delicto for publico, publico deve ser o castigo, antevendo naõ podeis castigar sem culpa formal; porque a mentira he mais facil de se admittir, que a verdade de se crer; e ha cousas, que sendo verdades, ficaõ duvidosas pela desconfiança de quem as ouve, disse Aristoteles; e muitas vezes succede, que o mais do que se diz he duvidoso; e o menos do que se publica tal vez he certo, disse Plinio. E nesta fórma indifferente deve a inclinaçaõ pia do Prelado Superior sujeitarse ao melhor, que he huma recta averiguaçaõ, discorrendo sempre bem; que fóra da justiça, e da razaõ naõ he valor o poder, disse Euripedes.

99 Se na visita achares que algum Prelado deve ser deposto da occupaçaõ, naõ vos retireis sem lhe formar culpa em acto separado, para o fazeres presente ao Defi-

nito-

nitorio, para que depois de sentenciado seja outro elegido, precedendo primeiro os meyos ordinarios. Observay o augmento, que ha nas Casas, e se saõ bem administrados os bens della. Achando algum Religioso com culpa formada por delicto, que tenha commettido, deve ser na mesma Casa castigado, sem o mudares para outra, para satisfaçaõ do escandalo; que só sabe bem castigar quem o delicto vio fazer; que mudallo, sem no mesmo Convento o castigares, he o mesmo, que do castigo o absolveres.

100 Se receberes alguma carta sem nome, que respeite a queixa de algum Prelado, ou subdito, naõ lhe deis credito, mas com dissimulaçaõ vos informareis da verdade; e sem cabal individuaçaõ da naturalidade da culpa naõ procedais com o castigo; que a verdade por si mesma se manifesta, disse Seneca.

101 Quando mandares alguma ordem, permeditay primeiro se formais tençaõ de castigar o transgressor della, que o contrario he profanar o decoro da occupaçaõ; e havendo de castigar o Religioso, que a ti-

ver quebrantado, seja primeiro o Prelado asperamente reprehendido, por ter a obrigaçaõ de ser o executor das ordens superiores, que he a quem com particular cuidado se recomenda o que o Prelado Superior determina.

102 Quando aceitares sogeitos para Noviços, escolhey os benemeritos; que naõ he razaõ que o dote suppra a sua incapacidade; que a Religiaõ, e os Mestres naõ lhes podem dar o que Deos lhes naõ deo. Se quando os Soldados saõ ruins, fica a batalha perdida; da mesma fórma, sendo os Religiosos incapazes, nunca a Religiaõ he laureada. Nas Casas do Noviciado naõ tenhais Religiosos moços; e se o forem, sejaõ exemplares; que se o naõ forem, mal podem os Noviços aprender aquillo, que pelo contrario virem obrar.

103 Abstende-vos muito na mudança dos Religiosos fóra da occasiaõ do Capitulo, em que elles as procuraõ, e de justiça lhas deveis conceder, para que vivaõ gostosos com o Prelado, que desejaõ. Se algum Prelado vos pedir mudança para algum subdito, a naõ mandeis sem primeiro

vos

vos informares se a causa he justa; e quando algum subdito a pedir, a naõ mandeis sem segunda vez a supplicar; que muitas vezes obrigados de muy leve motivo a chegaõ a pedir; e quando lhe chega, jà se naõ querem mudar. Obray com rectidaõ, naõ vos movaõ inclinações a fazer injustiças: day o louvor, o premio, o castigo, o augmento, e as occupações a quem o merecer. Naõ consintais que se tome dinheiro a juro, senaõ com muita necessidade; porque he bom de receber, e máo de se pagar.

TRATADO II.

ARTE DE ENFERMEIROS para assistir aos enfermos, com as advertencias precisas para a applicaçaõ dos remedios.

CAPITULO I.

Advertencias para o Enfermeiro.

104 SE o Prelado vos eleger Enfermeiro, day-lhe logo o agradecimento de formar conceito da vossa capacidade para emprego de tanta importancia, e merecimento, de cuja occupaçaõ pende a saude da alma, e corpo do enfermo, credito da nossa Religiaõ, e instituto della. Haveis de advertir, que o Enfermeiro, que he caritativo, considera que o que faz ao enfermo, Deos o recebe, estima, e remunera. Deve haver producçaõ generica de amor entre o enfermo, e En-

Enfermeiro ; que ſe a alma eſtá mais onde ama , que onde anima , como diſſe Santo Agoſtinho ; e o amor transforma o amante no amado , como diſſe Seneca : ſegue-ſe que mais deve padecer o Enfermeiro a impulſos da caridade , com que o ama , que o enfermo pela actidaõ da queixa , que padece ; donde ſe verefica , que o enfermo , que padece , póde as queixas ſoffrer ; mas o Enfermeiro abrazado em amor de caridade naõ as póde tolerar ; porèm fazendo o que póde , ſatisfaz ao que deve : applica-lhe os remedios : dá-lhe alentos : ſe grita anciado , acode-lhe vigilante : naõ dorme , ſe o enfermo naõ ſocega ; e aſſim em perpetuo labyrinto naõ admitte tregoas ao deſcanço , atè que o enfermo naõ tenha alivio , em cuja acçaõ cumpre com toda a Ley de Deos. Aſſim o eſcreveo Saõ Paulo aos Romanos , dizendo : *Quem ama ao proximo , toda a Ley encheo.* E neſtas amoroſas aſſiſtencias dos enfermos vos naõ haveis de queixar , mas ſim louvar a Deos , como fazia o Santo Job nas ſuas tribulações.

Ad Roman. 12. 8.

Job. 1. 21.

105 Aſſim que o enfermo chegar , o recebereis com agrado , dando-lhe animo.

Se quando o enfermo chegar, vier com crescimento, cezaõ, ou galico, naõ usareis com estes do costume de lhe lavar os pés, (que jà sabeis se lhe beijaõ depois de lavados) nem lhe mandareis cortar o cabello atè naõ estar livre deste impedimento; mas huma, e outra cousa se lhe ha de fazer logo que esteja capaz, para que se naõ falte a esta taõ meritoria acçaõ de caridade.

106 Depois de o deitares na cama, lhe advertireis (como he costume) se prepare para se confessar, e commungar, que he obrigaçaõ precisa da nossa Constituiçaõ; razaõ, por que os Medicos dos nossos Hospitaes vivem descançados de incorrerem na determinaçaõ do Concilio Lateranense, que o Medico sob pena de interdicto *ab ingressu Ecclesiæ*, advirta ao enfermo, que logo se confesse; e o Papa Saõ Pio V. que passados trez dias de enfermidade na cama, os Medicos os naõ visitem, sem primeiro estarem os enfermos confessados, e lhe constar por fé do Confessor; e que esta Constituiçaõ fosse perpetua, e permanente sem prescripçaõ.

Concil. Lateran. IV. Canon. 22.

Conc. Ravenat. 11. c. 15. Constitut. 3.

107 Depois que o enfermo estiver na cama,

cama, lhe procuray ſe tem obrado bem no dia antecedente; e ſe o naõ tiver feito, lhe mandareis lançar huma ajuda commua, para que quando vier o Medico naõ haja dilaçaõ na ſangria; e ſe naõ fallar, procuray a quem o trouxer ſe tem feito eſta diligencia, e que dias ha, que eſtá enfermo, examinando os remedios, que lhe fizeraõ, para dares ao Medico a informaçaõ de tudo.

108 Todos os dias de manhã, e tarde fareis viſita particular aos enfermos, principalmente aos que tiveres de mayor cuidado, para dares ao Medico informaçaõ do que lhe fizeſtes, e como tem paſſado; porque alguns enfermos naõ ſabem dar a indicaçaõ neceſſaria; e o Medico, quando os enfermos ſaõ muitos, naõ ſe póde lembrar do que a todos tem mandado fazer: o que vós remediais com muita facilidade, aſſim pela informaçaõ, que delles tendes adquirido, como pela lembrança, que na taboa da viſita tendes formado, ſem a qual naõ viſiteis nunca com o Medico, ainda que os enfermos ſejaõ poucos, que naõ he razaõ que a voſſa memoria ſeja fiadora da vida, ou ſaude do enfermo.

109 Os remedios, que applicares aos enfermos, sejaõ só pela vossa maõ, e a tempo; que as medicinas dilatadas se privaõ do nome de remedio, disse Quintilliano. Nunca deis remedio bebido sem primeiro ser mechido, e agoa ao enfermo para lavar a boca, por evitar o perjuizo de o lançar fóra. Tende muito, e muito particular cuidado nos numeros, que trazem os medicamentos, para que naõ haja equivocaçaõ na applicaçaõ delles; e naõ só nos numeros tereis esta vigilancia, mas tambem na cor, cheiro, e qualidade delles; porque nas boticas succede muitas vezes porem-se os numeros errados, como eu tenho varias vezes experimentado, e outros muitos Enfermeiros, o que se tem remediado com a experiencia dos remedios.

110 Naõ deis de comer ao enfermo sem terem passado duas horas depois de ter tomado algum medicamento, naõ sendo purgante; que se for purgativo, necessita de mais tempo, conforme a qualidade delle. Naõ dareis medicamento algum sem terem passado quatro horas depois de o enfermo ter comido, nem lhe dareis de jantar cedo,

do, ſe tiver tomado a purga tarde. Naõ façais a vontade a nenhum enfermo, ſe entenderes he contra a ſua ſaude: day-lhe o que melhor vos parecer, e naõ lhe deis o que vos pedir. Aſſim que repartires o comer, reparti os Religioſos (como he coſtume) pelos enfermos de faſtio, para que os façaõ comer. Tende grande cuidado de ſaber a que enfermos lhe entra o creſcimento, ou cezaõ antes de jantar, para que o naõ apanhe em jejum, dando-lhe de comer trez horas antes.

111 Fazey eſtudo particular, para que nenhum enfermo vos morra ſem todos os Sacramentos; que os Medicos deſcançaõ eſte cuidado na experiencia, e vigilancia dos noſſos Enfermeiros, os quaes tem por injuria, que o Medico lho advirta. Quando algum enfermo eſtiver moribundo, dareis parte ao Prelado, para que lhe mande fazer vigia de dia, e de noite pelos Religioſos, como he coſtume.

CA-

CAPITULO II.

Defensivo como se applica.

112 DE fonte a fonte, e da raiz do cabello para sima o cortareis ao enfermo a distancia de meyo palmo, à ponta da tisoura, o mais baixo, que puder ser, e com a ligeireza possivel; e por nenhum caso se rape à navalha, que seria augmentar mais a queixa do enfermo.

113 Se o tempo for frio, applicareis o defensivo estando tibio; e se for em tempo quente, o applicareis da mesma fórma, que vier da botica, que he para temperar o calor do cerebro, que causa a vigilancia. Porèm se o defensivo se applicar ao enfermo, que dormir muito, obrigado da frieldade do cerebro, lhe applicareis o defensivo morno, ainda que seja em tempo quente.

114 O defensivo se applica nesta fórma. Cortareis hum pano do mesmo tamanho, que o cabello estiver cortado, e lhe fareis varias picaduras; o qual molhado no defensivo, untareis com elle mesmo, e muy levemente a parte jà tosqueada, e o estendereis

dereis ſobre ella. Se o enfermo eſtiver furioſo, cozereis em cada ponta do pano huma fita, para ſe poder atar debaixo da barba, e nas orelhas. Tereis cuidado de molhar eſte pano aſſim que ſe ſecar, em quanto o enfermo o delirio padecer, ou a ſonolencia tiver, que para huma, e outra couſa ſe coſtuma applicar.

CAPITULO III.

Emborcaçaõ como ſe faz.

115 CÓrtareis ao enfermo todo o cabello da cabeça à ponta da tiſoura, o mais rente, que puder ſer. Para melhor lhe applicares o remedio, lhe mudareis a cabeceira para os pés, pondo-lhe ao redor da cabeça hum lenço torcido, e bem apertado, em fórma de capella, para que o cozimento naõ corra pelo roſto do enfermo, o qual mandareis pôr de coſtas, com a cabeça fóra da cama. Eſtando jà neſta fórma, tendo debaixo huma bacia, lhe hireis lançando o cozimento muy devagar por hum jarro de bico, com moderada

rada quentura, tornando a encher o jarro do mesmo, que cahir na bacia. Durará esta applicaçaõ em quanto durar o calor no cozimento, o qual ha de cahir no meyo da cabeça do enfermo, e da altura de dous palmos. Acabada esta applicaçaõ, se naõ esfregue a cabeça do enfermo, nem em quanto se lhe faz, que seria augmentar-lhe a queixa; só sim se lhe ha de enxugar a cabeça brandamente, e tirando-lhe o lenço, se lhe porá hum toucador.

116 Se o Medico mandar fazer alguma untura, seja tibia, e se fará depois que a cabeça estiver enxuta; e feita a untura, se lhe porá hum papel pardo, e em sima o toucador; advertindo, que se o tempo for frio, se fechem as janellas em quanto se fazem estes remedios.

117 Estas emborcações commummente se mandaõ applicar de noite, mas sempre he preciso que o Medico determine a que hora se ha de fazer; e sendo de noite, se fará quatro horas depois de ter comido o enfermo, que antes lhe causaria gravissimo damno.

CA-

CAPITULO IV.

Pombos, ou cachorros como ſe haõ de applicar.

118 DEpois de toſquiada toda a cabeça do enfermo, e poſto hum lenço ao redor della na fórma referida no Capitulo aſſima das emborcações, tirareis ao pombo as pennas do lombo, e junto da cama do enfermo ſe abrirá pelo meſmo ſitio com faca bem amolada, e o poreis no meſmo inſtante com ſangue, e tripas na cabeça do enfermo, de fórma, que fiquem debaixo as quatro comiſſuras. O meſmo ſe fará com o cachorro; e hum, e outro naõ ha de ſer grande, mas de hum mez, pouco mais, ou menos.

119 Poſto o pombo, ou cachorro na cabeça do enfermo, ſe lhe porá em ſima hum lenço dobrado, e em ſima deſte hum toucador; e ſe for Inverno, ſe lhe applicará mais alguma roupa, para que ao menos ſe conſerve o calor por hum quarto de hora. Depois de frio ſe lhe tirará muy brandamente, fechando primeiro as janelas,

para que o enfermo naõ receba algum ar frio, principalmente de Inverno.

120 Se o Medico mandar lançar no pombo, ou cachorro alguns pós, estará outra pessoa com elles promptos, para os lançar assim que se abrir, para que naõ haja dilaçaõ, e se ponha ainda com alentos vitaes na cabeça do enfermo.

CAPITULO V.

Amendoadas, Dormideiras, e unguento Populiaõ, como, e quando se haõ de applicar estes remedios.

121 A Untura de unguento Populiaõ para os enfermos, que naõ podem dormir, lha fareis nas fontes da cabeça, em cujas partes pulsa a vea arteria: na testa, no nariz pela parte interior, e em todos estes sitios fareis a untura com hum só dedo muy brandamente, atè que se encorpore o unguento. Muitas vezes se untaõ as palmas das mãos, e plantas dos pés com a mesma brandura.

122 O tempo de fazer esta untura, he quan-

quando o enfermo quizer dormir : ſe for de dia, ſe fará meya hora depois de jantar; e ſendo de noite, ſe ha de fazer entre as dez, e as onze, que he a hora mais propria.

123 Os xaropes de dormideiras, e amendoadas ſe haõ de dar quatro horas depois de cear o enfermo; que ſendo antes, lhe naõ fará nenhum proveito. Eſtes remedios ſe mandaõ applicar ao enfermo para dormir; e naõ tendo eſta falta, ſe lhe naõ devem fazer.

CAPITULO VI.

Collyrio, ou camoeza nos olhos como ſe deve applicar.

124 MAndareis pôr o enfermo de coſtas, e abertos os olhos lhe deitareis dentro delles trez, ou quatro gotas de collyrio tepido; e ſe for de Inverno, ſeja morno, e ſe applicará de duas em duas horas.

125 Se o Medico mandar pôr alguma camoeza nos olhos ao enfermo, lha applicareis aſſada, e aparada, e pouco quente, ſubjugada com hum lenço, ou atadura para naõ cahir.

CAPITULO VII.

Fluxo de ſangue como ſe lhe ha de acudir na auſencia do Cirurgiaõ.

126 SE o enfermo eſtiver gordo, e naõ eſtiver evacuado por ſangrias, comer, e dormir bem, e o fluxo de ſangue naõ for demaſiadamente grande, naõ lhe façais remedio algum.

127 Se o enfermo for fraco, naõ dormir, e eſtiver evacuado, lhe fareis alguns remedios depois de ter lançado quaſi huma tigela de ſangue, ſendo pelo nariz.

128 Primeiramente lhe atirareis ao roſto com hum pucaro de agua, ſem que o enfermo o veja lançar, e com a violencia, que puder ſer, de fórma, que lhe apanhe todo o roſto, e teſta, cujo remedio ſe póde repetir por trez, ou quatro vezes, com interpolaçaõ de tempo entre huma, e outra vez; e naõ baſtando eſte remedio, lhe mandareis meter os teſticulos em agoa bem fria, ou panos molhados nelles varias vezes repetidos.

129 Tam-

129 Tambem ſaõ boas as ligaduras em os braços, e pernas; e naõ querendo parar, vereis de que venta corre o ſangue: ſe for pela direita, lhe lançareis huma ventoſa grande em ſima do figado, o qual eſtá hum dedo por baixo das coſtellas mendozas da parte direita; e ſe ſahir pela venta eſquerda, lhe lançareis a ventoſa em ſima do baço, o qual eſtá da parte eſquerda, hum dedo por baixo das meſmas coſtellas.

130 Se o enfermo lançar o ſangue por ambas as ventas copioſamente, lhe lançareis duas ventoſas, huma no figado, e outra no baço, e as repetireis atè que pare o fluxo de ſangue. Tambem ſaõ boas nas barrigas das pernas, e nos muſculos pela parte de dentro baſtante tempo. Tambem he bom remedio diſparar huma eſpingarda junto do meſmo enfermo, ſem ſe lhe advertir antes.

131 Se eſtes remedios naõ aproveitarem, tomareis duas claras de ovos com duas onças de pós reſtrictivos, e meya onça de geſſo, com algumas teas de aranha; e depois de bem batido tudo iſto, de fórma, que fique em cataplaſma, nem groſſa, nem

delgada, mas de boa ſubſiſtencia, lha poreis na teſta, e fontes em humas planxetas de eſtopas finas, e das meſmas fareis humas mechas, que molhadas na meſma cataplaſma, metereis pela venta, ou ventas, donde ſahir o ſangue, recomendando ao enfermo lhe naõ bula, nem ſe diſponha a tuſſir.

132 Se o fluxo do ſangue for pela boca, lhe lançareis as ventoſas na fórma jà referida; e naõ parando, dareis ao enfermo de quarto a quarto de hora huma colher de xarope de roſas ſecas, ajuntandolhe pós de terra ſigillada, e bolo armenio, e alguns de coral preparado; e aos que lançaõ ſangue pelos narizes, ſe lhe póde dar eſte meſmo remedio.

133 Se o fluxo de ſangue for em ferida, que tenha algum enfermo, antevendo a dilaçaõ, que póde haver em vir o Cirurgiaõ, fareis com grande diligencia lexinos de eſtopas, e ao meſmo tempo mandareis bater claras de ovos, com pós de bolo armenio, de roſas, e de ſangue de Drago, meya onça de cada couſa, e alguns pós de incenſo; e depois de eſtar tudo bem batido,

do, molhareis hum lexino, e com elle tapareis a vea, e o apertareis com o dedo mostrador, e lhe hireis pondo os mais lexinos molhados na cataplasma, apertando-os sempre, e em sima lhe poreis humas planxetas, molhadas no mesmo, e apertareis a ferida muito bem com huma atadura.

134 Se estes remedios naõ obrarem, carregareis a ferida com pós de pedra hume queimada, com teas de aranha, e em sima huma estopada de claras de ovos. Tambem saõ boas as raspas de Cortidores, e pós de alecrim; e depois de lhe fazeres todos estes remedios, lhe poreis panos de vinagre aguado bem frio em sima da ferida.

CAPITULO VIII.

Gargarejos como se devem applicar.

135 HUm dos principaes remedios, de que necessita hum enfermo, que padece a perigosa queixa de huma esquinencia, saõ os gargarejos; os quaes para se applicarem, pende do mesmo enfermo a execuçaõ, e do Enfermeiro fazer-lhe a advertencia seguinte.

136 Direis ao enfermo ſe ſente na cama, e tomando huma bochecha do gargarejo, olhe para o teto da caſa, e com a boca aberta gargareje atè lhe faltar a reſpiraçaõ; e lançando-o fóra, torne a tomar outro, e fazer o meſmo; o que repetirá em huma hora duas, ou trez vezes; recomendando ao enfermo naõ leve nada para baixo; porque muitas vezes levaõ mixtos, que naõ he conveniente ſe traguem.

137 Se o enfermo naõ poder gargarejar, ſerá preciſo ſeringar-lhe a garganta com o gargarejo; e neſte caſo advertireis ao Medico lhe naõ mande ajuntar couſa, que prejudique ao enfermo, pelo perigo de o poder engulir com a violencia do ſeringar.

138 Se o Medico ordenar lhe deis lambedores, ſeja depois de gargarejar; porque naõ leve para baixo alguma materia, ou viſcozidade, que o enfermo tenha na garganta.

CA-

CAPITULO IX.

Untura na garganta, ou cataplasma como se deve applicar.

139 TOdas as fomentações se devem fazer duas vezes no dia, huma de manhã, e outra de noite. As que se fizerem de manhã, sendo de Inverno, se façaõ com as janellas fechadas; e de noite se devem fazer meya hora antes de cear, ou meya depois, seja de Veraõ, ou de Inverno; e naõ sendo assim, lhe fará ao enfermo mais dano, que proveito.

140 Em qualquer tempo, que for, aquentareis a untura da garganta em fórma sufficiente, que naõ moleste ao enfermo, e com dous dedos lha applicareis muy brandamente, untando atè que se encorpore; e logo lhe poreis hum pano fino com sua atadura, para que permaneça o remedio, e naõ receba algum ar.

141 Se o Medico, ou Cirurgiaõ mandar pôr ao enfermo cataplasma na garganta, (que a mais commua he de andorinhas) lha

lha applicareis quente cada vinte e quatro horas, ou quando elles determinarem, que será conforme a queixa do enfermo necessitar.

CAPITULO X.

Dor de ouvidos como se lhe ha de acudir na ausencia do Medico.

142 HE muy singular remedio o mugir huma mulher o leite do peito no mesmo ouvido do enfermo, pondo-lhe logo huma pelota de algodaõ em rama. Tambem he approvado, e prompto remedio o sumo de alfavaca de cobra deitado no ouvido trez, ou quatro gotas, pondo-lhe a pelota de algodaõ.

CAPITULO XI.

Untura do peito como se applica, e sua situaçaõ.

143 A Situaçaõ do peito he desde o fim da garganta atè dous dedos antes de chegar à boca do estomago, que será hum palmo de comprido, e outro

tro de largo, o qual ſerá medido pelo meſmo enfermo; porque he differente o peito de hum rapaz, ou o de hum homem.

144 As unturas, que o Medico mandar fazer neſte lugar, devem ſer quentes, ſendo de Inverno, e de Veraõ tibias. Quando de noite ſe fizer eſta untura, jà eſtá dito, que ha de ſer meya hora antes, ou depois de cear; e feita ella, ſe lhe ha de pôr em ſima hum papel pardo, e logo hum pano com quatro ataduras para conſervar o remedio; e ſe o enfermo tiver colete veſtido, eſcuſa ataduras.

145 Eſta untura ſe fará com huma migalha de algodaõ, ou de lã, e tambem ſe póde fazer com pennas de galinha; advertindo, que a quentura ſeja moderada; porque alèm de inflamar a parte, quando a quentura he demaziada, tambem as unturas perdem a ſua virtude, ſe ſe aquentaõ muito.

CAPITULO XII.

Remedios para o coraçaõ como se devem applicar, e sua situaçaõ.

146 O Coraçaõ, fonte do calor, está situado na concavidade vital, dous dedos mais abaixo da teta esquerda, aonde melhor se sinta pulsar.

147 Neste lugar, que será muito menos, que ametade da palma da maõ, se haõ de fazer as unturas, que o Medico determinar, ou epityma, que mandar pôr; e huma, e outra cousa ha de ser tepida em qualquer tempo, que for; e neste mesmo sitio se lança ventosa, quando o Medico determina.

CAPITULO XIII.

Untura do estomago como se applica, e sua situaçaõ.

148 A Situaçaõ do estomago he debaixo do diafragma, donde vem acabar o sitio do peito, e espinhella; chega atè dous dedos antes do embigo, tem de circunferencia a palma de huma maõ.

149 Neste

149 Neſte ſitio ſómente ſe devem fazer as unturas, e que naõ façaõ mayor circunvalaçaõ, por evitar o prejuizo, que póde fazer ao peito, ſe for mais aſſima, ou ao figado, e baço, ſe ſe inclinar a qualquer dos lados eſquerdo, ou direito.

150 Eſtas unturas do eſtomago ſe coſtumaõ fazer ſó à noite, ſe o Medico naõ determina outra couſa: de Inverno ſe applicaõ quentes; e de Veraõ tibias. E feita a untura com huma gadelha de lã, ſe ha de polvoriſar, ſe o Medico o diſpuzer; e logo ſe lhe porá papel pardo, com hum pano por ſima, e atadura para ſe conſervar o remedio.

151 Neſte meſmo ſitio mandaõ os Medicos pôr os reparos a huns enfermos por fraqueza, a outros por cauſa de curſos, e tambem aos que padecem vomitos.

152 Se o Medico mandar applicar ao enfermo reparo ao eſtomago por cauſa de fraqueza, ſeja logo; e ſe for por cauſa de vomitos, ou curſos, lho applicareis meya hora antes de comer, pouco mais, ou menos; que ſendo em outra occaſiaõ, lhe naõ fará o proveito neceſſario.

153 Os

153 Os reparos para o eſtomago os fareis na fórma, que o Medico determinar. Os communs ſaõ eſtes: Loſna pizada, com marmelada em ſima de huma fatia de paõ torrada, molhada em vinho tinto, e polvoriſada com canella, ſe applica ao eſtomago do enfermo, com hum pano por ſima, e apertado com huma toalha.

154 Se o Medico determinar que o reparo ſeja de carne, ha de ſer mal aſſada, e freſca, da perna da vaca, ou de carneiro, couſa de meyo arratel, ou trez quartas: eſta porçaõ de carne ſe ha de aſſar inteira; e eſtando a meyo aſſar, e bem quente, ſe abrirá pelo meyo, e a applicareis ao enfermo, polvoriſada de canella, e lhe poreis em ſima hum pano, e toalha apertada para ſe poder ſegurar.

155 Se o Medico mandar ſe ponha hum pombo no eſtomago do enfermo, lho applicareis na fórma declarada no Capitulo quarto. Todos eſtes remedios eſtaraõ poſtos em quanto eſtiverem quentes, que ſerá hum quarto de hora, pouco mais, ou menos, ou conforme o Medico determinar; e ſe tornaõ a repetir.

156 Se o Medico mandar vir da botica alguma cataplaſma para o eſtomago do enfermo, a naõ applicareis ſem eſtar quente, ſeja de Veraõ, ou de Inverno, ſem exceptuar queixa alguma, que para todas he nocivo ſe appliquem os remedios frios.

CAPITULO XIV.

Unturas, e remedios no figado, e ſua ſituaçaõ.

157 A Situaçaõ do figado he da parte direita, debaixo das coſtellas mendozas, deſviado do eſtomago dous dedos, pouco mais, ou menos: terá de largo quatro dedos, e o circuito da palma da maõ do enfermo; e ſe tiveres duvida, he donde alcança o cotovello do enfermo, pondo a maõ na boca; e medindo dous dedos por baixo do cotovello, eſtá a ſituaçaõ do figado.

158 Neſte ſitio ſe haõ de fazer as unturas, e pôr cataplaſmas, e nelle ſe lançaõ ventoſas para fluxo de ſangue. Os remedios ſe haõ de applicar quentes de Inverno; e de Veraõ na meſma fórma, que vierem da boti-

botica ; excepto os que forem desopilativos, que estes, ainda que seja de Veraõ, se haõ de applicar quentes.

159 Se na parte, e situaçaõ do figado houver inflamaçaõ interna, ou externa; se applicaráõ os remedios sómente tibios, ainda que seja de Inverno; e sendo de Veraõ, se haõ de applicar na mesma fórma, que vierem da botica.

160 Se fizeres untura neste sitio, lhe poreis papel pardo com pano por sima; e se for cataplasma, lhe poreis sómente pano; e em huma, e outra cousa lhe poreis atadura larga, para que naõ caya, ainda que o enfermo se levante, ou se volte.

161 O pano, em que puzeres a cataplasma, ha de ter seis dedos de largo, e de comprido oito dedos, medidos pelo proprio enfermo; tendo muito cuidado na situaçaõ, para que só nella se applique o remedio; que fóra della poderá prejudicar muito ao enfermo.

CA-

CAPITULO XV.

Unturas, e remedios do baço, e sua situaçaõ.

162 A Situaçaõ do baço he da parte esquerda, por baixo do diafragma, e das costellas mendosas, inclinado para a parte do ventre, cuja situaçaõ he a mesma, que a do figado; porque pondo a maõ esquerda na boca, fica dous dedos por baixo do cotovello; e he o mais facil para se saber aonde se ha de applicar o remedio.

163 Todos os remedios, que o Medico receitar para o baço, se haõ de applicar quentes, sejaõ quaesquer, que forem, assim de Veraõ, como de Inverno; mas isto no caso, que o enfermo naõ tenha nelle alguma inflammaçaõ interna, ou externa.

CAPITULO XVI.

Unturas do ventre, e sua situaçaõ.

164 A Situaçaõ do ventre he toda aquella circunferencia, que ha desde dous dedos mais assima do embigo

atè chegar ao ſitio donde naſce o cabello, que ſerá oito dedos de comprido, e ao travez hum palmo, pouco mais, ou menos, a qual medida ſe fará pela propria maõ do enfermo. Eſte he o ventre inferior; e o ventre ſuperior he atè o diafragma; e tambem coſtumaõ os Medicos chamar ſuperior toda a regiaõ do peito.

165 Todas as unturas, e cataplaſmas, que o Medico receitar para eſte ſitio, lhas applicareis tibias, ſendo de Veraõ, e de Inverno mais quentes, obſervando ſempre o pôr-lhe papel, pano, e atadura larga, para que permaneça o remedio.

CAPITULO XVII.

Unturas quaeſquer que forem como ſe haõ de applicar.

166 TOdas as unturas, que ſe fizerem no peito, ſeja por cauſa de pleuriz, empiematico, tiſico, aſmatico, e na bexiga, ſe haõ de fazer branda, e ſuavemente com huma gadelha de lã, e naõ com os dedos por nenhum caſo.

167 As unturas, que se fizerem no estomago por causa de fraqueza, ou de cursos, se haõ de fazer com os dedos brandamente atè encorporar a untura, de fórma, que fique sumida; o que se naõ póde conseguir, sendo com gadelha de lã.

168 Aos hydropicos se fará a untura com a maõ, carregando-a bem, para que se encorpore; porèm se o estomago do enfermo estiver inflammado, se fará com gadelha de lã brandamente. E para conheceres se está inflammado, observareis se a febre he grande, e ardente; se tem dor grande na parte; e em tal caso se lhe augmentará mais a queixa ao enfermo, feita a untura com os dedos; e naõ só nesta parte, mas em qualquer, que esteja inflammada.

169 Todas as unturas por regra geral, que se fizerem a hydropicos, ou em parte, que outro qualquer enfermo tiver dor, ou dureza, (naõ havendo inflammaçaõ) fareis a untura com toda a maõ ligeiramente, para que melhor se encorpore; mas com brandura, que assim se evita chamar à parte mayor queixa. As que se fazem com violencia saõ só as de azougue, como no seu Capitulo se declara.

170 Se o figado, ou baço do enfermo eſtiver opilado, lhe fareis a untura com a maõ atè que ſe encorpore; e ſe neſtas partes houver inflammaçaõ, evitay o encorporalla; porque com o untar, ainda que leve, por continuado ſe fará mais ſentido.

CAPITULO XVIII.

Untura do eſpinhaço, e ſua ſituaçaõ.

171 O Eſpinhaço começa deſde a nuca atè ao oſſo ſacro, que eſtá mais abaixo dos rins, e tem dous dedos e meyo de largo. Aos eticos he a quem commummente ſe faz eſta untura; a qual ſe ha de fazer com gadelha de lã, e naõ com os dedos, mas brandamente, e tempo baſtante, para que ſe encorpore; e como he refrigerante, deve ſer tepida, em ſima da qual lhe poreis algumas folhas de era, alface, ou parra.

172 Se a queixa do enfermo for de perlezia, aquentareis ſempre a untura, ſeja de Veraõ, ou de Inverno, e fareis com que a untura ſe encorpore bem. Primeiro que

façais esta untura, lavareis a parte com agoa ardente morna; e depois de feita a untura, lhe poreis papel pardo, lã cardada, ou pano para conservar o remedio.

CAPITULO XIX.

Unturas dos rins, e sua situaçaõ.

173 OS rins saõ dous, hum esquerdo, outro direito: o direito, segundo a opiniaõ de muitos, está mais alto dous dedos, que o esquerdo; os quaes estaõ situados, e pegados aos lombos, entre as costellas, e rabadilha.

174 As unturas, que se fizerem neste sitio, basta que sejaõ da largura da palma da maõ. Sendo de Veraõ, se fará a untura conforme vier da botica; e de Inverno será tibia. Em sima se costumaõ pôr folhas de era, de alface, e de parra, ou panos de vinagre aguado, conforme o Medico determina. Se lhe mandar pôr emplasto, ou cataplasma, seja tibio; e tudo se ha de atar para conservaçaõ do remedio.

CAPITULO XX.

Unturas na bexiga, e ſua ſituaçaõ.

175 A Situaçaõ da bexiga he na parte mais baixa do ventre, na circunvalaçaõ onde coſtuma naſcer o cabello.

176 Neſte ſitio ſe haõ de fazer as unturas, ou applicar emplaſtos. Se for de Veraõ, ſeja tudo tibio; e de Inverno quente. Porèm havendo inflammaçaõ na parte, ſerá o remedio tibio, ſendo de Inverno; e de Veraõ ſe fará conforme vier da botica.

CAPITULO XXI.

Lançol molhado em vinho como ſe coſtuma pôr a hum enfermo.

177 QUando o Medico, ou Cirurgiaõ mandar ſe embrulhe o enfermo em lançoes de vinho, primeiro ha de ſer cozido com algumas ervas quentes, v. g. alecrim, roſas ſecas, &c. Eſtando o vinho bem quente junto da cama do enfermo, mettereis o lançol nelle,

para

para que ſe enſope bem ; e eſte depois de eſpremido, o poreis em ſima do enfermo, e o embrulhareis nelle da cabeça atè aos pés, e logo lhe lançareis a mais roupa ; e neſta fórma eſtará embrulhado o tempo, que o Medico, ou Cirurgiaõ determinar, e ſe lhe molhará as vezes, que elle diſpuzer.

CAPITULO XXII.

Banhos como ſe devem fazer.

178 SEndo os banhos muitos, e de differentes agoas, e cozimentos, e em differentes partes do corpo, porque huns ſaõ geraes, outros particulares, he preciſo advertir alguma couſa em geral, para que com perfeiçaõ ſe appliquem, ainda que ſe naõ póde permeditar o genero de enfermidade, que ſe poderá offerecer.

179 Se o banho for geral em todo o corpo, e for de cozimento de ervas, de agoa fria, ou quente, procurareis ter inſtromento, aonde poſſa o enfermo eſtar de ſorte, que o banho o cubra todo, ou atè à parte, onde o Medico mandar. Se o co-

zimento for quente, em que o enfermo tomar o banho, ſeja de fórma, que o naõ queime: ſe for de agoa quente, ſeja a quentura muy moderada; e ſendo de agoa fria, naõ ſeja muito.

180 Se o banho for pela manhã, eſtará o enfermo em jejum; e ſe for de tarde, ſe fará o banho cinco horas depois de jantar. Naõ dareis de comer ao enfermo logo que ſahir do banho, que he preciſo ſeja depois delle huma hora, que ſendo antes lhe naõ ſerviria o banho de proveito; porèm ſe o enfermo eſtiver fraco, lhe podereis dar ſómente aſſim que ſahir hum caldo de galinha.

181 Perguntareis ao Medico, que tempo ha de o enfermo eſtar no banho; e ſe for muito, e a agoa, ou cozimento ſe eſfriar, tereis prevençaõ de mais cozimento, ou agoa quente, para ſe lhe hir lançando no banho, e ſe conſerve o calor atè completar o tempo, que o Medico determinar. Em quanto o enfermo eſtiver no banho, ou eſteja ſentado, ou deitado, o naõ haveis de deſamparar; porque ſuccede muitas vezes ter hum deſmayo, e corre perigo o enfer-

enfermo dentro do banho; razaõ, porque he conveniente que o banho ſeja junto da cama, aſſim por eſte incidente, como porque acabado o tempo, que nelle houver de eſtar, ſe poſſa o enfermo logo metter nella depois de enxuto, tendo ao meſmo tempo as janellas fechadas, por eſtarem os poros abertos.

182 Se o Medico determinar façais ao enfermo hum banho dos joelhos para baixo, a que chamaõ ſemicupio, o mandareis ſentar na cama; e tendo os pés dentro da bacia, lhe hireis lançando agoa com hum jarro de bico, de fórma, que naõ eſcalde, por eſpaço de hum quarto de hora; e acabado o dito tempo, o enxugareis muito bem, para ſe deitar na cama. Se o banho for nos braços, ou nas mãos, obſervareis a meſma regra, que nos ſemicupios.

CAPITULO XXIII.

Esfregações como ſe devem fazer.

183 TRez caſtas ha de esfregações, que os Medicos mandaõ fazer aos enfermos, e em differentes partes do cor-

corpo: Branda, rija, e mediocre. A esfregaçaõ branda ſe coſtuma fazer com as mãos brandamente, e algumas vezes untadas de azeite. A esfregaçaõ rija ſe faz tambem com a maõ untada de azeite, ou pano groſſo untado no meſmo, e com baſtante força. A esfregaçaõ mediocre ſe faz com a maõ untada de fórma, que nem branda, nem aſpera; e todas ſe devem fazer por tempo de meyo quarto de hora.

184 Se a esfregaçaõ for nas pernas, mandareis pôr o enfermo de coſtas, e mettendo as mãos por baixo da roupa, esfregareis as barrigas das pernas do enfermo com as mãos untadas ſuavemente, levantando os dedos polgares, para que naõ toquem nas canellas; e ſempre ſe esfrega de ſima para baixo neſta, e nas mais esfregações. Eſta he a esfregaçaõ branda.

185 Se a esfregaçaõ for rija, ſe fará melhor com hum pano groſſeiro molhado em azeite; e ſe for com as mãos, ſe esfregará de fórma, que pareça ſahe fogo pelas palmas. Eſtas esfregações ſe coſtumaõ fazer aos enfermos de apoplexia, e outras enfermidades ſemelhantes. Se a esfregaçaõ for

fòr nos braços, ou em outra qualquer parte do corpo, ſe fará na meſma fórma à determinaçaõ do Medico, por eſtarem jà declaradas as trez qualidades dellas.

CAPITULO XXIV.

Ligaduras como ſe fazem.

186 HA trez caſtas de ligaduras, rijas, brandas, e mediocres; as quaes coſtumaõ os Medicos mandar fazer nas queixas de apoplexia, fluxo de ſangue, e outras; e eſtas ſe fazem nos muſculos dos braços, e pernas por ſima dos joelhos.

187 Se a ligadura houver de ſer branda, ſe fará com huma fita por ſima dos joelhos ſeis dedos; e com hum meyo nó ſe hirá apertando pouco a pouco o que for preciſo.

188 Se a ligadura houver de ſer rija, e forte, ſe fará com huma eſtriga de linho em rama, borrifada com vinagre, com a qual ſe hirá apertando de vagar, e continuadamente, atè que o enfermo ſe ſinta, ou ſe veja eſtá baſtantemente apertada; a

qual

a qual ſe ha de conſervar o tempo, que o Medico diſſer, e ſe repetirá as vezes, que elle determinar. Nas apoplexias, e ſono profundo ſe coſtumaõ repetir muitas vezes no dia; mas nunca ſe deſampare o enfermo, para ſe apertar, e afroxar, conforme a neceſſidade o pedir, e o enfermo houver miſter.

189 Se as ligaduras forem mediocres, ſe faraõ com hum orello de pano, e comprido, o qual ſe ha de enrolar no muſculo, ſeja do braço, ou da perna, apertando-ſe ſuavemente, de fórma, que o orello naõ ſobreponha hum ſobre outro; e ſe conſervará por tempo de meyo quarto de hora, pouco mais, ou menos.

190 As meſmas ligaduras coſtumaõ os Medicos mandar fazer nos muſculos das pernas, em quanto os enfermos ſe ſangraõ nos braços; as quaes ſe devem pôr algum tempo antes que o enfermo ſe ſangre, e tirar-ſe algum tempo depois de ſangrado.

CAPITULO XXV.

Defumadouros como ſe fazem aos enfermos, que tem puxos, e por outro nome Teneſmo.

191 SE os defumadouros forem de cozimento, virá eſte fervendo em huma panella, que caiba dentro de hum ſerviço limpo; e mettida dentro, ſe porá o enfermo em ſima delle, cuberto com huma capa, e eſtará ſentado atè que esfrie; e naõ ſe lançará o cozimento no ſerviço, por evitar o esfriar logo.

192 Se os defumadouros naõ forem de cozimento, no meſmo ſerviço limpo ſe porá no fundo hum teſto com brazas, e nellas ſe lançará o que houver de fazer fumo, eſtando jà o enfermo em pé para ſe ſentar no meſmo inſtante; e ſe naõ levantará atè que o fumo ſe naõ conſuma, guardando a fórma de eſtar bem arroupado.

CA-

CAPITULO XXVI.

Ajudas como se devem lançar de qualquer genero, que sejaõ.

193 REcebido o cozimento na seringa, se voltará com o bico para sima, e apertando o páo, se lhe deitará o vento fóra; e mandando pôr o enfermo de ilharga, com os joelhos encolhidos, e a boca aberta, resfolgando para fóra, se lançará a ajuda com muita facilidade; advertindo, que ha de ser com o calor suave, que naõ moleste ao enfermo.

194 Se o enfermo tiver almorreimas, se metterá huma tripa de galinha no bico da seringa, para que lhas naõ escandalize. Se o enfermo tiver ventosidades, e naõ puder receber a ajuda, se lhe metterá o bico todo dentro, e tirando-o mais para fóra, a receberá sem impedimento.

195 Se o enfermo por causa de grandes ventosidades naõ puder receber a ajuda, ou tiver impedimento no ourinar, tendo a bexiga cheya, e o caminho tapado, por onde ha de passar o cozimento, causa,

por

por que ſe lhe naõ póde lançar; a eſtes enfermos ſe coſtuma muitas vezes fazer a diligencia de ſe lhe tirar do ventre a ventoſidade, mettendo-lhe o bico da ſeringa vazia, e puchando o páo para fóra com muito vagar; porèm ha muito perigo de trazer com a ventoſidade alguma tripa, e aſſim he preciſo ſe faça com cautela, e por quem ſouber.

196 Para evitar eſte perigo, ſe mandará pôr junto da cama do enfermo hum banco com huma almofada em ſima, e outra almofada no chaõ; e mandando pôr o enfermo de barriga em ſima do banco, e a cabeça, e mãos na almofada, que eſtiver em baixo, ſe carrega o ventriculo, e bexiga para o eſtomago, e dará lugar que corra o cozimento da ajuda; e lançada ella, ſe arrimará hum pano ao inteſtino, para que a ſuſtente; e eſtará deitado de barriga em ſima do banco algum tempo, (naõ muito) e logo ſe metterá o enfermo na cama para conſervalla o tempo, que for neceſſario.

CA-

CAPITULO XXVII.

Ajudas a enfermos de apoplexia, ou outros semelhantes, e a freneticos como se lhe haõ de lançar.

197 AO enfermo de apoplexia, estando a ajuda prompta, se deitará o enfermo de costas, e se lhe mandaráõ recolher as pernas, e estas levantará outra pessoa pelas curvas, de fórma, que fique hum palmo levantado dos colchões, e se lhe deitará a ajuda; e para que melhor se faça esta diligencia, se lhe haõ de tirar as almofadas da cabeceira.

198 Ao frenetico, se por causa da sua loucura, ou frenesi naõ quizer admittir o remedio, se tomará hum ramo de lançol torcido, e lançando-lho ao pescoço, se lhe metterá huma ponta pelas curvas das pernas, e puchando-lhas para sima, de fórma, que os joelhos cheguem quasi à boca, se poderá com facilidade lançar a ajuda, pondo-lhe logo estopas, ou pano no intestino, para a conservar o tempo, que for preciso.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Ajudas de variãs caſtas como ſe fazem.

Ajuda lavativa.

199 EM hum quartilho de cozimento de cevada, ou caldo de galinha ſimples, ſe desfará nelle onça e meya de aſſucar maſcavado, e huma gema de ovo, e depois de tudo bem incorporado, ſe lançará ao enfermo, de fórma, que vá tibia, para que melhor a conſerve o tempo, que for neceſſario.

200 Eſtas ajudas lavativas ſe podem lançar a toda a hora, ou ſeja antes de comer, ou logo depois, tanto de dia, como de noite; porèm ſe o enfermo eſtiver com o ventre deſoccupado, lhe ſerá mais proveitoſa a ajuda.

Ajudas commuas.

201 As ajudas commuas ſe fazem de cozimento de cevada, ameixas paſſadas, malvas, e violetas, cujo cozimento ha de minguar a terça parte, quando ſe fizer; e

em hum quartilho delle ſe lançará aſſucar, e ſal, quanto baſte, duas onças de azeite commum; e lançada, a conſervará quanto puder.

202 O tempo mais conveniente de lançar eſtas ajudas, he pela manhã, eſtando o enfermo em jejum, ou ſinco horas depois de ter comido; e fóra deſte tempo naõ ſaõ convenientes, excepto ſe houver algum caſo, em que ſejaõ preciſas. Se o enfermo houver de ſer ſangrado, ſeja meya hora depois de lançar fóra a ajuda; e por nenhum caſo ſe lancem ajudas aos enfermos no principio de cezaõ, ou creſcimento, que lhe fará grande dano.

Para os duros do ventre.

203 Azeite commum com algum ſal he muito conveniente eſta ajuda.

Outra.

204 Em hum quartilho de ourina freſca ſe desfaça hum bocado de formento com azeite, e juripiga, quanto baſte, he muy boa.

205 *Aju-*

Ajuda composta.

205 A composta se faz com o cozimento da commua, ajuntando-lhe meya onça de juripiga, ou diacatalicaõ, azeite, e sal, quanto baste.

Ajuda temperante.

206 A temperante se faz com o mesmo cozimento sem sal, e com azeite violado em lugar do commum; e algumas vezes se faz com polpa de canafistola, ou com diacatalicaõ.

Ajuda emolliente.

207 A emolliente se faz com o mesmo cozimento sem sal, e em lugar de azeite, manteiga de porco, ou de vaca. Em todas estas ajudas he regra geral, que acabando o enfermo de recebellas, se volte de barriga para baixo, atè que a ajuda o precise a levantarse.

Ajuda adstringente.

208 As ajudas adstringentes, e outras muitas costumaõ os Medicos mandar fazer

na botica. Vindo o cozimento feito, ſe lançará ſómente a quantidade de meyo quartilho, recomendando ao enfermo, que a ſuſtenha todo o tempo, que puder, para cujo effeito ſe lançará tibia, para que naõ irrite ao enfermo.

CAPITULO XXIX.

Dor de colica como ſe lhe ha de acudir na auſencia do Medico.

209 DAndo ao enfermo fóra de horas huma colica, a que o Medico naõ poſſa acudir logo, perguntareis ao enfermo ſe comeo mais do coſtumado, e ſe tem o eſtomago azedo, e cheyo; porèm naõ eſtando inclinado a vomitar, lhe lançareis algumas ajudas commuas na fórma jà referida, e logo lhe dareis hum vomitorio; e no caſo que o enfermo tenha vontade de vomitar, ſeraõ as ajudas depois do vomitorio.

Vomitorio primeiro.

210 Primeiramente lhe dareis agoa tibia ſómente, que eſtando inclinado a vomitar, he o que baſta para o effeito.

Vo-

Vomitorio segundo.

211 Agoa cozida com erva doce, bebida quente, tambem he muy provocativa.

Vomitorio terceiro.

212 Efcremento de ratos em pó, bebido em vinho branco, he muy fingular remedio, e provocativo a vomitar.

Remedio primeiro.

213 Calumba, ou abuta em pó, quanto caiba em fima de trez vintens, bebida em vinho.

Remedio segundo.

214 Fel de gallo, bebido em vinho, he muy fingular remedio.

Remedio terceiro.

215 Huma ventofa no embigo, mas pouco tempo, que he melhor repetilla mais vezes, do que eftar muito tempo pegada.

Remedio quarto.

216 Hum taleigo de milho quente em fima da dor tambem he bom.

Remedio quinto.

217 Metter os pés em agoa bem quente, quanto o enfermo possa soffrer, tempo bastante.

Remedio sexto.

218 Muitas vezes succede proceder a colica de calor: estas se tiraõ pondo panos de agoa fria no estomago do enfermo, em que logo sente alivio; e se o naõ sentir, se naõ deve continuar. Naõ aproveitando todos estes remedios, virá o Medico para receitar outros mais efficazes, e purgar como he costume.

CAPITULO XXX.

Advertencia muito importante para quando o Medico manda fazer a hum enfermo muitos remedios juntos, qual deve ser o primeiro.

219 AContece muitas vezes ordenar o Medico muitos remedios juntos, v. g. sangria, cordial, ajuda, untura, defensivo, e comer cedo. Será bom advertir qual destes remedios se ha de fazer primeiro,

meiro, para que resulte o bom fim, para que se applicaõ, que he a saude do enfermo; e o Enfermeiro faça bem a sua obrigaçaõ. Ainda que em algumas enfermidades costumaõ variar os remedios, fazendo-se hum primeiro que outro, por serem as enfermidades graves, direy o que he mais ordinario, e commum.

220 Quando o Medico determinar ao enfermo sangria, ajuda, cordial, untura, defensivo, e comer cedo, se deve principiar pela ajuda, e passada meya hora depois de se levantar de obrar, se sangre, e logo se lhe dará o cordial, e acabado de o tomar, se lhe applicará o defensivo, logo a untura, e passada outra meya hora, se lhe dará de comer ao enfermo.

221 Se acaso houver motivo mais urgente, v. g. esquinencia, pleuriz, ou outra queixa, que promptamente necessite de sangria, ou haja receyo de lhe entrar logo o crescimento, ou terçã, se lhe fará primeiro a sangria ao enfermo; e passada meya hora, se lhe lançará a ajuda, e depois de ter obrado com ella, se lhe dará o cordial, logo se lhe fará a untura, e se lhe appli-

cará o defenſivo; e paſſada meya hora, ſe lhe dará de comer.

CAPITULO XXXI.

Diſtancia de tempo, que deve haver entre a ſangria, ajuda, e ventoſas.

222 QUando o Medico determinar ao enfermo ſangria, ajuda, e ventoſas, ſe eſtiver o Sangrador dentro do Hoſpital para executar o que o Medico ordena, he de advertir, que as preſſas cauſaõ, e podem cauſar grande dano ao enfermo; e aſſim he preciſo que o Enfermeiro as evite, examinando o enfermo ſe no dia antecedente fez curſo; e ſe o tiver feito, póde ſangrarſe logo, e de tarde tomar a ajuda; porèm o mais acertado he lançar-lhe a ajuda primeiro, e paſſada meya hora depois de ter obrado com ella, ſe fará a ſangria, e naõ antes; porque lhe fará grande dano ao enfermo, ſegundo a opiniaõ de graves Medicos; porque com a ajuda, e evacuaçaõ ſe enfraquece a natureza, e com o levantar ſe eſtropea;

tropea; e alèm deſtas razões outras muitas, que os Medicos referem. As ventoſas ſe lançaráõ meya hora antes de cear o enfermo; e ſe tiver creſcimento, ſe lançaráõ na declinaçaõ delle.

223 Muitos Medicos ha, que primeiro mandaõ ſe ſangre o enfermo, e que paſſada meya hora ſe lance a ajuda, mayormente quando ha neceſſidade de ſangria. E porque as razões, que os Medicos daõ, naõ competem ao Enfermeiro, deve eſte (topando com algum deſta opiniaõ) perguntarlhe que remedio ſe ha de fazer primeiro, porque aſſim fica livre a ſua conſciencia, excepto quando conhecer he erro manifeſto, e o Medico ſe engana no que determina, porque a experiencia corre parelhas com a ſciencia.

CAPITULO XXXII.

Cordial freſco, e purgativo, como, e quando ſe devem dar.

224 COſtumaõ os Medicos mandar dar aos enfermos differentes caſtas de cordiaes, conforme a queixa, que pade-

padecem. Se o cordial for refrigerante, ſe ha de dar ao enfermo meya hora antes da ſangria, ſendo pela manhã, ou meya hora depois de ſe ſangrar. Se o enfermo eſtiver fraco, póde tomar hum caldo de galinha antes da ſangria, e o cordial depois della. Dando ao enfermo cordial de tarde, he mais conveniente depois da ſangria, e das ventoſas, o qual ſempre ſe ha de dar frio.

225 Se o cordial for purgativo, ſe ha de dar ao enfermo, eſtando em jejum, a porçaõ de meyo quartilho. Tambem ha occaſiões, em que os Medicos o mandaõ dar em ſima da ſangria, paſſada meya hora, mayormente nas febres malignas, que tem por conveniente o ſangrar, e purgar ao meſmo tempo. Quando deres eſte cordial purgativo, ſendo de Inverno, ſeja quente. Tereis cuidado de procurar ao enfermo como obrou com elle, para informares o Medico na repetiçaõ.

CA-

CAPITULO XXXIII.

Pedra bazar como se ha de dar.

226 SE o Medico mandar dar ao enfermo pedra bazar, enchereis huma colher de caldo de galinha, ou de agoa cordial, cuja colher será de prata, ou de outro metal, e nella lançareis a pedra em pó, a quantidade de hum, ou dous grãos de comer, ou a quantidade, que o Medico determinar; e se for possivel, naõ chegue aos dentes do enfermo, quando a tomar; e logo lhe dareis huma gota de caldo, ou de agoa cordial, para que leve toda para baixo.

CAPITULO XXXIV.

Purgas, quando, e como se devem dar.

227 DEve ter muito grande cuidado o Enfermeiro, quando houver de dar a purga ao enfermo, perguntando-lhe primeiro a que hora lhe costuma vir o crescimento, ou cezaõ, para o advertir ao Medico, e elle determine a hora, em que o en-

o enfermo ha de tomar a purga, porque nisto resulta a mayor parte da saude do enfermo.

228 Naõ obstante esta advertencia, saiba o Enfermeiro, que sempre as purgas se daõ na declinaçaõ do crescimento, ou sejaõ dobres, ou naõ sejaõ. Se a purga se der ao enfermo no principio do crescimento, ou cezaõ, lhe póde resultar gravissimo dano. Sempre que o enfermo tome a purga, ha de estar em jejum; e porque ha casos, em que a mandaõ dar de tarde, he preciso tenhaõ passado quatro, ou sinco horas depois de ter comido. Tambem he muito conveniente perguntar ao enfermo se tem feito curso no dia antecedente; e se o naõ tiver feito, he preciso lançar-lhe huma ajuda, para que a purga faça melhor o seu effeito. Para o Enfermeiro se livrar deste cuidado no dia da purga, póde lançar huma ajuda ao enfermo na tarde antecedente, se naõ tiver obrado.

229 He tambem muito, e muito preciso, que o Enfermeiro antes de dar a purga ao enfermo, lhe tome o pulso, e saiba como passou a noite; porque muitas vezes suc-

ſuccede mudarem-ſe as cezões, ou creſcimento, e na hora, que o Medico tem determinado, e he coſtume, naõ ſer conveniente, ou pela cauſa referida, ou por outros accidentes diverſos de deſmayo, ſuor, fraqueza, &c. que coſtumaõ ſobrevir de repente; e importa mais à vida do enfermo ſuſpender a purga, que o dar-lha; e neſte caſo de ſuſpender a purga, dirá o Enfermeiro ao Medico, aſſim que chegar, a razaõ, que teve para o fazer.

230 Eſtando a purga preparada, mandareis ſentar o enfermo em ſima da cama, com as coſtas arrimadas na almofada, para que a cabeça lhe fique alta; e dando a purga a beber ao enfermo, ſeja por hum copo de vidro eſcuro, ou por hum pucaro de barro. Sendo de Veraõ, dareis a purga fria; e de Inverno, quente, e naõ tibia, porque provoca a vomito.

231 Antes que o enfermo tome a purga, enxagoará a boca, e o meſmo fará depois de a tomar. Se for com agoa, naõ he máo; ſe for com vinho, he melhor; e ſe for com agoa ardente, he mais ſingular; porque o ardor, que lhe cauſa antes, e depois,

pois, faz ſuſpender o cheiro, a doçura, e o tedio.

232 Se ao enfermo lhe ſobrevier alguma anciedade provocativa a vomito, vede ſe lha podeis evitar, mettendo-lhe as mãos em agoa bem fria, borrifando-lhe a cara, mettendo-lhe na boca hum bocado de marmello, limaõ, ou cidra, e cheirando o meſmo. Naõ baſtando iſto, lhe fareis esfregações brandas nas barrigas das pernas, coſſegas nas ſolas dos pés, puchar-lhe pelos dedos, deitar-lhe huma ventoſa no eſtomago, dous dedos mais aſſima do embigo, huma gema de ovo aſſado poſta na concavidade, que eſtá no fim da garganta; a qual, pondo-ſe quente, ſe ha de conſervar atè que esfrie; maſtigar azeitonas, ou outra qualquer couſa, que o enfermo apetecer, naõ lhe fazendo dano.

233 Se todos eſtes remedios naõ forem equivalentes para que o enfermo naõ lance a purga por vomito, eſtará huma bacia prompta para a lançar, e ſe guardará atè que o Medico venha, para lha mandar lançar por ajuda, ſe lhe parecer conveniente. Se o enfermo conſervar a purga, e naõ

obrar

obrar com ella, tendo paſſado quatro horas, lhe lançareis huma ajuda.

234 Se o enfermo recear vomitar a purga, lha dareis fria, ainda que ſeja de Inverno; e em quanto o enfermo obrar, lhe naõ dareis de comer. O modo de aquentar as purgas, he mettendo o vaſo, que a tiver, dentro de hum taxo de agoa fria; e pondo-ſe ao lume, ſe eſtará mechendo em quanto ſe aquenta.

CAPITULO XXXV.

Vomitorios como ſe devem dar.

235 AS meſmas advertencias, que vaõ referidas no Capitulo paſſado, para ſe darem as purgas bebidas, ſe haõ de obſervar nos vomitorios, menos os remedios para naõ vomitar, por ſer differente o projecto.

236 Coſtumaõ muitos dar os vomitorios em caldo de galinha, ou em agoa, lançados em huma colher: ſe eſta for de páo, lhe ficará muita parte pegada; e como eſte remedio ſe receita por grãos, naõ to-

tomando todos o enfermo, naõ póde ser o effeito todo aquelle, que o Medico pertende que elle obre. Dando-se o vomitorio em colher de metal, menos mal he; porèm o mais util, e facil para quem os toma, e para quem os dá, he lançar os pós na boca do enfermo com o mesmo papel, em que estaõ embrulhados, e dar-lhe logo humas bochechas de agoa fria, enxagoando a boca; e levando a mesma agoa para baixo, duas, ou trez vezes, se naõ esperdiça nem hum só graõ.

237 Cada vez que o enfermo vomitar, se lhe daráõ humas gotas de agoa morna, porque com ella enxagoa a boca das viscosidades das coleras, e com a que bebe lhe provoca a mais vomito, e ajuda a lançar com mais facilidade, e faz melhor effeito.

CAPITULO XXXVI.

Manná, e Lexandria como se ha de dar.

238 SE o Medico naõ determinar a hora, que o enfermo ha de tomar a lexandria, lhe dareis a comer o assucar rosado na crescença do dia, das oito

par

para as nove da manhã, e em ſima lhe dareis meyo pucaro de agoa fria. Naõ deixareis dormir o enfermo aſſim com eſta purga, como com as mais, ſalvo o Medico determinar o contrario; porque ha purgas, em que os Medicos determinaõ durma o enfermo, principalmente com pirolas purgantes, para fazerem actuaçaõ, com a qual obraõ melhor. Na meſma hora dareis a purga de manná em caldo de galinha, com as circunſtancias jà referidas.

CAPITULO XXXVII.

Rezina de Jalapa, ou outra qualquer quimica, como ſe ha de dar.

239 A Rezina de jalapa mandaõ alguns Medicos dar em doce, ou gema de ovo; porèm o mais facil, e mais conveniente, he lançalla na boca do enfermo, dando-lhe humas gotas de agoa fria para a levar para baixo. Neſta purga naõ coſtuma haver ancias; mas ſe o enfermo naõ obrar paſſadas quatro horas, he conveniente ſe facilite com huma ajuda com-

mua; e depois de ter obrado com ella, se lhe dará a beber agoa fria.

240 Se o Medico receitar outra qualquer quimica, lhe perguntareis a fórma de a dar, que succede carecer de circunstancia para fazer bom effeito.

241 Se o enfermo naõ tiver mais queixa, que requintar a saude, e este tal se quizer levantar, e passear com a purga, estando a casa abrigada, lho naõ impedireis; que dizem os Medicos aconselha Hipocrates obraõ melhor levantados. Porèm ainda que o enfermo naõ esteja na cama, se haõ de observar as circunstancias jà referidas nos mais purgados.

CAPITULO XXXVIII.

Caldos de galinha como, e quando se haõ de dar aos purgados.

242 SE depois que o enfermo tiver tomado a purga, passarem trez horas sem principiar a obrar, lhe dareis huma tigela de caldo de galinha sem sal; e se a seu tempo principiar a obrar, se lhe póde dar jà temperado, hum quarto, ou

meya

meya hora antes de comer : isto no caso, que o enfermo necessite delle por causa de grande evacuaçaõ.

CAPITULO XXXIX.

Pirolas como, e quando se haõ de dar.

243 AS pirolas de Laudano, que servem para dormir, ou outras quaesquer, que sejaõ, se haõ de dar ao enfermo quatro horas ao menos depois de cear, e naõ antes, porque lhe póde resultar gravissimo dano, se o estomago naõ tiver feito cabal cozimento.

244 Para se darem ao enfermo, que he facil de as engulir, tomareis huma nos dedos pollex, e index, e estando o enfermo com a boca aberta, lhe atirareis com ella de fórma, que lhe toque na garganta, e assim a engulirá com muita facilidade.

245 O enfermo, que as naõ puder tomar nesta fórma, se lhe embrulhará a pirola em aparas de hostia, tez de cebolla, ou em pelle de uvas, e mettendo-lhas na boca, cada huma de per si, as tomará com facilidade.

246 Naõ podendo engulillas nesta fórma, lhas mettereis na boca o mais dentro, que puder ser, com os dous dedos index, e maximo, e lhe dareis huma gota de agoa para as levar para baixo. Se com todas estas diligencias as naõ puder levar, lhas dareis cada huma de per si em colheres de caldo de farinha.

CAPITULO XL.

Lambedor como se ha de dar.

247 O Lambedor se deve dar de fórma, que naõ chegue ao estomago, e de quarto a quarto de hora. Sendo de Veraõ, será frio; e de Inverno, quente.

248 Para se tomar com facilidade, e que possa aproveitar ao enfermo, lhe poreis ao enfermo junto da cama o vaso, que tiver o lambedor, com huma raiz de alcaçus machocada na ponta, e chupando nella de quarto a quarto de hora, lhe fará proveito. Sendo de Inverno, lhe poreis junto da cama hum brazeiro com pouco lume, para que se possa conservar quente, recomendando ao enfermo naõ tome mais vezes.

CA-

CAPITULO XLI.

Advertencias muito importantes para a ſaude do enfermo, que o Enfermeiro deve obſervar.

249 REcomendareis ao enfermo, que tiver febre aguda, naõ eſteja de coſtas, e muito mais àquelles, que eſtiverem com creſcimento, ainda que ſeja de cezaõ, que entre com frio; porque ſe eſquentaõ as coſtas, e rins, de que reſulta ao enfermo grave dano.

250 Aos enfermos, que eſtiverem delirantes, fareis a cabeceira alta, que como os humores eſtaõ propendendo para a cabeça, ſe augmenta a queixa, eſtando baixa, e eſtá mais diſpoſta para receber a malignidade da doença. O meſmo obſervareis com os enfermos, que tiverem achaque no peito.

251 Nas enfermidades malignas, bexigas, e outras ſemelhantes, he muito conveniente, tendo a camiza çuja, veſtirlhe outra limpa, enxovalhada, e defumada primeiro; porque ſe eſta tal camiza ſe veſtiſſe

a outra qualquer peſſoa, eſtando boa, ſe lhe pegaria a queixa com muita facilidade, ſe a veſtiſſe çuja. Naõ ſerá muito que ao enfermo, eſtando melhor, ſe lhe torne a augmentar a queixa, ſe no corpo conſervar a camiza çuja, a qual ſe naõ ha de mudar em dia de purga.

252 A todo o enfermo, que tiver algum ſuor, no fim delle naõ ſó lhe mudareis a camiza, mas tambem os lançoes; e para fazer mais proveito ao enfermo, ſerá melhor que a camiza, e lançoes tenhaõ ſervido huma noite a outra peſſoa; e ſe repentinamente for neceſſario huma, e outra couſa, ſe enxovalhe nas mãos, de fórma, que pareça tem jà ſervido em outra peſſoa.

253 Quando ſe mudarem os lançoes, e camiza ao enfermo, eſtaráõ as janellas fechadas. Naõ he preciſo que ſe levante o enfermo da cama para ſe lhe mudarem os lançoes, deſpir, e veſtir outra camiza, que na prudencia do Enfermeiro deixo reſervada a fórma, por evitar o extenſo.

CA-

CAPITULO XLII.

Raſpar, e humedecer a lingua a hum enfermo como ſe deve fazer com acerto.

254 HE de graviſſima importancia, que os Enfermeiros tenhaõ muy particular cuidado com os enfermos, que padecem febres malignas, e outras ſemelhantes, principalmente nas linguas dos taes enfermos, que de ordinario ſe lhe coſtumaõ ſecar, e encher de viſcoſidades, das quaes (como diz Hipocrates) ſe originaõ muitas vezes os delirios aos enfermos, e outras vezes perder o goſto da comida, e bebida, e grande faſtio, que he graviſſimo achaque, com que debilitaõ as forças, de que tanto neceſſita o enfermo. Aſſim deve ſer muito grande o cuidado, que deve ter o Enfermeiro com eſtes enfermos, refreſcando-lhes a boca, e raſpando-lhes a lingua.

255 Para lhe raſpar a lingua, lhe mandareis enxagoar a boca trez, ou quatro vezes com agoa fria, tendo-lhe deitado nella humas gotas de vinagre; e depois de eſtar bem enxagoada, lhe raſpareis a lin-

gua com huma colher de metal, cuja diligencia lhe fareis duas vezes no dia, ou huma ao menos.

256 Para conſervares ao enfermo a lingua freſca, lhe tereis prompta huma zaragatoa. Embrulhareis eſtas ſementes em hum pano fino, que fique redondo, mayor que huma avelã, e atando hum paozinho neſta cabeça de pano, ficará em fórma de ſe poder uſar della para o dito miniſterio. Quando naõ haja as ſementes de zaragatoa, podem ſupprir as pevides de marmello. Advirto, que na agoa, em que ſe molhar a zaragatoa, ſe lhe haõ de lançar humas pingas de vinagre.

CAPITULO XLIII.

Agoa como, e quando ſe ha de dar ao enfermo.

257 HE muito preciſo que o Enfermeiro tenha particular cuidado em dar agoa aos enfermos, naõ quando a pedirem, mas ſim quando della neceſſitarem, e a muitos ſem a pedirem, principalmente aos delirantes, e aos que eſtaõ fóra da ſua propria advertencia; que muitas

tas vezes em enfermos de differentes enfermidades, principalmente nas malignas, taõ prejudicial he tirar-lhes a agoa a ſeu tempo, como dar-lha fóra delle, ſem antever lhes he, ou naõ preciſa.

258 A hora mais propria para dar agoa a hum enfermo, he na declinaçaõ da febre, ou ſeja de terçã, ou de outra qualquer qualidade. A muitos Medicos tenho ouvido dizer, que para melhor ſe conhecer a declinaçaõ da febre, he quando o calor deſce aos pés, e ficaõ mais quentes, que as mãos, e que he doutrina de Avicena.

259 O prudente Enfermeiro deve fazer eſta, e outras obſervações, que a experiencia, e continuaçaõ do exercicio moſtra, para naõ dar ao enfermo agoa fóra de tempo. Aos que tem malignas ſe lhes deve dar agoa em mais abundancia, principalmente nas horas de comer.

260 Aos enfermos, que forem trigueiros, colericos, ſanguineos, e ſecos, ſe lhes ha de dar agoa mais largamente, que aos que forem gordos, e claros; e he pratica de graves Medicos, com quem tenho viſitado, e praticado neſte particular.

261 Nos

261 Nos mezes de Junho, Julho, Agosto, e Setembro, ſe deve dar aos enfermos mais agoa, e bem fria; e nos mais mezes ſe deve dar menos, conforme a neceſſidade o pedir. De Inverno ſe lhes ha de dar morna, principalmente aos que tiverem achaque no peito, ou pleuriz.

CAPITULO XLIV.

Agoa a que enfermos ſe ha de dar mais, ou menos.

262 AOs feridos de pouco tempo, aos que tiverem eriſipela, freneticos, e aos que tiverem cabruncos, ſe lhes dará agoa em abundancia, e fria; e ſe for cozida com eſcorcioneira, melhor. Ainda que a eſtes enfermos ſe lhes póde dar agoa mais largamente, do que em outras enfermidades, he preciſo que o Enfermeiro premedite a idade, e temperança do enfermo, e o ſeu comer, que ſendo pouco, naõ deve a agoa ſer muita, porque lhe fará dano.

263 Aos enfermos, que tiverem pleuriz, ſe lhes deve dar pouca, e quente: cozida

zida com eſcorcioneira, e fria por nenhum caſo.

264 Aos que tiverem ſerampo, ou bexigas, ſe lhes ha de dar da meſma agoa cozida; porèm fria ſem ſer com neve, e pouca, porque lhes naõ cauſe curſos, que neſtas queixas ſaõ muitos perigoſos.

265 Aos camarentos ſe lhes ha de dar a agoa ferrada com aço, ou ouro; advertindo, que ſe ha de ferrar duas, ou trez vezes; porque ferrada ſó huma vez, lhe cauſaria mais curſos ao enfermo. A quantidade ſerá moderada, conforme os tempos, e quantidade de curſos, que o enfermo fizer. Se os curſos forem colericos, ou pelo Medico o dizer, ou pelo enfermo ſe queixar, que ao ſahir do humor lhe arde o inteſtino, ou os curſos forem de ſangue, ſe lhes dará a eſtes enfermos agoa em mais abundancia, e freſca. Todas as bebidas, que tomarem de Veraõ, haõ de ſer frias; e de Inverno, quentes.

266 Aos hydropicos ſe lhes ha de dar agoa cozida com páo de tamargueira, ou com aquillo, que o Medico determinar. Naõ deve o Enfermeiro tirarlhes a agoa de todo,

todo, mas lhes hirá todos os dias diminuindo a reçaõ, e ao mesmo tempo se lhes hirá diminuindo a sede, atè que a naõ apeteça; e a que beber, seja fria. Se o enfermo se abstiver de naõ beber nenhuma, (como tem feito muitos) he o remedio mais seguro para sarar da queixa de hydropezia. Se o Medico mandar dar vinho ao hydropico, seja branco, e o comer seja assado; e se for cozido, seja com agriões, raiz de perrexil, ou grãos. A enfermos sem esperança de vida, vi jà sarar, bebendo a agoa cozida com agriões, e o comer cozido com elles, servindo-lhes os mesmos tambem de alimento depois de cozidos com a carne.

CAPITULO XLV.

Desfastios para todo o genero de enfermos.

267 AOs enfermos, que tiverem cabruncos, erisipelas, e feridos de pouco tempo, se lhes naõ deve dar perrexil, salvo naõ havendo outro remedio, por ser quente, e ter a qualidade de unirse com a colera, e sangue, e augmentalla mais. A estes enfermos se lhes ha de dar

sumo

ſumo de limaõ, e em falta deſte, ſe lhe dará agrás, por ſer adſtringente.

268 Aos enfermos, que tiverem pleuriz, naõ ſe lhes ha de dar nenhum genero de azedo, nem marmello, nem pera, e muito menos fruta de nenhuma caſta, ſalvo eſtando jà em caſa bem madura, e bem quebrada. Póde comer eſcorcioneira, alfenim, abobora, paõ de ló, e ameixas de conſerva.

269 Aos hydropicos lhes faz mal todo o genero de azedo, e doce lhes naõ faz proveito; e ſó perrexil lhes póde ſervir de desfaſtio, e outra couſa naõ.

270 Aos camarentos todos os desfaſtios haõ de ſer adſtringentes; e dando-lhes azedo, ſerá ſó agrás. Naõ ſe lhes deve dar perrexil, nem couſa, que chegue a vinagre, que eſte ſó lhes he proveitoſo na convaleſcença. Se comer marmello cozido, ou aſſado, ſeja antes de jantar, ou de cear; que ſendo depois de comer, cauſará mais curſos ao enfermo, o que a experiencia tem moſtrado.

271 Aos gotoſos ſe póde dar toda a caſta de ave, carneiro, e cabrito. Se eſtes bebe-

beberem vinho, ſeja aguado, e pouco. Naõ lhes he conveniente leite, queijo, vaca, porco, peixe, e carne ſalgada por nenhum caſo.

CAPITULO XLVI.

Sangrar aos enfermos como, e quando ha de ſer, e regimento, que ſe ha de obſervar.

272 DEve ter muito grande cuidado o Enfermeiro com os enfermos, que tem creſcimentos de febres malignas, agudas, ou terçãs, naõ os deixando dormir.

273 Eſtes enfermos ſe naõ devem ſangrar ſem eſtarem livres dos creſcimentos, ou ao menos na declinaçaõ delles; que a fórma de ſe conhecer quando eſtá declinado o creſcimento, vay declarada no Capitulo quarenta e trez.

274 Deve o Enfermeiro ter grande cuidado de advertir ao Sangrador, quando eſtiver fazendo alguma ſangria no braço, o naõ levante, que he hum erro graviſſimo, em que cahem muitos Sangradores; porque quanto mais inclinado para baixo

tiver

tiver o enfermo o braço, melhor. Se a ſangria for de pé, ſerá feita fóra da cama, tendo o corpo inclinado para a parte da bacia; advertindo ao Sangrador rompa bem a veya, que ſendo pouco raſgada, naõ ſerve de proveito ao enfermo.

275 Se o enfermo for coſtumado a deſmayar-ſe, ſe lhe dará agoa bem fria para ter na boca em quanto ſe lhe faz a ſangria; e em a dita agoa ſe lhe aquentando na boca, a lançará fóra, e ſe lhe dará outra; e quando iſto naõ baſte, ſe lhe borrife a cara; e naõ podendo evitar o deſmayo, dirá o Enfermeiro ao Sangrador tape a veya.

276 Algumas vezes ſaõ as ſangrias, que cauſaõ deſmayo, de muito proveito para o enfermo; porque com o deſmayo ſe resfria todo o ambito do corpo, e finalizaõ as febres, como coſtuma ſucceder com os ſuores na declinaçaõ dos creſcimentos.

277 Advirta o Enfermeiro, que depois que o Medico ſahir do Hoſpital, tendo ordenado ſangria a algum enfermo, e a eſte lhe ſobrevier algum ſuor, vomitos grandes, ou curſos, com eſtes ſymptomas o naõ mande ſangrar, ſem que o Medico novamente

mente o determine; porque ha muitas vezes febres com curſos, e ſem embargo deſtes ſe manda ſangrar; e a muitos enfermos lhes daõ ſuores pela cara, e peito no principio da enfermidade, e naõ obſtante os mandaõ ſangrar. Porèm para que o Enfermeiro obre com acerto, he preciſo reſerve para o Medico eſtas determinações.

CAPITULO XLVII.

Suor como ſe conhece ſe he bom, ou máo, e embarramentos, que ſe coſtumaõ fazer aos que ſaõ diaforeticos.

278 PORQUE em muitas febres coſtumaõ vir algumas vezes ſuores, que em alguns enfermos terminaõ bem, e em outros mal, pela boa, ou má qualidade delles; he muito preciſo que o Enfermeiro para os remediar, e ſuſpender, ou para os ajudar a ſuar mais, tenha conhecimento delles.

279 Deve o bom Enfermeiro examinar todos os dias a ourina do enfermo; e ſe lhe faltar a experiencia, he preciſo que quan-

quando o Medico a veja, repare os termos, com que a capitula; porque ouvindo dizer que as de hum enfermo tem perdido alguns ſinaes de cozimento, e a eſte tal enfermo lhe vier hum ſuor quente, que lhe occupe todo o corpo, e que as gotas ſaõ redondas, deve o Enfermeiro conſervar eſte ſuor ao enfermo por tempo de huma hora, ſe tiver forças; e ſe as naõ tiver, ſeja menos tempo. Deve o Enfermeiro advertir ao enfermo ſe naõ mova, nem ſe deſcubra, e abrigallo com a meſma roupa, que tiver, ou pouca mais, para que o enfermo ſe naõ fatigue, que he o principal para que o enfermo o poſſa conſervar.

280 Quando ao Enfermeiro lhe parecer conveniente, lhe limpará o ſuor com huma toalha por baixo da roupa, de fórma, que o enfermo naõ receba algum ar frio: logo lhe veſtirá camiza limpa, bem enxovalhada nas mãos, quente, e defumada com alecrim. Se depois de ter a camiza limpa veſtida continuar o ſuor, tendo forças o enfermo, lho póde conſervar mais algum tempo, e lhe dará algumas gotas de caldo, porque deſtas evacuações reſulta

 mui-

muita fraqueza ao enfermo. No principio destes suores he muito conveniente dar ao enfermo seis onças de agoa de lingua de boy, ou de escorcioneira, com pedra bazar, do tamanho de hum graõ de comer.

281 Ainda que estes suores sejaõ bons, e approvados, podem matar, se forem demasiados; e assim deve o prudente Enfermeiro ver com particular attençaõ se o enfermo se vay enfraquecendo muito, que em tal caso lho deve logo evitar.

282 Outras vezes costumaõ ser os suores differentes, a que os Medicos chamaõ diaforeticos, os quaes começaõ por hum suor frio, e pegajoso, a cujo enfermo se lhe vaõ logo enfraquecendo os pulsos, os quaes se põem como untados de azeite, quando este suor principia.

283 A estes taes enfermos he muito preciso que o Enfermeiro duplique o cuidado, para lhe evitar logo o suor, naõ deixando dormir o enfermo, e fazendo-o mudar, e voltar na cama de huma para outra parte, e aliviallo da roupa, de fórma, que lhe fique muy pouca. Logo se atará hum pano grosso em hum páo por fórma de bandeira,

deira, molhado em agoa, e vinagre rosado, e com o tal instrumento estará huma pessoa abanando o enfermo continuamente da cabeça atè aos pés; e o melhor he com hum chapeo velho, molhado no mesmo, para que o ar seja mais violento, que he o mais conveniente.

284 Saõ estes suores em muitas occasiões taõ copiosos, que nem com estas diligencias querem parar; e como naõ saõ sufficientes para impedillos, costumaõ os Medicos mandar embarrar o tal enfermo. Para executar este embarramento, mandareis pôr o enfermo de lado, e tomando nos dedos o barro, ou emplasto, que o Medico tiver receitado, lhe untareis todo o espinhaço, o qual está situado desde a nuca atè o fim das costellas mendozas, e logo se lhe ha de embarrar todo o peito, e mais partes do corpo, se o Medico o determinar, que as essenciaes saõ só as referidas; e se lhe hirá fazendo vento na fórma, que está dito, sem deixar dormir o enfermo.

285 Para estes enfermos naõ he proveitosa a pedra bazar. Se o Medico naõ

vier de pressa, mandará o Enfermeiro vir logo da botica pós de terra sigillada, bolo armenio, margaritas preparadas, de cada cousa hum escrupulo, xarope de rosas secas, e marmellos, de cada hum huma onça, agoa de cerejas quatro onças; e lhe dará esta bebida, porque he conveniente.

CAPITULO XLVIII.

Dar de comer aos febricitantes quando deve ser.

286 MUito grande deve ser o cuidado, que o Enfermeiro deve ter com a comida, que houver de dar aos enfermos, que estaõ com crescimentos, de qualquer qualidade, que sejaõ, observando a hora, a que principiou, para que no caso que o Medico determine a hora, a que se lhe ha de dar de comer, examine os pulsos do enfermo, e o estado do crescimento primeiro que lhe dem a comida; porque succede haver incidente, que faz dilatar mais tempo o crescimento, do que o Medico premeditou, e se lhe deve dilatar o comer atè que o enfermo esteja em termos

de

de lhe naõ prejudicar. Para que o enfermo naõ experimente debilidade, deve o Enfermeiro antever a que hora lhe entra ao enfermo o crescimento, ou cezaõ, para lhe dar de comer ao menos duas horas antes.

287 Tem-se visto grandes disgraças em casas particulares, aonde falta a experiencia do curativo, dando de comer ao enfermo naquella hora, que o Medico determinou, na qual ainda naõ estava livre do crescimento; e muitas vezes pelo enfermo pedir de comer, precisado da vontade de beber. Naõ menos com as sangrias feitas muito antes da declinaçaõ do crescimento. He preciso que haja muito grande cuidado tanto no dar de comer ao enfermo, quanto para a applicaçaõ da sangria, e mais remedios; que fóra de tempo podem matar; e quando naõ matem, naõ curaõ, e dilataõ a enfermidade.

288 Deve ter tambem grande cuidado o Enfermeiro de advertir aos enfermos, que estaõ com crescimento, estejaõ cubertos, pelo perigo de que o calor se lhe reconcentre para dentro, e se constipem os poros, se se descobrem, de que se originaõ

muitas vezes humas febres, a que os Medicos chamaõ lipirias, as quaes ſaõ mortaes.

CAPITULO XLIX.

Sono profundo como ſe ha de evitar.

289 ADvirta o Enfermeiro, que quando achar algum enfermo com ſono profundo (o qual dá muitas vezes no principio da terçã) ſe conhecerá eſte ſono no reſpirar, com o qual, ainda que o chamem, naõ poſſa deſpegar os parpados dos olhos. A eſtes taes na auſencia do Medico ſe lhes poderáõ fazer os remedios ſeguintes, para evitar algum lethargo, que naõ tenha depois nenhum remedio.

290 Em primeiro lugar ſe lhe faraõ eſfregaçṍes rijas nas barrigas das pernas; ſe naõ baſtar, ſe lhe lance huma ajuda compoſta, ou huma mecha irritante no inteſtino; ligaduras fortes, puchar-lhe pelos narizes, fallar-lhe alto, ventoſas nas barrigas das pernas. Naõ baſtando iſto, ſe lhe dará couſa, com que eſpirre, naõ muy forte, ſe o enfermo naõ eſtiver evacuado; que ſe o eſtiver, podem ſer os pós mais aſperos:

ros: os mais promptos ſaõ de moſtarda bem ſubtís.

291 Advirta o Enfermeiro, que ſe o enfermo tiver vellado alguns dias por cauſa de freneſi, dores, ou outro qualquer motivo, he conveniente que durma o enfermo.

CAPITULO L.

Deſmayo, levantando-ſe o enfermo, como ſe lhe ha de acudir.

292 SE o enfermo ſe deſmayar, tomareis vinho, e agoa, partes iguaes, e lhe molhareis os pulſos, e fontes, e com hum pano molhado no meſmo lhe molhareis o nariz muito bem.

CAPITULO LI.

Toſſe grande como ſe lhe ha de acudir.

293 AOs enfermos, que tem achaque no peito, como ſaõ os de pleuriz, tiſicos, e aſmaticos, acontece darlhes toſſe, que com a fraqueza parece que

morrem, e os afoga; o que assim póde succeder, se for grande a porçaõ de fleuma, que a naõ possaõ despedir.

294 Em caso semelhante lhe acudirá o Enfermeiro com humas gotas de agoa quente, levantando-lhe a cabeça, e fazendo-lhe algumas esfregações brandas, e lhe dará huma colher de lambedor quente, ou caldo de galinha sem gordura, com huma gota de lambedor, ou de assucar.

CAPITULO LII.

Amendoadas como se fazem, e a que hora se devem dar.

295 DE duas fórmas se fazem as amendoadas: humas mandaõ dar os Medicos para sómente refrescar ao enfermo; e outras por causa de fraqueza para o alimentar. A que se dá por fraqueza, se póde fazer nesta fórma: Duas onças de amendoas pilladas, muito bem pizadas, para que larguem a substancia, e desfeitas em agoa, que baste, se ha de coar por hum pano delgado, e se porá ao fogo brando,

de

de ſorte que levante fervura, mechendo-ſe ſempre com colher. Se o enfermo tiver vomitos, ſe lhe dará fria; quando naõ, ſe lhe dará quente, lançando-lhe aſſucar, e huma gema de ovo, tudo bem encorporado fóra do lume.

296 A que o Medico applica para refreſcar, ſe fará deſta fórma: Onça e meya de pevides de melaõ, e abobora, e meya onça de amendoas pilladas, tudo bem pizado, e desfeito em agoa, que baſte, e coado como eſtá dito, ſe porá ao fogo brando atè que pareça que quer levantar fervura, mechendo-ſe ſempre, (e naõ ferva, porque ſe naõ corte) ſe lhe deitará o aſſucar em quanto eſtiver ao lume; e ſe levar xarope de dormideiras, ſe lhe lançará fóra do lume bem encorporado. Tanto huma, como outra, ſe dará ao enfermo quatro horas depois de cear, e naõ antes, porque lhe naõ fará proveito algum.

CA-

CAPITULO LIII.

Taluinas como ſe fazem, e quando ſe haõ de dar.

297 AS taluinas ſe fazem neſta fórma: Dous punhados de farellos de trigo, mettidos em hum pano, o qual ſe metterá nove vezes em a agoa, que for baſtante, e em todas ſe mecherá muito bem com as mãos dentro da meſma agoa, e ſe eſpremerá todas as nove vezes dentro della, e logo ſe porá a cozer em fogo brando, mechendo-ſe ſempre atè que engroſſe, e lançando-lhe aſſucar, quanto baſte, ſe dará ao enfermo quente, ou como o Medico determinar. Eſtas taluinas ſe coſtumaõ dar pela manhã em jejum aos enfermos tiſicos, e ſaõ muy proveitoſas.

CAPITULO LIV.

Tizanas como ſe fazem, e quando ſe haõ de dar.

298 EStando huma panella nova ao fogo com agoa fervendo, ſe lhe lançará a cevada, que baſte, e apartando-a

logo para fóra, se tapará com hum testo, e pano, de fórma, que naõ vapore; e em esfriando, se pillará a cevada, a qual se tornará a lançar na panella, para que ferva atè que se desfaça, e se coará, e espremerá de fórma, que fique como amendoada, e com assucar se dará quente ao enfermo, ou fria, se o Medico o determinar; que a huns enfermos se applicaõ para dormir, e a estes se lhes daõ à noite; e a outros pela manhã para refrescar. Advirta o Enfermeiro, que a tizana com casca he differente; porque a cevada com casca he quente, e seca; e sem casca, fria, e humida.

CAPITULO LV.

Leite aos eticos, tisicos, e empiematicos, a que hora se lhes ha de dar, e em que tempo.

299 A Estes enfermos se lhes dará o leite pela manhã em jejum. A quantidade principiará por trez onças o primeiro dia, ao segundo quatro, ao terceiro sinco, e ao quarto dia seis onças, que he a quantidade ordinaria. Isto se fará nesta fór-

fórma, porque os eſtomagos de muitos enfermos o naõ recebem bem.

300 Para que bem ſe tome o leite, chegará a cabra, ou animal, que o der, junto da cama do enfermo, para o tomar com a quentura natural, e ſe lhe dará com toda a brevidade poſſivel, para que ſe naõ esfrie, ou corrompa.

301 O Enfermeiro terá cuidado de perguntar ao Medico ſe lhe ha de lançar aſſucar; e tambem terá cuidado de perguntar ao enfermo ſe o leite lhe deſcompõe o eſtomago, ou ſe nelle ſe lhe azeda, cauſando-lhe azía, para o ſuſpender com o parecer do Medico.

302 O melhor leite, e o mais proveitoſo, he o de mulher; e ſe for preta, melhor: logo o de burras, depois deſte o de cabras negras, ou ruivas, logo o de vacas, e o de ovelhas naõ havendo outro.

CA-

CAPITULO LVI.

Ventoſas ſecas, e ſarjadas como ſe haõ de lançar.

303 AInda que naõ ſeja obrigaçaõ dos Enfermeiros lançar ventoſas ſecas, ou ſarjadas, ſerá bom que ſaibaõ eſta doutrina, naõ ſó para verem ſe os Barbeiros fazem a ſua obrigaçaõ bem feita, mas porque muitas vezes os noſſos Enfermeiros querem lançar principalmente as ventoſas ſecas naquella hora, que he mais conveniente ao enfermo, em a qual he difficultoſo que o Barbeiro eſteja prompto.

304 Para ſe lançarem bem as ventoſas ſecas, eſtaraõ promptas boas eſtopas ſecas, e ſem areſtas, tendo juntamente promptas todas as que o Medico mandar lançar, as quaes ſe haõ de preparar com as eſtopas neceſſarias, nem poucas, nem muitas. He de advertir, que ſe levaõ muitas eſtopas, o fogo abraza a parte, em que ſe lançaõ, e fica denegrida; por cuja razaõ, quando eſtas denegridas ſè ſarjaõ, por mais que as profundem, deitaõ muito pouco ſangue.

305 Se as ventosas levaõ poucas estopas, naõ fazem a attracçaõ, que o Medico pertende, cujo defeito se conhece quando a carne fica branca; e assim para que aproveitem, naõ haõ de levar nem muitas, nem poucas estopas, salvo se for em algum accidente de apoplexia, que entaõ he necessario que vaõ mais carregadas, mas de fórma, que naõ queime o enfermo, o que fica na prudencia de quem as lançar.

306 Se o enfermo for fraco, ou rapaz, sejaõ as ventosas pequenas, e de boca estreita, as quaes se naõ haõ de lançar muito juntas, que assim he a fórma mais conveniente.

307 As que se houverem de sarjar, estaraõ pegadas pouco mais de hum Credo; porque se estaõ pegadas muito tempo, fazem grande aprehensaõ, coalha o sangue, e tapa os poros, de que resulta naõ fazerem bom effeito.

308 Estas ventosas sarjadas se haõ de executar com lanceta bem amolada, e ligeiramente em trez ternos, de fórma, que naõ digaõ huns com outros, e profundados o que baste; porque ha muitos Barbeiros,

ros, que só arranhaõ o cutis, e desta fórma naõ se podem alcançar as veyas capillares; razaõ, por que naõ sahe sangue, nem ventilaõ, como querem os Medicos; e para melhor ventilarem, naõ se haõ de untar com cebo, porque impede sahir o humor, que he o fim para que os Medicos as mandaõ sarjar.

309 Em alguns enfermos succede muitas vezes cahirem as ventosas por huma de duas causas: a primeira por ter o enfermo muito cabello; e outra por ter poucas carnes. Se cahirem por causa do cabello ser muito, será necessario raspar toda a circunferencia, onde a ventosa se houver de lançar; e depois de rapada à navalha, se untará a boca da ventosa com azeite: e se for por falta de carnes, se escolheráõ as ventosas de boca pequena.

310 Quando as ventosas forem secas, haõ de estar pegadas meyo quarto de hora largo; e se forem sarjadas, o mesmo, (se estiverem jà picadas) cujo tempo he bastante para fazerem o seu effeito. Se ao mesmo tempo se lançarem ventosas secas, se principiaráõ a tirar as que estiverem mais

perto das ſarjadas, que eſtas haõ de ſer as ultimas.

311 Se ao Medico lhe eſquecer advertir, quando mandar lançar as ventoſas, ſe as haõ de principiar a lançar de ſima para baixo, ou debaixo para ſima; digo, que conforme a doutrina de graves Medicos, que em o principio de dor de cabeça, e freneſi, antes de confirmado, ſe haõ de lançar as ventoſas debaixo para ſima, principiando nas barrigas das pernas atè à nuca, ſalvo quando o Medico mandar ſejaõ de meyo corpo para baixo; e ſempre ſe ha de principiar da parte jà dita. No caſo que ſe hajaõ de ſarjar algumas, haõ de ſer as das barrigas das pernas, ou nas pontas das nadegas, que he o que commummente ſe coſtuma praticar.

312 Quando a dor de cabeça, ou freneſi eſtá confirmado, ſe haõ de principiar a lançar as ventoſas de ſima para baixo, que he deſde a nuca atè às barrigas das pernas; porèm em qualquer outra enfermidade ſe haõ de lançar debaixo para ſima; e quando ſe tirarem, ha de ſer de ſima para baixo, ſendo as ultimas as das barrigas das per-

pernas; e depois de todas eſtarem fóra, ſe fará huma esfregaçaõ ao enfermo com a ponta do lançol de ſima para baixo.

313 Nunca o Enfermeiro deve lançar, ou mandar lançar ventoſas ſecas aos enfermos, ſem parecer do Medico; porque coſtumaõ naõ as mandar lançar, ſem primeiro eſtar o enfermo evacuado de ſangrias; que eſtando o corpo por evacuar, em lugar de proveito cauſaõ muito grave dano ao enfermo; de cuja pratica póde ficar advertido, para que ſe o fizer, ſeja depois de evacuado o enfermo.

314 Para que ao enfermo ſe lhe lancem bem as ventoſas, ſe mandará pôr com a boca para baixo, pondo-lhe debaixo dos peitos huma almofada, e com os braços fóra della, mas juntos, para que eſteja à ſua vontade. Se o enfermo for de apoplexia, ou aſmatico, ſe mandará pôr de lado, para que naõ ſe afronte.

CAPITULO LVII.

Sanguixugas como ſe devem lançar, e do que com o enfermo ſe ha de obſervar.

315 PAra ſe lançarem as ſanguixugas no inteſtino recto, ſe lavará primeiro a parte com agoa quente, e tendo cabello, ſe lhe rapará muy bem com a navalha. Advertirá o Enfermeiro ao Barbeiro as que o Medico determinou ſe lançaſſem. O enfermo ſe porá de lado, que he a melhor fórma de eſtar ſem ſe affligir. Junto da cama eſtará huma bacia com agoa ſalgada, para ſe deitarem às que forem cahindo, que neſta agoa ſoltaõ logo o ſangue, e morrem.

316 Se o Medico determinar que o enfermo naõ tome banho por eſtar fraco, ſe lhe metterá debaixo hum lançol para aparar o ſangue, que correr; e ſe continuar demaſiado, lhe poraõ na parte humas raſpas de Cortidor, ou iſca de pano novo queimado; e quando iſto naõ baſte, ſe lhe applicaráõ humas planxetas de clara de ovo com pós reſtritivos.

317 Se

317 Se o Medico ordenar que o enfermo tome banho, eſtará prevenido hum ſerviço limpo, em o qual ſe lançará agoa bem quente, quaſi atè ſima, de fórma, que quando o enfermo ſe ſentar, naõ chegue a ella. O enfermo eſtará ſentado o tempo, que for neceſſario; e para que melhor ſe veja a evacuaçaõ das ſanguixugas, ſe porá em ſima da agoa, que eſtiver no ſerviço, hum prato, em que caya o ſangue; que vendo de quando em quando o que tem cahido, ſe mandará levantar o enfermo, quando for conveniente. Se o ſangue correr dentro da agoa, ſerá preciſo vella, para examinar a cor, que tem; porque naõ faça deſcarga demaſiada, que reſulte ao enfermo grande fraqueza.

CAPITULO LVIII.

Unturas de unguento de azougue aos gallicados como ſe devem dar, e requiſitos, que ha de haver.

318 PAra o unguento eſtar bom, e obrar bem, ha de eſtar feito ao menos ſeis mezes antes primeiro que ſe uſe

 delle,

delle. O Medico, ou Cirurgiaõ determinará a quantidade de unguento para cada untura; que huns enfermos carecem de mais, e outros de menos, ou por causa da idade, ou da queixa, que padecem; e naõ só costumaõ temperar o unguento de azougue com o rosado para os enfermos, que tem febre, mas ainda para muitos, que lhes parece conveniente; e nesta fórma naõ toca ao Enfermeiro esta determinaçaõ, ainda que a experiencia lho ensine, que só o deve determinar quem tem obrigaçaõ de o saber.

319 Determinado o remedio, e a hora, a que se ha de fazer, que de ordinario he pela manhã em jejum, e de tarde quatro, ou sinco horas depois de jantar, estará o enfermo em casa recolhida, livre de ar, com portas, e janellas fechadas, e dentro della se metterá hum fugareiro com brazas de lenha, que saõ as melhores, e se forem de carvaõ, sejaõ bem acezas, quebradas da fortidaõ, com alguns canellos de ferradura dentro.

320 O unguento, que o Cirurgiaõ determinar, se ha de dividir em doze partes, cada

cada huma em ſeu papel, para as doze juntas, que ſe coſtumaõ untar, reſervando para as mayores juntas as mayores porções do unguento. A primeira junta, que ſe ha de untar, ſerá o artelho do pé direito, eſpalhando perto da junta o unguento, que eſtiver no papel; e aquecendo as mãos, ſe esfregará de modo, que a parte aqueça, e o unguento ſe conſuma, e metta para dentro, em fórma, que fique a parte enxuta; e logo ſe cubrirá o pé com a ponta do lançol, e ſe paſſará ao joelho direito, fugindo ſempre dos nervos, por ſer o azougue inimigo delles; e depois de untado, e cuberto, ſe paſſará ao quadril da meſma parte, e ſe fará o meſmo; e cuberto eſte lado, ſe paſſará ao eſquerdo, obſervando o proprio, que no direito, na meſma fórma.

321 Feitas as unturas neſtas juntas, ſe principiará no hombro, e eſpadoa do lado direito; e dada neſta junta a untura, ſe paſſará ao cotovello, e logo ao pulſo; e quando eſte lado eſtiver untado, e cuberto, ſe paſſará ao eſquerdo, principiando no hombro, e acabando no pulſo; e he muito preciſo limpar algum unguento, que correr

para as vertebras do eſpinhaço, por naõ offender a ſubſtancia medular, que nellas aſſiſte.

322 Acabada a untura em todas as juntas referidas, ſe mandará pôr o enfermo de lado, (e nunca de coſtas) com os braços eſtendidos pelo corpo, e elle na meſma fórma, e ſe embrulhará no lançol, lançando-lhe a roupa, e cobrindo-lhe a cabeça, mas naõ o roſto, e ſe abrigará com os cobertores, que forem preciſos; porèm moderadamente, conforme o tempo, e forças do enfermo, de fórma, que ſe naõ aflija, nem ſe lhe mova o ſuor por irritaçaõ de muito fato; porque o ſuor ſendo logo immediato à untura, naõ he bom, porque pelos meſmos poros ſe tranſpira o azougue; e naõ ſe detendo, naõ ſe póde actuar, e circular com o ſangue, e he cauſa de que o numero das unturas ſeja mayor; e muitas vezes por eſta evacuaçaõ accidental ſim conſeguem melhoras os enfermos, mas pelo tempo adiante tornaõ a recahir com as meſmas queixas, pelo remedio naõ exiſtir em quantidade capaz para curar. He opiniaõ praticada pelo Cirurgiaõ Mór do

noſſo

noſſo Hoſpital Real de Elvas Franciſco Xavier, cuja ſciencia he notoria.

323 Se o enfermo com eſte limitado fato ſe affligir, ſe ha de aliviar delle, ficando de modo, que naõ ſinta frio; e cuberto neſta fórma, ſe mandará retirar o lume para fóra da caſa, e ſe conſervará arroupado por tempo de duas horas, ou o que o Cirurgiaõ determinar, conforme a fraqueza, ou neceſſidade do enfermo, que quanto mais ſuar, menos unturas haverá de miſter.

324 A continuaçaõ das unturas fica na determinaçaõ do Medico, ou Cirurgiaõ, porque ſe devem dar atè que haja alguma evacuaçaõ manifeſta do azougue, que he rebentar a boca, inchar a lingua, babar, ou fazer curſos. E porque muitas vezes naõ ha evacuaçaõ manifeſta, ſenaõ por inſenſivel tranſpiraçaõ, como moſtra a experiencia, ſe daraõ as unturas atè naõ haver dores. Sendo a evacuaçaõ pela boca, haverá cuidado de ſe lhe lavar por limpeza, e utilidade com cozimento morno de paſſas de ameixas, roſas, e cevada, principalmente antes de comer; e eſte ſeraõ papas,

 ge-

gemas de ovos, e o que fizer pouca moleſtia, para que o enfermo poſſa maſtigar.

325 Se a evacuaçaõ for por curſos, e eſtes cauſarem grandes dores ao enfermo, ſe lhe lançaráõ ajudas lavativas de caldo de frango, gema de ovo, e aſſucar, para ſe temperar a mordacidade dos humores, que ſe movem. Sendo a evacuaçaõ por ſuor copioſo, ſe lhe deitaráõ lançoes enxutos, e enxovalhados, defumados, e quentes, em fórma, que o enfermo naõ receba nenhum ar, porque lhe faria grande prejuizo.

326 Acabado o termo deſtas evacuações, eſtando capaz de ſe lavar o enfermo, ſe fará hum cozimento de roſas, alecrim, murta, folhas, e maçãs de cypreſte, folhas de cana verde, e huma boneca de cinza de vides; e com o meſmo recolhimento, que ſe deraõ as unturas, principiará o enfermo a lavar o roſto, e partes ſuperiores com o cozimento quente; e eſtando frio, ſe lançará fóra, e com outra porçaõ quente ſe lavaráõ as partes inferiores; e limpo o enfermo, veſtirá roupa lavada, e entrará no regimento ſeco, conforme o Cirurgiaõ determinar, que podendo jà maſtigar, ſerá

car-

carneiro aſſado, galinha, e toda a ave de penna, paſſas, amendoas, mas naõ em muita quantidade.

327 Beberá agoa de ſalſa parrilha, e para ficar boa, ſe lançará em huma quarta nova ſinco canadas de agoa, meya onça de ſalſa, fendida pelo meyo, e atada, e cozerá atè minguar huma canada; e apartando-ſe para fóra, ſe guardará a ſalſa, pondo-ſe ao ar; e para outro cozimento de agoa, ſe fará na meſma fórma, guardando a meya onça de ſalſa ao ar, como a antecedente, para que com huma, e outra ſe faça o terceiro cozimento de agoa, que as duas meyas onças jà cozidas fazem o meſmo effeito, e tem a meſma virtude, que cada huma de per ſi, mas naõ ſervem para outra vez; e aſſim ſe hiráõ fazendo os mais cozimentos de agoa na fórma referida, em quanto durar o regimento. Advirta-ſe ao enfermo ſe naõ lave com outra agoa, nem faça a barba, e ſe retire do ar da noite, e da madrugada, que hum, e outro he muito nocivo para o regimento.

CA-

CAPITULO LIX.

Suores em estufa como se devem dar com acerto.

328 Estes suores se costumaõ dar pela manhã em jejum. Quando se quizer principiar este remedio, se mandará despir a camiza ao enfermo, ficando só com o lançol: na cabeça se lhe porá huma toalha, para que abrigada, possa receber nella algum suor: logo se lhe dará meyo quartilho de agoa de salsa mais forte, que a que se costuma beber, e esta será quente quanto o enfermo puder tolerar; e sem demora se lhe ha de pôr a estufa, sobre a qual se deitará hum lançol, e bastantes mantas, para que possaõ sustentar o calor do brazeiro, que se lhe ha de pôr aos pés com fogo suave, naquella taboa dedicada para esse effeito. As brazas sejaõ de lenha, e naõ muitas, para que o enfermo naõ afronte.

329 O tempo, que houver de durar o suor, será determinado pelo Cirurgiaõ; porque a huns enfermos he preciso sustentarlho hora e meya, e a outros só huma hora

hora, conforme a fraqueza, ou necessidade do enfermo; e assim mesmo determinará o numero dos suores, que se lhe ha de dar, advertindo, que nunca se desampare o enfermo, porque lhe póde sobrevir algum desmayo, ou afrontamento, e se lhe hirá limpando o suor em quanto elle durar.

330 Acabado o tempo determinado de suar, se tirará a estufa pelos pés, e ficará o enfermo abrigado com a roupa sufficiente por tempo de meya hora; e no fim della, tirando-lhe a roupa suada, se lhe lançaráõ lançoes enxutos, e camiza, tudo bem enxovalhado, quente, e defumado; e no caso que depois de se lhe mudar a roupa, torne a suar, se lhe lance outra, se estiver muito humida; e dahi a huma hora poderá comer. Nos accidentes, e evacuações, que costumaõ vir aos enfermos, que se lhes faz este remedio, se observará nelles o mesmo, que com os do azougue; e o comer, e regimento da agoa de salsa na mesma fórma.

Reflexaõ.

331 NEste, e em todos os mais remedios, que contém esta Arte de Enfermeiros, naõ vay expressada mais que a fórma de se applicarem, que he o que pertence ao Enfermeiro; o qual para acertar, deve alèm do referido conferir com o Medico, e Cirurgiaõ a fórma da execuçaõ delles; porque ainda que esta Arte de Enfermeiros está revista por Medicos doutos, e Cirurgiões peritos, como saõ diversas as opiniões, deve o Enfermeiro seguir a do Medico, com que visita os enfermos; mas isto no caso que a experiencia lhe naõ mostre he menos conveniente o que o Medico determina, e deve com elle conferir o mais acertado; porque ha Rabulas, que melhor que hum Letrado endireitaõ huma causa; e como desta pende a vida, e saude dos enfermos, deve o Enfermeiro procurar seja tudo com acerto por credito da occupaçaõ; e obrando assim, se livrará dos escrupulos de consciencia, em que esta assistencia tanto anda annexa, pelo voto solemne da Hospitalidade, que todos os Religiosos de S. Joaõ de Deos fazemos.

TRA-

TRATADO III.

MODO PARA O ENFERMO

examinar a ſua conſciencia, exhortações para a ſua ſalvaçaõ, fórma de fazer teſtamento, e para ajudar a bem morrer.

CAPITULO I.

Advertencias, que ſe haõ de fazer ao enfermo, quando ſe aviſe para ſe confeſſar.

332 HE a vida humana hum laço, que com a alma ſe acha preza na terra, e ſó ſe vê livre, quando como ave voa para a gloria, como diz David. He a alma ave, que com o corpo ſe enlaça em quanto prende a vida, ſendo a vida hum tal laço, que ſe naõ eſcapa delle ſenaõ cahindo em outro; porque ſe a morte he laço, como diz o Pſalmiſta, ſó em o laço da morte ſe quebra o laço da vida, em a qual naõ ha mais que laços,

Pſalm. 123. num. 6.

laços, com que, e em que o demonio tem aos homens prezos, como diz o Ecclesiaſtes. O mais forte, e aſtuto, com que o demonio prende aos homens, he ſugerir-lhes naõ ha quem poſſa abſolver todos os peccados, eſpecialmente os que ſaõ reſervados à Sé Apoſtolica, pelo que muitos erradamente deixaõ de os confeſſar; mas para que eſte laço naõ prevaleça contra os enfermos dos noſſos Hoſpitaes, declarou Saõ Pio V. por ſeu motu proprio, que todos os enfermos de hum, e outro ſexo, que entrarem a curarſe nos Hoſpitaes de S. Joaõ de Deos, poſſaõ eleger Confeſſor a qualquer Sacerdote Secular, ou Regular, e que eſtes os poſſaõ abſolver de quaeſquer delictos, e peccados, por mais graves, e enormes, que ſejaõ, de todos os reſervados à Sé Apoſtolica, e declarados na Bulla da Cea, e ainda que naõ eſtejaõ em artigo de morte. E para que eſta graça naõ pareça duvidoſa aos que a lerem, me pareceo copiar aqui as palavras da Bulla.

Ecclef. cap. 9. num. 12.

Bullario p. 1. pag. 17. §. 2.

333 „ Motu proprio, & ex certa ſci-
„ entia, ac de Apoſtolicæ poteſtatis pleni-
„ tudine, omnibus, & ſingulis utriuſque

„ ſexû

,, ſexûs Chriſti fidelibus, tàm extraneis,
,, quàm divitibus in eodem Hoſpitali pro
,, tempore, pro ſua cura exiſtentibus, ac
,, ſe curare facientibus, qui videlicet nunc
,, ſunt, vel tempore publicationis præſen-
,, tium erunt, illuc ingreſſi infra tempus à
,, dictis Fratribus poſt publicationem præ-
,, ſentium ſtatuendum, qui vero deinceps
,, ingredientur, in principio illorum in-
,, greſſûs hujuſmodi, & ſimiliter Fratribus
,, Adminiſtratoribus, ſervitoribus, & aliis
,, perſonis dicti Hoſpitalis, qui, & quæ pro
,, tempore infirmabuntur, etiam in princi-
,, pio infirmitatis, ſeu durante infirmitate
,, hujuſmodi, etiam quòd ipſi non ſint in
,, mortis articulo, quòd de cætero perpe-
,, tuis futuris temporibus, tàm dicti Hoſ-
,, pitalis, quàm quemcumque alium Preſ-
,, byterum, tàm Sæcularem, quàm cujuſ-
,, vis Ordinis Regularem in eorum confeſ-
,, ſionibus diligenter auditis, eos, & eo-
,, rum quemlibet, qui pœnitentes fuerint,
,, à quibuſcumque delictis, & criminibus,
,, quantumcumque gravibus, & enormibus,
,, ac etiam Sedi Apoſtolicæ reſervatis, nec-
,, non in Bulla in die Cœnæ Domini legi
,, ſo-

,, ſolita contentis abſolvere, ac eiſdem pro ,, cõmiſſis pœnitentiam ſalutarem injungere poſſint, & valeant, auctoritate Apoſtolica tenore præſentium concedimus, ,, & indulgemus.

334 E para os enfermos, que nos ditos Hoſpitaes ſe curarem, abrio os theſouros da Igreja com muitas graças, e Indulgencias, que depois confirmou, e ampliou o Papa Paulo V. como conſta do meſmo Bullario, que aqui naõ trato, por naõ fazer impertinente o diſcurſo.

Bullario p. 1. pag. 108.

Para antes da Confiſſaõ.

335 QUando o enfermo ſe confeſſar, ſe lhe ha de trazer à memoria hum paſſo da Paixaõ de Chriſto Senhor noſſo, o qual ſe lhe advertirá offereça por ſeus peccados ao meſmo Senhor, e lhe peça perdaõ delles, dizendo aſſim: *Ay meu Deos, Trino, e hum, em quem creyo, a quem adoro, e a quem offendi, e de quem eſpero miſericordia, e perdaõ. Perdoay-me, Senhor, as minhas grandes, e innumeraveis culpas: confeſſo que errey, fiz mal,*

mal, fuy desobediente, e traydor à vossa Ley. Bem sey mereço ser condenado aos tormentos eternos; mas peza-me de todo o meu coraçaõ, e com toda a minha alma de todos os meus peccados, por serem offensas feitas contra vós. Detesto, e abomino todas as minhas maldades, por serem injurias vossas, a quem eu summamente devia amar. Arrependo-me muito, meu Deos, de todo o mal, que fiz; cego fuy, perverso, e máo. Peza-me, Senhor, muito, e muito de vos ter aggravado, e offendido. Determino, e deliberadamente proponho do intimo do meu coraçaõ de nunca mais vos offender, e fugir de todos os peccados mais que de todas as cousas detestaveis, e abominaveis; e assim mais aborreço, e detesto o peccado, que todos os males, e tormentos do Mundo; e antes abraçarey todas as penas, que fazer hum só peccado.

336 *Desejo muito de começar nova vida, e determino, Senhor, de guardar vossa Santissima Ley; e antes padecerey todos os generos de mortes, que póde haver, que offendervos. Esta he a minha firme vontade, e deliberaçaõ: bem vejo minha fraqueza, Senhor, e quanto mal obrey atè agora; mas*

 sey

ſey muito bem, que ajudando-me vós, poderey vencer as difficuldades, e tentações, que atè aqui me derribárão: ajuday-me, Senhor, e fortalecey-me por voſſa infinita bondade, e miſericordia.

Logo ſe dirá ao enfermo, que faça hum Acto de Contrição, e outro de Attrição.

Acto de Contrição breve.

337 P*Eza-me meu Deos de todo o meu coração de vos ter offendido por ſeres vós quem ſois, e porque vos amo, e eſtimo ſobre todas as couſas: proponho com a voſſa Divina graça a emenda.*

Acto de Attrição.

338 P*Eza-me meu Deos de todo o meu coração de vos ter offendido pelas penas do Inferno, perda da Gloria, e torpeza do peccado: proponho com a voſſa Divina graça a emenda.*

DECLARAÇAÕ DE HUM, E outro Acto.

Contriçaõ.

339 CONtriçaõ he dor, e deteſtaçaõ dos peccados, por ſerem offenſas de Deos, a quem ſummamente devemos amar, com propoſito de nunca mais peccar. Naſce eſta do filial amor, e temor, que a Deos temos, e he baſtante para pôr hum homem em graça, e inclue em ſi propoſito, e determinaçaõ de ſe confeſſar.

Attriçaõ.

340 ATtriçaõ he dor dos peccados, com propoſito de nunca mais peccar, por ſerem contra a razaõ, ou por ſerem merecedores das penas temporaes, e eternas do Inferno. Naſce do temor ſervil, e do medo, que temos do caſtigo: por ſi ſó naõ baſta para pôr hum homem em graça, poſto que junta com o Sacramento he ſufficiente para iſſo. Eſta deteſtaçaõ, diſplicencia, ou deſcontentamento dos pecca-

dos, em que confiſte a contriçaõ, naõ he neceſſario que cauſe dor ſenſitiva, acompanhada de lagrimas, mas baſta-lhe eſtar junta com huma dor de vontade ſumma, ou mayor que todas as dores, de maneira, que nos deſcontente o peccado ſobre tudo o que póde deſcontentar. Naõ he neceſſario com tudo, que eſta dor ſeja ſumma na intençaõ, mas ſómente na appreciaçaõ.

341 Declara-ſe eſta valia, e preço, com que eſta dor excede a todas as mais, deſta maneira: Se me puzeſſem em huma balança de huma parte todos os males, penas, e tormentos, que póde haver; e da outra parte o peccado, antes quizera ter padecido todos aquelles males, que ter peccado.

342 Porèm naõ devem os que forem fracos de eſpirito fazer comparações em particular, trazendo à memoria varias penas, tormentos, e deshonras, que puderaõ ter padecido; mas baſta-lhes fazer hum acto, com o qual deteſtem, e abominem os peccados ſobre todas as couſas deteſtaveis, e abominaveis.

343 Deſta maneira ſe entenda haver de ſer ſummo o propoſito, e determinaçaõ

de

de naõ peccar mais, e de fugir, e evitar o peccado ſobre todos os males. Em iſto he igual a attriçaõ à contriçaõ, e ſómente differe nos fins, e motivos.

344 Naõ podemos com as noſſas forças naturaes ſómente alcançar huma dor taõ ſingular como eſta, mas temos neceſſidade de auxilio, e ſoccorro particular de Deos, o qual de ordinario o dá a todo o que ſe diſpõe para iſſo; e por eſta razaõ deve o penitente, quando ſe aparelha para ſe confeſſar, pedir a noſſo Senhor ajuda para conhecer bem ſeus peccados, e ter verdadeira dor, e contriçaõ delles, tomando por Advogada a Virgem Maria noſſa Senhora; advertindo ponha diante dos olhos a ingratidaõ, que ha no peccado, aos muitos beneficios, que Deos nos tem feito, e faz, e a grande impiedade, que foy offender a Deos, que he ſumma bondade, ſumma ſabedoria, ſumma miſericordia, e ſumma juſtiça, &c. Por concluſaõ ponha diante dos olhos a Chriſto crucificado, e veja o que lhe fizeraõ noſſos peccados, e o que pedem aquellas chagas, e morte, que nós façamos.

345 Com estas, ou outras semelhantes palavras, poderá exprimir os actos de contriçaõ, fallando com Deos, dizendo: *Todo poderoso, e Eterno Deos, Pay de nosso Senhor JESUS Christo, que por nossos peccados padeceo tantos tormentos, e deshonras, e por nos livrar deste cruel cativeiro morreo pregado em huma Cruz: day-me, Senhor, graça de conhecer meus peccados, e verdadeira contriçaõ delles, e perdoay-me por amor de vosso Filho JESUS Christo, e pelos tormentos, que padeceo na Cruz.*

Oraçaõ para antes da Confissaõ.

346 C*Lementissimo Senhor meu JESUS Christo, unica esperança de minha alma, Medico, e medicina dos peccadores; vós, que perdoastes ao Publicano, e offerecestes ao Ladraõ o Ceo, perdoay-me bom JESUS os delictos, que tenho commettido; pois que conheceis a dureza de meu coraçaõ, day-me hum auxilio efficaz, para que arrependido de meus peccados, tenha contriçaõ perfeita de todos elles, e meus olhos sejaõ rios de lagrimas para chorar de dia, e de*

de noite minhas culpas, e seja minha alma sã, e limpa das chagas, que incorreo pelas offensas. Peza-me, Senhor, de todo o meu coraçaõ de haver peccado; e porque vos offendi, me peza: protesto a emenda da minha vida, e fugir das occasiões do peccado, e confessarme de todos elles. Espero na vossa piedade tereis misericordia de minha alma, e pelos vossos merecimentos será apresentada em a Corte da vossa Gloria. Amen.

Oraçaõ para depois da Confissaõ.

347 D*Ou-vos, Senhor, infinitas graças, pois vos dignastes de darme tempo para confessar meus peccados. Rogo à vossa misericordia, que vos seja agradavel esta confissaõ, que acabey de fazer, e que me seja fructuosa, e meyo para a salvaçaõ de minha alma. Alegro-me de haver confessado meus peccados, e me peza de os ter commettido, porque offendi a vossa bondade soberana. Rogo à vossa clemencia Divina, que pelos merecimentos do vosso precioso Sangue me conceda remissaõ plenaria de todos os meus peccados; e se me faltou alguma circunstancia*

para a perfeiçaõ, e fruto deſte Sacramento, vos peço o ſuppra a voſſa miſericordia, pois o ignora a minha rudeza. Day-me luz para conhecer os erros da minha vida paſſada, apagay o fogo de minhas paixões com a agoa de fervoroſas lagrimas, e que as derrame por haver peccado, pois que me abſolveſtes pelo voſſo Miniſtro de meus peccados. Aſſiſti-me com voſſa graça, para que nunca jà mais torne a commettellos; que ainda olhando a minha fraqueza, temo a cahida; porèm vendo-me proſtrado a voſſos pés, eſpero me tereis da voſſa maõ, para que naõ caya em algum abyſmo de peccados. Iſto vos rogo, Senhor, por voſſa Santiſſima Paixaõ, e Morte, e pelos merecimentos da Rainha Soberana MARIA Santiſſima minha Mãy, e por todos os Santos do Ceo, onde viveis, e reynais com Deos Padre, e a unidade do Eſpirito Santo pelos ſeculos dos ſeculos. Amen.

Oraçaõ para antes de commungar.

348 O*H amabiliſſimo JESUS, formoſura dos Ceos, e Senhor da Mageſtade, em cuja preſença milhares, e milha-*

milhares de Espiritos Soberanos assistem, a quem hum exercito de Anjos servem, a quem as Potestades temem, e a quem os mais ardentes Serafins amaõ. Que direy de vossas finezas? He possivel, Senhor meu, que sendo eu taõ vil, e que tendo despresado vossa pessoa Divina com abominaveis peccados, e taõ infame, que tenho sido traydor a meu Deos, e unico Rey verdadeiro; e sendo eu mais horrivel, que hum corpo morto, e que tendo tanta maldade, queirais fazerme templo da vossa grandeza? He possivel, meu Redemptor, que me mandais receba vosso Corpo Sacrosanto, e vosso Sangue Santissimo? Que vistes em mim, para fazerme tantas honras? Que sou eu, para ser morada vossa? Que adorno levará a minha alma, se tem estado desterrada da vossa Gloria, e condennada aos Infernos por immunda? Que limpeza levará meu corpo, sendo a mesma corrupçaõ ascarosa? Rogo-vos, Senhor piedoso, que purifiqueis meu corpo, que refrieis minhas paixões, adorneis com vossa graça minha pobre alma, para que sejais recebido nella como vós quereis. Quizera, Senhor, ter todos os adornos de graça, e as obras meritorias

de

de todos os Santos do Ceo, e Justos da terra. Desejo chegar a receber-vos com a perfeiçaõ dos nove Coros dos Anjos, e com os adornos de graça immensa, como vos recebeo, meu JESUS, vossa Mãy Santissima. Olhay meu Deos minha pobreza, enriquecey minha alma com vossos dons, purificay meu espirito, limpay minha consciencia, e que seja templo de vossa graça, e vos goze na eterna Gloria. Amen.

Jaculatoria para depois de communungar.

349 D*Ou-vos, meu Deos, infinitas graças, e louvores, por me fazeres a mercê de me dares tempo, e juizo perfeito para confessar minhas culpas, e lugar para receber os Santos Sacramentos da Igreja. Permitti vós, meu Deos, que me sirvaõ para remedio de todos os meus peccados, e que por meyo destes Sacramentos, mediante a vossa Divina graça, alcance da vossa Omnipotencia hum auxilio efficaz, para que arrependido das minhas culpas, tenha contriçaõ perfeita de todas ellas, e mereça remissaõ plenaria de todas, para que assim vá para sempre gozar da vossa Bemaventurança.*

Acto

Acto de Fé.

350 C*Reyo firmemente, meu Deos, que ſois Senhor, hum em eſſencia, e Trino em peſſoas; e que o Verbo Divino encarnou, e que he Homem, e eſtá no Santiſſimo Sacramento do Altar vivo em Corpo, e Alma, e Divindade. Creyo todos os Artigos da Fé, e confeſſo quanto crê a Santa Igreja Catholica Romana, e quanto Deos tem revelado; e por eſta Fé, e por defendella darey minha vida, e mil, que tivera, offerecêra goſtoſo por eſta verdade, e por defendella.*

Acto de Eſperança.

351 E*Spero em voſſa bondade ſoberana perdoeis todos os meus peccados, ainda que por elles mereço mil Infernos, e que fazendo o que eſtá da minha parte, com o voſſo favor Divino, me dareis voſſa graça, e gloria.*

Acto de Caridade.

352 O*H vida da minha alma, oh amor meu, eu vos amo, meu Deos, ſobre todas as couſas, e quizera abra-*

zar-

zarme em o fogo do vosso amor, e tervos amado como todos os Anjos, e Santos da Gloria, e como vos amou a purissima Virgem MARIA minha Mãy, e como JESUS Christo Redemptor nosso vos amou; e se fora possivel, quizera amarvos como vos amais a vós mesmo, e que com este amor, meu Deos, vos amassem, e adorassem todas as creaturas do Mundo desde seu principio, e continuassem por toda a eternidade, pois sois, meu Deos, digno deste amor por vossa bondade immensa, e por hum abysmo de infinitas perfeições.

Acçaõ de graças.

353 D*Ou-vos, meu Deos, infinitas graças por todos os beneficios, que me tendes feito, e por haveres usado comigo da vossa grande misericordia; pois merecendo tantas vezes o Inferno por meus delictos, me tendes aguardado a penitencia, e participado os Santos Sacramentos, para que por meyo delles consiga os thesouros da vossa Divina graça, e viva com ella como filho adoptivo. Eu vos louvo por estes favores, e pelos que tendes feito aos Justos da terra, e Santos do Ceo.*

CAPITULO II.

Como ha de o enfermo fazer ſeu teſtamento.

354 DEpois de confeſſado o enfermo, deve attender como Chriſtaõ, receando, e cuidando que poderá morrer da enfermidade, que padece, o ſer muito conveniente para dar conta a Deos ordenar ſeu teſtamento, ſem eſperar com invenções de rodeyos, ou palavras equivocas o aviſem do eſtado, ou perigo, em que eſtá. De ſua propria deliberaçaõ deve diſpôr da ſua caſa, pagar o que deve, fazer ſeu teſtamento, reſtituir o mal ganhado, ſatisfazer ao proximo qualquer dano, ou injuria, que lhe tenha feito, e perdoar as offenſas, e aggravos, que outros lhe fizeraõ.

355 Naõ obſtante o referido, deve o Sacerdote perguntar ao enfermo ſe tem feito teſtamento; e naõ o tendo jà feito, lhe dirá que o faça com quem lhe parecer. Moſtrarlhe-ha o modo de o fazer, como eſte, que ſe ſegue; e ao fazer delle naõ aſſiſta, por naõ dar occaſiaõ a ditos ſem fundamento; advertindo-lhe ſómente o que

tocar,

tocar, e pertencer à ſua alma, naõ tratando do temporal, que à conſciencia naõ tocar; porque muitas vezes acontecerá deixar o Teſtador tudo quanto tem para alguma obra pia, ainda que tenha parentes, e filhos, por eſtar obrigado em conſciencia a fazello aſſim, e reſtituir a tal fazenda por aquelle modo, por ſer mal adquirida; e naõ eſtando preſente o Confeſſor, naõ ſe poderá culpar.

Fórma do Teſtamento.

356 *EM nome da Santiſſima Trindade, Padre, Filho, e Eſpirito Santo, trez Peſſoas, e hum ſó Deos verdadeiro. Saibaõ quantos eſte inſtromento virem, como no anno do Naſcimento de noſſo Senhor JESUS Chriſto de mil ſetecentos &c. a tantos de tal mez, eu N. eſtando em meu perfeito juizo, e entendimento, que noſſo Senhor me deu, doente em cama, (ſe eſtiver doente) &c. temendo-me da morte, e deſejando pôr minha alma no caminho da ſalvaçaõ, por naõ ſaber o que Deos noſſo Senhor de mim quer fazer, e quando ſerá ſervido de me levar para ſi, faço eſte teſtamento na fórma ſeguinte.*

357 *Pri-*

357 *Primeiramente encomendo minha alma à Santissima Trindade, que a creou, e rogo ao Padre Eterno pela Morte, e Paixaõ de seu Unigenito Filho a queira receber, como recebeo a sua, estando para morrer na arvore da Vera Cruz; e a meu Senhor JESUS Christo peço pelas suas Divinas Chagas, que jà que nesta vida me fez mercê de dar seu precioso Sangue, e merecimentos de seus trabalhos, me faça tambem mercê na vida, que esperamos, dar o premio delles, que he a Gloria; e peço, e rogo à Gloriosa Virgem MARIA nossa Senhora, e Mãy de Deos, e a todos os Santos da Corte Celestial, particularmente ao meu Anjo da guarda, e ao Santo do meu nome N. e a tal Santo N. a quem tenho devoçaõ, queiraõ por mim interceder, e rogar a meu Senhor JESUS Christo, agora, e quando minha alma deste corpo sahir; porque como verdadeiro Christaõ protesto de viver, e morrer em a Santa Fé Catholica, e crer o que tem, e crê a Santa Madre Igreja de Roma, e em esta Fé espero de salvar a minha alma, naõ por meus merecimentos, mas pelos da Santissima Paixaõ do Unigenito Filho de Deos. Rogo a tal, ou taes pessoas,*

por

por serviço de nossa Senhora, e por me fazerem mercê, queirão ser meus Testamenteiros. Meu corpo será sepultado em tal Igreja, ou Mosteiro, e em habito de tal Religião, e levado com tal, ou tal acompanhamento, e taes, ou taes Confrarias; *e peço* (se for Irmão da Misericordia) *ao Senhor Provedor, e Irmãos da Meza da Santa Misericordia, acompanhem meu corpo na sua Tumba, e toda a Irmandade com a Bandeira da Santa Casa.* E se não for Irmão, peça o que se costuma fazer a todos. *Por minha alma deixo taes, ou taes suffragios, Missas, Officios, &c.* E se recea que a fazenda não chegará, diga: *Deixo tantos mil reis, para que se dem de esmola a quem me diga tantas Missas, ou faça taes suffragios por minha alma. Declaro sou natural de tal parte, filho de fulano, e fulana, legitimo, ou não legitimo. Declaro que não sou casado, ou sou casado em tal parte com fulana, e que tenho, ou não tenho taes herdeiros necessarios, filhos, ou descendentes, ou ascendentes, &c.* Isto he no caso, que não for pessoa conhecida, e morrer fóra da terra, donde he natural. *Declaro que em todo o monte ha esta fazenda,* (tendo-a, se enten-

entende) *tanto de raiz, e tanto movel precioso, fóra as miudezas de casa. Item, tenho tantos, e tantos escravos de tal casta, e de tantos annos de idade, e serviço, pouco mais, ou menos. Declaro que tenho taes, e taes dividas,* (se as tiver) *que se haõ de pagar do monte, por serem contrahidas para administraçaõ da minha familia; e taes se pagaráõ da minha ametade,* (se a tiver) *e taes quero que fiquem à conta da minha terça. Declaro que foy meu casamento por carta de ametade, ou por contrato de arras, e dote, tanto de arras, e tanto de dote; e conforme a isto se partirá entre mim, e minha mulher todo o monte. E porque no que me cabe, as duas partes saõ dos ditos meus herdeiros necessarios, e só a terça he minha, disponho della pelo modo seguinte: Declaro, nomeo, e instituo por meu herdeiro universal de tudo o que depois de pagas, e satisfeitas minhas dividas, e compridos meus legados restar da minha fazenda, a tal pessoa, Igreja, Mosteiro, Hospital, Confraria, ou qualquer outra obra pia.* E se instituir muitas pessoas, ou muitas cousas pias, declare que as institue *pro rata*, igualmente, ou cada hum em tanto.

Nesta mesma clausula faça as substituições dos herdeiros. *Deixo taes legados a taes, ou taes pessoas; Igrejas, Mosteiros, ou Confrarias. Item, a tal moço, ou moça deixo com tantos annos de serviço; e a tal, ou a tal escravo, ou escrava deixo forros.* E advirta, que quando o Testador deixar algum escravo forro com obrigaçaõ de servir alguns annos, ponha primeiro os annos de serviço, e depois a palavra livre, ou forro, dizendo assim: *Quero que fulano, meu cativo, sirva tantos annos a fulano; e depois de cumpridos, e completos, o deixo forro.*

358 Se quizer revogar qualquer outro testamento, ou codicillio, que tenha feito, que naõ esteja à sua vontade, diga: *Revogo qualquer outro testamento, ou codicillio, que antes deste tenha feito, ainda que seja entre filhos, por mais clausulas, que tenha derogatorias, deste expressas, ou tacitas, e ainda que sejaõ insolitas, e derogatorias, e ainda que aqui se houvessem de pôr de* verbo ad verbum, *porque as hey por postas, e declaradas.* Item, se fez, ou duvida que fez algum testamento confirmado com juramento, póde-o revogar nesta fórma.

359 De-

359 Depois de dizer que revoga todo o outro teſtamento, que alguma hora tenha feito, ainda que tenha clauſulas derogatorias do que ao preſente faz, &c. accreſcentará o ſeguinte: *E ainda que as meſmas clauſulas por ventura ſejaõ confirmadas com juramento aſſertorio; e o meſmo quero, ainda que o juramento ſeja promiſſorio, de naõ revogar o tal teſtamento, por entender que foy nullo o tal juramento; e eſta opiniaõ de ſer nullo quero que ſe ſiga nos meus bens, por quanto a poſſo ſeguir, por ſer de graves Doutores; e minha vontade, conformando-ſe com ella, he juſta; e nenhum Juiz coſtuma diſpôr dos bens alheyos, ſenaõ pelo parecer, e vontade de ſeu dono, ſe he juſta; porèm ſe em algum teſtamento meu jurado ſe achar alguma diſpoſiçaõ* ad cauſas pias, *porque naõ poſſo revogar o juramento de as cumprir, mando que abrangendo a ellas minha fazenda, tambem ſe cumpraõ; e naõ abrangendo, ſe córte pelos outros legados, para ſe cumprirem, ou ſe mudem em cauſas pias*, evidentes meliores. E nomeallas-ha no teſtamento.

360 *Para cumprir meus legados* ad cauſas pias *aqui declarados, e dar expediçaõ ao*

mais, que neſte meu teſtamento ordeno, torno a pedir ao Senhor fulano, ou fulanos por ſerviço de Deos noſſo Senhor, e por me fazerem mercê, queiraõ aceitar ſerem meus Teſtamenteiros, como no principio deſte teſtamento peço, aos quaes, e a cada hum in ſolidum *dou todo o poder, que em direito poſſo, e for neceſſario, para de meus bens tomarem, e venderem o que neceſſario for para meu enterramento, e cumprimento de meus legados, e paga de minhas dividas.*

361 *E por quanto eſta he a minha ultima vontade do modo, que tenho dito, me aſſino aqui, ou rogo ao meu Eſcrivaõ aſſine por mim, por eu naõ ſaber, ou naõ poder aſſinar. Em tal Lugar, Villa, Cidade, ou Hoſpital, a tantos de tal mez, e era.* Aſſinarſe-ha aqui o que faz o teſtamento, ou algum por elle; e depois da approvaçaõ ſe aſſinará com as teſtemunhas o meſmo Teſtador; e naõ ſabendo como digo, ou naõ podendo aſſinar, huma das teſtemunhas aſſine por elle, dizendo, que aſſina a rogo do Teſtador, por naõ ſaber, ou por naõ poder eſcrever.

362 Advirto, que quem faz o teſtamento,

mento, ou o eſcreve, o fará de modo, que naõ deixe paragrafos largos, que lhe poſſaõ metter, ou accreſcentar regras, mas vaõ diſtinctos, e continuos. Naõ expreſſo aqui a fórma da approvaçaõ, por ſer couſa, que nós naõ havemos de fazer, e me pareceo deſneceſſario fazer mais extenſo o tratado com couſa, que unicamente ao Tabaliaõ pertence como a deve fazer, para ter toda a força, e vigor.

CAPITULO III.

Advertencias, que ſe haõ de fazer ao enfermo, reconhecendo nelle perigo de vida, e Proteſtaçaõ da Fé, que ha de fazer, pedindo ſe leya para elle repetir.

363 TEm a ſua enfermidade chegado aos termos de pôr a vida em perigo, he preciſo conformarſe com a vontade de Deos noſſo Senhor, dando-lhe muitas graças por lhe dar tempo, e juizo perfeito para o arrependimento das ſuas culpas; e aſſim para que a Mageſtade Divina uſe da ſua miſericordia, e ſe digne de perdoar-lhe, diga de todo o ſeu coraçaõ.

364 *Por voſſo amor, meu Deos, me conformo, e reſigno com as voſſas Divinas ordens, e aceito com muito goſto as diſpoſições da voſſa Divina vontade; e poſto nas voſſas mãos, e proſtrado a voſſos pés, recebo com alegria eſta enfermidade, dores, e penas, que padeço, e me offereço de boa vontade a ſoffrer os tormentos, teſtemunhos, e infamias, que permittires me venhaõ por mãos de meus inimigos, e de outras quaeſquer peſſoas, a quem perdoo de todo o meu coraçaõ, e vos rogo lhes deis mais bens, do que a mim me poſſaõ occaſionar males; e tudo quanto contra mim póde fazer o Mundo, e todo o Inferno, o aceito, e me offereço a padecello por voſſo amor, e quizera foſſe com aquella caridade, com que tolerou, e ſoffreo meu Senhor JESUS Chriſto ſua Santiſſima Paixaõ, e Morte.*

Acto de Contriçaõ para ſe ler ao enfermo muito de vagar.

365 A*Moroſiſſimo JESUS crucificado, por aquellas trez horas, em que eſtiveſtes nos braços da Cruz penando, e quei-*

xando-vos ao Eterno Pay, e pelo ſangue, que derramaſtes pelas noſſas almas, vos peço que vos lembreis de minha alma neſta arriſcadiſſima hora, e vos peço tambem que ouçais agora eſtas vozes: Meu Deos do meu coraçaõ, meu JESUS, *meu Pay, e meu Redemptor, proſtrado a voſſos Divinos pés arrependido de minhas culpas, com os olhos nas voſſas chagas, me peza, Senhor, dos aggravos, que vos tenho feito, dos penſamentos, que tenho tido, das palavras, que proferi ſem temor da voſſa juſtiça, e das obras, que fiz ſem reſpeito à voſſa Mageſtade: andey cego no caminho da perdiçaõ, perſeverey louco na cegueira do peccado, ſem attender às luzes do voſſo auxilio, ſem dar aſſenſo aos rayos das voſſas inſpirações, correndo à redea ſolta atraz dos vicios, apartando-me dos voſſos olhos, e ſeparando de vós os meus rendimentos; mas agora que jà conheço o meu erro, nas mais ſentidas lagrimas quero afogar as minhas culpas, nos mais vehementes ſuſpiros quero ſepultar os meus deſejos. Jà naõ quero outra adoraçaõ mais que a vós, fazendo em pedaços todos aquelles idolos, a quem tributey adorações: jà naõ quero outro favor mais que o voſ-*

o vosso, riscando da memoria os que me apartavaõ da vossa graça. Aborreço interiormente todas as cousas do Mundo, e me aborreço a mim mesmo, pois as aborreço taõ tarde: só a vós ama, só a vós procura como a Pay este filho prodigo, como a Pastor esta ovelha perdida, como a Senhor este escravo desobediente, e como a Deos esta creatura taõ pouco agradecida. Peza-me de ter commettido contra vós offensas, que naõ tem numero, delictos, que naõ tem conto: tomára ter huma dor, que fosse naõ só igual à traiçaõ, que vos fiz, mas tanto mayor, quanto vay da minha vileza à vossa Magestade: quizera ter hum pezar naõ só igual à minha culpa, porèm tanto mayor que ella, quanto vay do meu peccado à vossa misericordia. Naõ me contento, Senhor, com huma pena, que me faça partir o coraçaõ, porque naõ seja huma dor somente: faça-se o meu coraçaõ em pedaços tantas vezes, quantas foraõ as em que vos offendi, e ainda assim se naõ satisfaz o meu desejo. Day-me, meu amorosissimo JESUS, tantos corações, quantos foraõ os meus peccados, para que sinta ao mesmo tempo a mesma dor em todos, para que todos se partaõ

em

em ſatisfaçaõ da voſſa offenſa, e para que todos ſe unaõ para deſafogo da minha vontade. Naõ ſe acabe taõ depreſſa a vida, porque dure continuamente a pena; mas ay, amante Deos do meu coraçaõ, que he pouco toda a minha vida de ſentimento, para quem commetteo hum ſeculo de culpas. Proponho, Senhor, de todo o meu coraçaõ naõ vos tornar a offender. Ah, Senhor, quem pudera com lagrimas de ſangue acreditar eſte propoſito? Quem pudera com pedaços da alma abonar eſta promeſſa? Taõ firme eſtou no propoſito de vos ſervir, e adorar, que me eſtá parecendo que mais poſſivel fora cahir o Ceo ſobre a terra, do que tornar eu a cahir em culpas. Tiray, Senhor, as penas do Purgatorio, tiray as do Inferno, que eu vos quero moſtrar que naõ he o tormento das chammas o que me faz apartar das culpas, ſois vós meu querido Pay: naõ he o rigor da voſſa juſtiça, he ſim o conhecimento da voſſa Divina Eſſencia. Porèm, meu Deos, multiplicay tantos Purgatorios, quantos ſaõ os meus peccados; porque ainda à viſta de tudo iſto vos naõ quero amar, e quero eſtar no meſmo propoſito de nunca mais vos offender, por ſeres vós quem ſois.

Vós

Vós como verdadeiro Medico curay as chagas, que fez a minha ſoltura; Vós como amoroſo Pay tende miſericordia da minha deſobediencia; Vós como benigno Paſtor recebey eſta ovelha no voſſo rebanho ha tanto tempo perdida; Vós como verdadeiro Senhor tomay poſſe deſte eſcravo ha tantos tempos apartado de vós. Amoroſiſſimo JESUS, perdoay-me os meus delictos pela dor dos voſſos tormentos; perdoay-me as minhas culpas pelo ſangue das voſſas feridas; e ſeja iſto, Senhor, antes que a pedra derribe eſta eſtatua, antes que o vento leve eſta folha, antes que o mar ſepulte eſta barca. Para vós, Senhor, todo o tempo he tempo; para a voſſa Divina piedade hum mar de culpas he hum rio pequeno; para a voſſa miſericordia huma eternidade de peccados he hum breve inſtante. Naõ deſprezeis, Senhor, os meus rogos, porque ainda que eu ſou peccador, vós ſois JESUS; naõ deſprezeis hum coraçaõ contrito, e humilhado; naõ vireis as coſtas a huma creatura arrependida. Se a Magdalena com as lagrimas nos olhos vos mereceo o perdaõ de tantas culpas; eu tambem choro a voſſos Divinos pés, eu tambem os quero regar com o meu pranto, ſó por

conseguir o vosso amparo. Se vos obrigou tanto hum peccador crucificado comvosco, por confessar que vos tinha offendido; eu, Senhor, confesso que vos offendi mais que Dimas, e mais que a Magdalena, e mais que quantos condennados estaõ ardendo nas chammas do Inferno; e crucificado na minha dor, vos rogo no interior de minha alma, vos peço do intimo do meu coraçaõ me perdoeis as minhas culpas pela vossa clemencia, pela vossa piedade, e pela vossa misericordia. Amen.

Protestaçaõ da Fé para se ler ao enfermo repetidas vezes com pausa pelo naõ affligir.

366 E*M nome da Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, protesto na presença de Deos, e de MARIA Santissima minha Mãy, do Anjo da minha guarda, e de todos os mais Anjos, e Santos da Corte do Ceo, que eu quero morrer na Santa Fé Catholica Romana.*

367 *Protesto desde agora para a ultima hora, que firmemente creyo todos os artigos desta Santa Fé, segundo a intelligencia dos DD. Catholicos, porque Deos lhos ensinou.*

368 *Des-*

368 *Desde aqui para a ultima hora reprovo, condeno, e abomino todas as heresias, que a Igreja Catholica abomina, e reprova; e declaro que nesta Fé quero morrer.*

369 *Creyo firmemente que posso alcançar a Bemaventurança, naõ por meus merecimentos, senaõ pelos merecimentos da Paixaõ de JESUS Christo meu Redemptor, e que sem ella ninguem se póde salvar.*

370 *Confesso o muito, que tenho offendido a Deos, e que fuy ingratissimo aos seus beneficios, e auxilios, pelos quaes lhe rendo infinitas graças, e desejo que todas as creaturas por mim o adorem, e o sirvaõ.*

371 *Peza-me no intimo da minha alma de toda a offensa, que commetti contra o meu Deos, e contra o proximo; e me peza naõ só pelas penas do Inferno, naõ só pela pertençaõ da Gloria, naõ só pela fealdade da culpa, mas por ser Deos quem he, infinitamente bom, e digno de ser servido, e amado. E jà daqui protesto, que naõ quero consentir em pensamento algum contra a Fé, ou outra qualquer virtude.*

372 *Protesto que se na ultima batalha por fraqueza do espirito, ou tentaçaõ do demonio,*

monio, ou por outra qualquer cousa cahir (o que Deos naõ permitta) em alguma desesperaçaõ, ou duvida contra Deos, e os Mysterios da Fé, desde agora para entaõ com o meu perfeito juizo o revogo, e contradigo.

373 *Protesto que me conformo com a santissima vontade de meu Deos, e me entrego nas mãos da sua altissima providencia; e todos os meus pensamentos, palavras, obras, alentos, e respirações, quero que sejaõ para honra, e gloria de meu Deos.*

374 *Protesto que adoro a meu Senhor JESUS Christo, filho de Deos vivo, Deos, e Homem verdadeiro, Creador, e Redemptor do Mundo, a quem de meu coraçaõ, alma, e espirito me peza de ter sido ingrato, e de me naõ ter aproveitado de todas as tribulações, dores, e affrontas, que elle padeceo por minha alma.*

375 *Protesto que tudo quanto eu fizer, e padecer atè o ultimo instante de minha morte, quero que seja em uniaõ do que padeceo JESUS Christo meu Redemptor; e unidas as minhas dores, e tribulações com os infinitos merecimentos da sua Vida Santissima, Paixaõ, e Morte de Cruz, tudo offereço em satisfaçaõ de meus peccados.*

376 *Ve-*

376 *Venero, e adoro a Rainha dos Ceos, e terra MARIA Santiſſima Mãy de Deos, e Mãy minha, em cujas piedoſiſſimas mãos entrego o grande negocio da ſalvaçaõ de minha alma, e lhe peço por tudo quanto padeceo neſte Mundo, e pelo ſeu piiſſimo, e abrazadiſſimo coraçaõ, e pelas ſuas miſericordioſas entranhas, que me ampare, me acuda, e rogue por mim.*

377 *Venero ao Santo Anjo da minha guarda, e lhe dou mil graças por quantas miſericordias tem obrado com a minha alma, e lhe peço me defenda atè me pôr ſeguro na Gloria.*

378 *Perdoo de todo o meu coraçaõ a todos quantos neſte Mundo me offendêraõ, e peço perdaõ a todas quantas creaturas dey máo exemplo, ou offendi com palavras, ou obras, e lhes ſupplico pelas entranhas de JESUS Chriſto me perdoem, para que Deos nos perdoe a todos.*

379 *Proteſto que naõ deſejo ſaude, nem morte, nem a vida, nem a enfermidade, ſenaõ que cumpra Deos em mim a ſua ſanta vontade; e ſe meu Deos diſpõe tirarme deſta vida mortal, deſde logo lhe entrego meu coraçaõ,*

raçaõ, e nas ſuas mãos encomendo a minha alma, e o meu eſpirito.

380 *Faço tençaõ de ganhar todas as Indulgencias, que deſde agora atè o ultimo inſtante da minha vida me concederem os Summos Pontifices; e applico pela minha alma todas as que me ſaõ neceſſarias, e as mais as applico pelas almas mais proximas a ver a Deos; e aqui rogo a Deos pelo augmento da Fé, extirpaçaõ das hereſias, e por tudo quanto os Summos Pontifices mandaõ rogar a Deos.*

381 *Por fim deſtes meus proteſtos peço a MARIA Santiſſima, ao Anjo da minha guarda, ao Santo do meu nome, e a todos os Anjos Bemaventurados, e Santos do Ceo, e terra, que ſejaõ teſtemunhas, que eſta he a minha ultima vontade, e a façaõ preſente a meu Redemptor, e ſejaõ meus Protectores no ſeu tremendo juizo; e peço mais, que para o ultimo inſtante da minha vida me alcancem hum ſuſpiro, e huma lagrima das que meu Senhor JESUS Chriſto derramou nos braços da Cruz, para lavar a minha alma, e para alcançar a vida eterna. Amen.*

CAPITULO IV.

Quatro lembranças do devoto, e douto Gersaõ para se consolar o enfermo depois de ter cumprido com o que toca à sua consciencia.

382 AInda que tem deteſtado todas as couſas temporaes do Mundo, pondo-ſe no caminho da ſua ſalvaçaõ, tem porèm ainda muito, que andar, e ainda naõ tem chegado ao perigoſo paſſo, onde os inimigos inviſiveis o eſperaõ, com os quaes ha de ter naquelle ultimo paſſo terrivel encontro, e eſpantoſo debate, que he o ponto total do ſeu ganho, e alli principalmente eſperaõ de pôr todas as ſuas forças, para ver ſe podem levar cativa, e rendida aquella alma, que Chriſto remio com ſeu precioſo ſangue.

383 Deve pois armarſe para a batalha, confiando na miſericordia de Deos, que o ha de ſoccorrer, e livrar das mãos de ſeus infernaes inimigos; e conformando-ſe muito com a vontade de Deos, deve conſiderar.

384 Primeiramente como todos eſtamos ſujeitos debaixo da poderoſa maõ de Deos, e que todos os naſcidos, e os que haõ de naſcer, de qualquer eſtado, ou condiçaõ, que ſejaõ, Reys, ou Principes, ricos, ou pobres, todos he neceſſario que paguem eſte tributo da morte. Vivemos neſte Mundo como peregrinos: *Non habemus hîc Civitatem permanentem, ſed futuram inquirimus*; (como diz Saõ Paulo) e aſſim havemos de paſſar pelo Mundo, como por caminho, ſem nos determos; e naõ devemos parar nos bens da vida, cuidando ter aqui firmeza de morada perpetua; (o qual ſeria falſo, porque na verdade naõ as ha nas couſas da terra) mas antes nos fez Deos, para que vivendo aqui bem, e meritoriamente, e ſervindo a Deos noſſo Senhor, evitemos as horriveis penas do Inferno, e alcancemos a Bemaventurança eterna.

385 Deve tambem reconhecer (diligentemente, dando graças a Deos noſſo Senhor em ſeu coraçaõ) os beneficios, e mercês, que o Senhor lhe tem feito, eſpecialmente neſta ultima hora, pois lhe deo conhecimento de ſi, e lhe naõ tirou a vi-

da com morte ſubita. Por eſtes, e por outros beneficios innumeraveis lhe dê muitas graças, referindo tudo ſómente à ſua infinita miſericordia; e dos peccados, e faltas commettidas peça humildemente perdaõ, fazendo hum Acto de Contrição deſta maneira: *Senhor Deos meu, Trino, e Hum, Creador, e Salvador meu, por ſeres vós quem ſois, e porque vos amo ſobre todas as couſas, me peza de todo o coração de vos ter offendido, e proponho firmemente de vos naõ offender mais; e das offenſas, que vos tenho feito, vos peço perdaõ, e o eſpero pelos merecimentos de JESUS Chriſto voſſo unico filho, e meu Redemptor.*

386 Lembre-ſe mais com todo o cuidado, que ſaõ innumeraveis os peccados, e faltas, que em toda a ſua vida commetteo, pelos quaes merece padecer grave pena; e por eſte reſpeito deve com muita paciencia ſoffrer as moleſtias, dores, e trabalhos da enfermidade, e morte preſente; e rogar a Deos, que a graveza das dores, e anguſtias dellas ſejaõ em remiſſaõ de ſeus peccados; e que os horriveis tormentos do Purgatorio por ſua miſericordia lhe ſejaõ com-

commutados na presente afflicçaõ, que padece; porque muito mais soffrivel he, sem comparaçaõ alguma, ser a pessoa castigada, e affligida nesta vida, que na outra: pelo que se tendo feito o que a Igreja ordena, (como filho seu) com o coraçaõ contrito, e voluntariamente soffrer a pena, (que alli forçosamente ha de padecer) tenha confiança, que a culpa, e pena lhe perdoará Deos nosso Senhor, e terá certa a entrada na Gloria. E se de outra maneira se houver, tendo impaciencia, nem por isso deixará de padecer as dores, e trabalhos da doença, e a morte; e alèm destas miserias, incorrerá na pena da condennaçaõ eterna, faltando-lhe a preparaçaõ devida.

387 Finalmente deve considerar, e cuidar sómente no que toca à sua salvaçaõ, e espiritual remedio nesta ultima hora, e passo da sua vida, que por ventura naõ terá ao diante outra. Deixe todo o cuidado das cousas temporaes, as quaes ha de deixar necessariamente; encomende-se a Deos com inteira fé; e a elle, que he omnipotente, bom, e sabio, encomende a direc-

çaõ de ſi meſmo, e das ſuas couſas, e das dos ſeus. Nelle ponha ſómente ſeus penſamentos, e rogue aos Santos, que ſejaõ ſeus interceſſores diante deſſe meſmo Deos por ſua ſaude, e muito mais pela da alma, que pela do corpo.

CAPITULO V.

Advertencias para antes de ungir o enfermo.

388 HE couſa muito neceſſaria, que hindo o enfermo enfraquecendo, antes de perder o juizo natural, o aviſem a que receba, e peça o Sacramento da Santa-Unçaõ, armando-ſe com elle o enfermo, como com armas convenientes para aquelle tempo da batalha das ultimas, e mais fortes tentações, pondo como puder na memoria iſto, que ſe ſegue, que lhe deve ler quem lhe aſſiſtir.

389 Diz o Bemaventurado S. Gregorio Romano, que o demonio ſempre procura tentar a qualquer Chriſtaõ, e muito mais no artigo da morte; e entre outras couſas, que aponta, faz eſpecial mençaõ de

de trez tentações, que o demonio tem como cousas ordinarias, e mais forçosas para aquella hora, quando vê huma pessoa posta no ultimo da vida, e agonia da morte, perdidos os sentidos do ouvir, e do ver corporal, logo o demonio as traz, e põe diante, e com a alma posta nesta afflicçaõ, trata de ver se a póde perturbar, e vencer.

390 A primeira tentaçaõ he a da Fé, representando-lhe diversas imaginações de tal modo, que possa ser crido, e faça duvidar da verdade de nossa Santa Fé; pelo que diz Santo Agostinho, que deve huma alma estar tanto sobre si, que logo em lhe chegando esta representaçaõ neste passo, deve firmemente cuidar que he tentaçaõ diabolica a tal imaginaçaõ, e dizer em seu coraçaõ: (ainda que naõ possa com a boca) *Senhor JESUS, eu sou verdadeiro Catholico, e creyo tudo o que crê, tem, e ensina a Santa Igreja Catholica Romana, e nesta Fé creyo, e quero morrer.* Diz o mesmo Santo, que em dizendo isto o Christaõ, logo o inimigo se aparta confuso; porèm logo torna com outra tentaçaõ, e he a da desesperaçaõ, trazendo à memoria muitos peccados,

que commetteo, em eſpecial alguns, que naõ confeſſou por eſquecimento, ou naõ declarou bem, repreſentando-lhe iſto com tal fealdade, e graveza, a ver ſe póde perturbar, e fazer duvidar a tal peſſoa, poſta em tal eſtado, e neſtes apertos da ſua ſalvaçaõ, impoſſibilitando-lha, para fazer deſeſperar huma alma da bondade, e miſericordia Divina.

391 Para eſta tentaçaõ deve eſtar a peſſoa jà de ante maõ muy aparelhada, e advertida, vendo que he tentaçaõ diabolica, e que com ella o aguarda naquelle paſſo o inimigo do genero humano; e deve dizer em ſeu coraçaõ com grande confiança: *JESUS, amor meu, Deos, e Homem verdadeiro, vós derramaſtes voſſo precioſo ſangue em huma Cruz por noſſos peccados, e padeceſtes tantos trabalhos por nos ſalvar: peço-vos, Senhor, ſejais ſervido que os merecimentos de voſſa Paixaõ Santiſſima deſtruaõ meus peccados: dos que me lembrey eſtou confeſſado; dos mais por minha fraqueza, e ignorancia, ſe me eſquecêraõ, e ficáraõ por declarar, ſuppraõ os merecimentos infinitos da voſſa Paixaõ Sagrada; e ſois, Deos meu, o*

Cor-

Cordeiro Divino, que tirais os peccados do Mundo; meus peccados saõ muitos, vossa misericordia he infinita.

392 Confuso o demonio, vendo que por estas vias naõ pode ter vitoria, vem com a terceira tentaçaõ da soberba, e vaidade, com que elle cahio no erro, para assegurar a alma, e que cuide que está segura, e he Santo, e ver se póde por esta via ser crido, para tornar com outras imaginações; e assim se finge, e mostra algumas vezes em figura muy bella, transformando-se em Anjo de luz, e diz ao enfermo: *Eu sou Christo, teu Creador, e Redemptor, por tanto adora-me.* A isto deve o Christaõ ser muy cauto, humilhando-se em seu coraçaõ, e naõ o crer, e diga: *Se tu es Christo, o qual tomou carne das purissimas entranhas da Virgem MARIA Senhora nossa, e nasceo della, ficando sempre Virgem, e padeceo em huma Cruz, e morreo por nossos peccados, e desceo aos Infernos a livrar os Santos Padres, e resuscitou ao terceiro dia, e subio aos Ceos o dia da Ascensaõ, e ha de vir no dia do Juizo a julgar os vivos, e os mortos: se tu es este Senhor, que eu digo, eu*

te adoro, ainda que indigniſſimo da ſua preſença, pois ſou taõ grande peccador; de outra maneira naõ te adoro, nem creyo. E ſe apparecer em figura eſpantoſa, e diabolica, como ao Glorioſo Saõ Martinho, diga-lhe o que o meſmo Santo lhe diſſe: *Quid hic ſtas cruenta beſtia (nihil in me funeſte reperies)* o demonio vendo-ſe de todo vencido, e confuſo, ſe aparta, e naõ torna mais a tentar a tal alma, antes ſente logo com eſte vencimento o doente particular conſolaçaõ; e os Anjos, e Eſpiritos Bemaventurados o cercaõ com ſinaes claros, que lhe moſtraõ, de coroa, que o eſpera de tal vitoria. Iſto ſuccede mais, ou menos, conforme a Divina vontade o ordena.

CAPITULO VI.

Exorciſmo efficaciſſimo para fazer retirar os demonios, que ſe ha de ler ao enfermo.

393 C*Om a meſma Fé, com que adoro, e creyo no Myſterio da Santiſſima Trindade, na realidade do Santiſſimo Sacramento, na pureza de MARIA Santiſſima,*

ſima, e em tudo quanto manda crer a Santa Igreja Romana, por ſer o meſmo Deos quem o dictou, e enſinou; com eſta meſma viviſſima Fé adoro, e creyo dizer a ſumma verdade, que com o nome de JESUS ſe piza, e rebate toda a furia infernal, pois com eſta viviſſima Fé, oh eſpiritos diſgraçados, e malditos, eu vos mando no nome Santiſſimo, e poderoſiſſimo de JESUS, que vos auſenteis logo, logo, para as profundezas dos Infernos, e me deixeis livre de tudo o que for tentaçaõ, e bataria voſſa. Torno a repetir: Eſpiritos infernaes, com viviſſima Fé nos poderes, e efficacias do nome Santiſſimo de JESUS vos mando, que logo, logo vos auſenteis para as profundezas dos Infernos para ſempre.

Acto de Contriçaõ.

394 M*Eu Senhor JESUS Chriſto, Deos, e Homem verdadeiro, Creador, e Redemptor meu, peza-me de todo o meu coraçaõ de vos ter offendido, por ſeres vós quem ſois, e porque vos amo, e eſtimo ſobre todas as couſas: proponho mediante a voſſa Divina graça de nunca mais peccar, e con-*

e confio na vossa Divina misericordia me haveis de perdoar meus peccados pelos merecimentos do vosso precioso sangue, e que me dareis graça para perseverar neste proposito atè a morte, para que goze da vossa santa Gloria. Amen.

CAPITULO VII.

Affectos amorosos a JESUS crucificado, que com muita pausa se haõ de ler ao enfermo, estando moribundo.

395 OH meu Deos do meu coraçaõ, e da minha vida, aqui chego à porta principal do vosso lado a pedirvos por esmola a vossa infinita misericordia: favorecey-me, Senhor, com esta grande, e superior esmola, que he a que necessito para a salvaçaõ de minha alma: ora façamos as pazes, meu Deos, naõ estejais mal comigo, day-me os vossos braços, que eu vos dou toda a minha alma: olhay, meu Deos, que he toda vossa, naõ permittais que se perca o que tanto vos custou: castigay meu corpo com dores, penas, e afflicções, e livray minha alma das mãos de

de meus infernaes inimigos. JESUS, JESUS, JESUS.

396 *Tremendo eſtou, meu Deos, da voſſa juſtiça, por conhecer dais o premio ſó a quem o merece; porèm tambem reconheço ſois piedoſo, e de infinita miſericordia: reconheço, meu Deos, e meu Senhor, que ſaõ mil vezes dobrados os peccados, que contra vós tenho commettido, que os inſtantes, que tive de vida; e olhando para eſte mar de culpas, me afogo na conſideraçaõ das offenſas; e olhando para os meus delictos, receyo que a ſentença me condenne; porèm ſe os aggravos me fazem recear o perdaõ, a voſſa miſericordia me anima, e a voſſa bondade me alenta; porque he ſem duvida, que he mayor a voſſa miſericordia, que todos os peccados do Mundo. E ſe vós, meu Deos, vos dais a vós meſmo para remedio das almas, day-me neſta hora hum auxilio efficaz da voſſa Divina graça, para que ſaya em pedaços o coraçaõ pelos olhos, e minha alma desfeita em lagrimas de dor do muito, que vos tenho offendido.* JESUS, JESUS, JESUS.

397 *Oh quanto melhor fora, meu Deos, ſe eu naõ guardaſſe os arrependimentos para*

a ho-

a hora da morte! Oh cegueira do Mundo! Quanto melhor fora, meu Deos, ter ha mais tempo aberto os olhos, para ver o verdadeiro caminho da minha ſalvaçaõ; mas agora, meu Deos, que melhor conheço o erro, me peza de todo o meu coraçaõ de vos ter offendido: agora, meu Deos, deſejo que os meus olhos ſejaõ rios de lagrimas, para com ellas apagar o fogo de tantas culpas. JESUS, JESUS, JESUS.

398 *Olhay, meu Deos, que vos peço pelos Myſterios da voſſa Encarnaçaõ, da voſſa Paixaõ, da voſſa Reſurreiçaõ, da voſſa Aſcenſaõ, e por voſſa Māy Santiſſima me perdoeis todos os meus peccados; e ſe vós, meu Deos da minha alma, fores ſervido naõ uſares para comigo da voſſa infinita miſericordia, e ſó ſim da voſſa juſtiça para caſtigo das minhas culpas, eu me conformo, e reſigno com a voſſa Divina vontade, e ſó quero o que for do voſſo Divino agrado. JESUS, JESUS, JESUS.*

399 *Senhor meu JESUS Chriſto, muitas graças vos dou por me fazeres filho da Igreja, e me concederes viver, e morrer na voſſa Santa Fé Catholica: eu proteſto naõ faltar*

tar nella, nem consentir em nenhuma tentaçaõ do inimigo, mediante a vossa Divina graça. Sinto, JESUS dulcissimo, na minha alma tervos offendido, e me peza de todos os meus peccados, por serem offensas vossas, e quizera que a dor fosse taõ grande, que a vida se me acabára com ella, sómente por vos ter offendido. JESUS, JESUS, JESUS.

400 *Aceito, meu Deos, esta doença de todo o meu coraçaõ, com as penas, dores, e afflicções, que padeço, esta morte, e qualquer outra cousa, que da vossa maõ me vier, por saber que he disposiçaõ da vossa Divina vontade. Pay piedoso, bem sey que pequey contra vós, e contra o Ceo, e que naõ mereço chamarme filho vosso, porque fuy infiel, e traydor à vossa Santa Ley, de que me peza na minha alma: deitay, Senhor, os braços a este filho prodigo, para que nelles ache o seu remedio, e salvaçaõ. JESUS, JESUS, JESUS.*

401 *Senhor meu JESUS Christo, aproveite-me vosso sangue precioso, e naõ se perca em mim, nem de mim aparteis a vossa Divina misericordia; pois eu chorando vos peço perdaõ das minhas culpas, e peccados, os*

quaes

quaes foraõ causa de que derramasses vosso precioso sangue. Eu sou, meu Deos, aquella creatura, que vós creastes com a vossa Paternal bondade, e omnipotencia: eu sou aquella miseravel creatura, que remistes com a vossa ignominiosa, e innocentissima morte: naõ premittais, meu Deos, que meus inimigos pervaleçaõ contra mim nesta hora, e na ultima de minha morte. Pay de meu Senhor JESUS Christo, eu vos offereço todas as penas, que nesta enfermidade tenho padecido, e estou padecendo; e espero na vossa infinita bondade, que por ella me haveis de salvar. JESUS, JESUS, JESUS.

402 *Quem taõ ditoso fora, meu Deos, que nunca se tivera apartado de vossa bondade infinita? Perdoay-me, Senhor, as ignorancias, e fraquezas da minha idade, que com pouco saber vos offendi. Aqui estou, Senhor, e Deos meu, fazey de mim o que for vossa Divina vontade: permitti, Senhor, que esteja minha vontade em tudo conforme com a vossa, e fazey de mim o que quizeres: se quizeres, Senhor, que eu esteja mettido em trévas, bemdito sejais; se me quizeres consolar, louvado seja o vosso nome; se me quizeres*

res attribular com dores, trabalhos, e penas, bemdito ſejais para ſempre : em vós, meu Deos, creyo ; em vós, meu Senhor, eſpero ; a vós ſó, meu Deos, amo ; a vós ſó, meu JESUS, quero ; e a vós venero ſobre todas as couſas. JESUS, JESUS, JESUS.

403 *Venha, Senhor, da voſſa poderoſa maõ o que for do voſſo agrado, que em ſaber eu que he voſſa Divina vontade, o hey de receber com alegria, ſeja o doce, ſeja o amargo, ſeja o alegre, ſeja o triſte, ſeja a ſaude, ſeja a doença, ſeja a vida, ſeja a morte : guarday-me, Senhor, para que vos naõ offenda, e venha tudo quanto for do voſſo Divino agrado. Deos meu, e amor meu, eu todo voſſo, e vós todo meu, incendey-me, e abrazay-me no voſſo amor, para que eu aprenda a goſtar com o coraçaõ a ſuavidade, e doçura do voſſo dulciſſimo nome de JESUS, JESUS, JESUS.*

404 *Vós, Senhor, me creaſtes, remiſtes, conſervaſtes, chamaſtes, e me fizeſtes Chriſtaõ, dando-me, e conſervando-me todo o ſer, que tenho : naõ me falteis, Senhor, neſta hora de tanta neceſſidade. Vós ſois, Senhor, meu Pay, meu Senhor, meu Deos,*

e meu

e meu Creador, e naõ ha outro dono da minha alma ſenaõ vós: recebey-a, Senhor, como couſa voſſa, amparay-a, e defendey-a neſta hora de minha morte. JESUS, JESUS, JESUS.

405 *Oh dulciſſima eſperança minha, naõ me negueis voſſo ſoccorro neſta hora, pois naõ faltais com elle a todos os deſamparados. Ame-vos por mim neſta hora voſſa Mãy Santiſſima, e todos os Santos, e Anjos do Ceo, e todo o ſeu amor vos offereço neſta hora. Quem tivera, Senhor, huma alma taõ pura, e limpa, aonde nunca tiveſſe cabido mancha de peccado, para que com a devida pureza de eſpirito vos poder ſervir, e amar?* JESUS, JESUS, JESUS.

406 *Oh Vida Bemditiſſima, que naõ quereis a morte do peccador! Day, Senhor, vida à minha alma, e fazey neſta hora que ſe converta toda a vós. Agora he tempo, Senhor meu, de uſares de miſericordia, e moſtrares ſois infinitamente liberal, e piedoſo, perdoando neſta hora a eſte peccador, que ſe ampara da voſſa infinita miſericordia.* JESUS, JESUS, JESUS.

407 *Puriſſima Virgem* MARIA, *Rainha*

nha dos Anjos, Mãy de Deos, e dos peccadores, mostray, Senhora, em mim que o sois, amparando-me, ajudando-me, e sendo minha advogada, e intercessora nesta hora. Oh Virgem Santissima, naõ me desampareis em hora taõ afflicta, e que tanto necessito do vosso amparo, pois que sois Mãy universal da Igreja: ajuday-me, e valey-me, Senhora, neste aperto, pois sois o unico refugio dos peccadores: só de vós quero o soccorro nesta perigosa batalha contra os meus inimigos, naõ me desampareis. JESUS, JESUS, JESUS.

408 *Perdoay-me, Senhora minha, a falta de correspondencia, que tenho tido aos muitos beneficios, que me fizestes: naõ olheis, Mãy de misericordia, estes meus descuidos, usay comigo como Mãy piedosa, que sois, recebey-me debaixo do vosso amparo. Mãy sois, Senhora dos peccadores, e Virgem Mãy de Deos; e supposto, Virgem Santissima, naõ mereço ser vosso filho, recebey-me, Senhora, ao menos por vosso escravo o mais humilde. Oh Soberana Princeza dos Ceos, esta he a hora, para a qual pedi sempre o vosso favor, e amparo em toda a minha vida: em vossa piedade confio, Senhora, me naõ haveis de fal-*

tar com o vosso patrocinio nesta hora, defendey-me, e ajuday-me Mãy de misericordia. JESUS, JESUS, JESUS.

409 *Oh Glorioso Anjo da minha guarda, fiel companheiro meu, que de tantos perigos me tendes livrado, livray-me agora neste ultimo mais perigoso, que nesta hora mais que nunca vos quero por meu defensor. Naõ olheis, oh Bellissimo Espirito, o muito, que me tenho esquecido dos beneficios, que me tendes feito: peço-vos me ampareis, segundo a nobreza da vossa piedade, e verdadeiro amor, que sempre me mostrastes. Peza-me nesta hora, Soberano Espirito, do pouco, que vos tenho servido, e obedecido: compadecey-vos deste miseravel peccador, que atè do mesmo Deos seu Creador se esqueceo. Olhay, Soberano Espirito, e amparo meu, naõ se glorie nosso commum inimigo, que vos tirou esta preza, que vos foy encomendada. Assim, nobilissimo Espirito da Corte Celestial, agora he tempo de me valeres, para apresentarme salvo no Tribunal Divino, ajudando-me com o vosso amparo, para que naõ caya em alguma tentaçaõ.* JESUS, JESUS, JESUS.

410 *A todos os Santos, e Santas da Corte*

te

te Celeſtial invoco em minha ajuda, e defenſa neſta hora. A todos os Santos da minha devoçaõ peço ſejaõ neſta hora meus advogados. Moſtray, Santos bemditos, (amigos, e Senhores meus) agora voſſa interceſſaõ, e favor, que ſempre eſperey. Naõ deſprezeis, Santos bemditos, a eſte pobre, que chega à voſſa porta, e vos pede eſmola de ſoccorro para eſta hora de tanta neceſſidade: naõ me falteis, Santos bemditos, neſta hora da minha morte, em que mais de vós neceſſito. JESUS, JESUS, JESUS.

411 *Meu Deos, Trino, e Hum, Author da Natureza, da Graça, e da Gloria, a quem amo, eſtimo, e quero ſobre todas as couſas, he poſſivel que eſtando em voſſa graça, a perdi tantas vezes? He poſſivel que offendi huma bondade, e Mageſtade, a quem eu devia ſempre adorar, e amar? Senhor, jà que vos offendi, e confeſſo o mal, que obrey contra a voſſa Divina Ley, aqui me humilho contricto, e arrependido diante da voſſa Divina miſericordia; e arrependido das minhas culpas, vos peço humildemente me perdoeis: pequey, Senhor, contra vós, miſericordia, Senhor, miſericordia, valha-me a voſſa bondade. JESUS, JESUS, JESUS.*

412 *Pay*

412 *Pay, e Senhor meu, eu ſou aquelle filho prodigo, que desbaratou o patrimonio da graça, e reconheço naõ mereço ſer chamado por filho voſſo. Peza-me, Senhor, de haver peccado, naõ ſó pelo muito, que perdi, e pelo Inferno, que mereço, mas por vos ter offendido a vós, meu Deos, a quem amo ſobre todas as couſas. Oh Deos da minha alma, quem nunca vos offendêra! Oh Deos do meu coraçaõ, quem nunca ſe tivera apartado de vós, e da voſſa Divina vontade! JESUS, JESUS, JESUS.*

413 *Aonde eſtava o meu juizo, meu Deos, quando puz o amor em outrem, devendo amarvos ſó a vós? Senhor, pequey gravemente, amando mais as creaturas, que ao Creador, que ſois vós Creador de todas. Por voſſo precioſo ſangue, meu Deos, vos peço perdaõ de todas eſtas offenſas taõ grandes; que ſinto, meu Deos, naõ ter antes padecido mil mortes, que tervos offendido huma ſó vez, por ſerem offenſas contra a voſſa Santa Ley. JESUS, JESUS, JESUS.*

414 *Senhor, ſe me deraõ à eſcolha ou padecer, e ſoffrer todos os trabalhos do Mundo, ou haver peccado; os males, os trabalhos, e to-*

e todas as penas ſó eſcolhêra, antes que ter commettido a mais minima offenſa voſſa. E que mayor bem pudera eu ter, meu Deos, que haver guardado naõ ſómente os voſſos preceitos, mas tambem os voſſos conſelhos? Deſejo, meu Deos, ter agora mais vida, para delles me naõ apartar, nem do que for do voſſo ſanto ſerviço. JESUS, JESUS, JESUS.

415 *Deitay, Senhor, os braços a eſte filho prodigo, para que ſe naõ perca, e ſó nelles ache o ſeu remedio, e ſalvaçaõ. Aproveite-me o voſſo precioſo ſangue, e naõ ſe perca em mim, nem aparteis de mim voſſa miſericordia, meu Pay, e meu Senhor, que chorando vos peço perdaõ das minhas culpas, e peccados, os quaes foraõ cauſa de derramares voſſo ſangue ſantiſſimo: tende compaixaõ de mim, meu Deos, meu Pay, e Senhor de infinita piedade, e miſericordia. JESUS, JESUS, JESUS.*

416 *Meu Deos, e meu Senhor, eu abomino todos os meus peccados; e como ſois ſoccorro de affligidos, attendey pela voſſa infinita piedade ao perigo, e trabalho, em que me vedes, pois conheceis a malicia de meus inimigos; porque ainda que eu pequey, e vos*

offendi, e por isso mereço ser entregue a elles, jà, Senhor, estou de todo o meu coraçaõ arrependido; e se a sua malicia naõ attende mais que para a minha perdiçaõ, vós, Senhor meu clementissimo, olhay a sua tençaõ danada, e amparay esta pobre alma nesta hora taõ necessitada, e de tanto perigo. JESUS, JESUS, JESUS.

417 *Luz bellissima da minha alma, lembray-vos dos crueis açoutes, que despedaçáraõ vosso innocentissimo corpo, formado pelo Espirito Santo no puro Ventre de vossa Mãy Santissima. Naõ olheis, Senhor, que eu fuy causa de todos esses tormentos por meus peccados: olhay, Senhor, que com lagrimas de arrependimento vos peço perdaõ de todos. Usay, Senhor, comigo da vossa infinita misericordia: lembray-vos, meu Redemptor, desta creatura vossa. Espero, Senhor, na vossa bondade que naõ haveis de desprezar os gemidos desta alma, que remistes com o vosso precioso sangue em o Monte Calvario nos braços da Cruz taõ afrontosamente crucificado. JESUS, JESUS, JESUS.*

418 *Eu sou, Senhor, aquella miseravel creatura, que peccou contra vós; mas peza-*

me

me de todo o meu coraçaõ de haver offendido a taõ Divina Mageſtade: eſpero na voſſa bondade me naõ privareis neſta hora do amor, com que amais aos voſſos eſcolhidos. Oh refrigerio unico da minha alma, eſpero na Divina clemencia riſcareis com voſſo precioſo ſangue todos os meus peccados; e eſpero, Senhor meu, me fareis participante da ſaude, que obraſtes no madeiro da Cruz no Monte Calvario. JESUS, JESUS, JESUS.

419 *Eſpero, Senhor, e Deos meu, em a voſſa miſericordia me naõ haveis de deſamparar, pois vos confeſſo por verdadeiro Redemptor meu, e chamo às portas do voſſo coraçaõ amoroſo com todo o affecto, pois ſe naõ fechaõ a nenhuma creatura, que de todo o coraçaõ vos chama. Aqui eſtou, ſaude eterna, e vida minha, com firme reſoluçaõ de hirme para vós, Deos meu, com todas as minhas forças, e deſejos, pezando-me de todo o meu coraçaõ naõ ter ſervido a voſſa Divina Mageſtade com toda a fidelidade; porèm nos poucos inſtantes, que tenho de vida, me offereço todo em holocauſto para fielmente vos ſervir com huma vontade firme de me naõ apartar de vós; e aſſim eſpero em a voſſa pie-*

piedosa bondade me haveis de ajudar, para assim o pôr por obra; pois com o coração contricto só a vós, meu Deos, amo, e quero de todo o meu coração, pois só vós sois digno de ser amado. JESUS, JESUS, JESUS.

420 *Atè agora, Deos meu, vos naõ chamou jà mais creatura alguma, pedindo-vos de todo o coraçaõ misericordia, que em vós a naõ achasse, e ainda quando mais offendido, como a concedestes a hum S. Paulo, quando mais vos perseguia, e a hum S. Pedro, quando mais vos negava. Agora eu, meu Deos, nem vos persigo, nem vos nego, antes vos adoro, e confesso, dizendo:* In te, Domine, speravi, non confundar in æternum. *JESUS, JESUS, JESUS.*

421 *Espero em vós, meu Senhor JESUS Christo, que me haveis de perdoar meus peccados por vossa bondade infinita, e sangue precioso, pezando-me de todo o meu coraçaõ de vos ter offendido; e jà que vos dignastes de perdoar ao Bom ladraõ sómente por reconhecer a sua culpa, e a vossa Divindade, aqui estou, Senhor, reconhecendo a vossa omnipotencia, e as minhas innumeraveis culpas no muito, que vos tenho offendido: naõ attendais,*

Se-

Senhor, ao mal, que fiz, attendey, Senhor, que a vossa bondade vos obrigou a dares a vida por meus delictos, e peccados, para me salvares. JESUS, JESUS, JESUS.

422 *Meu* JESUS *da minha alma, e do meu coraçaõ, ainda que tanto vos tenho offendido, e aggravado, como estou aos vossos pés arrependido, confio na vossa Divina misericordia, e espero que pelos vossos merecimentos me haveis de salvar. E como naõ quereis a morte do peccador, senaõ que viva, e se converta, aos vossos pés estou humilhado, e arrependido, espero no vosso soberano amparo que haveis de receber minha alma, para que eternamente vos louve.* JESUS, JESUS, JESUS.

423 *Senhor, e Deos meu, Author da Graça, e da Gloria, eu vos amo, quero, e estimo sobre todas as cousas, e vos amo puramente por seres vós quem sois: eu vos dou, meu Deos, o que vos deve meu coraçaõ, e vos offereço minha alma para amarvos com as forças, e potencias. Gozo-me, Senhor, que sejais taõ bom, e taõ infinitamente perfeito como sois. Folgára, Senhor, que todo o Mundo vos amára, vos honrára, e vos servíra.*

Aqui

Aqui eſtou ſujeito a vós, Senhor, para que ſe faça em mim o que for da voſſa Divina vontade, por ſeres vós quem ſois; e me peza de vos ter aggravado, por ter offendido a taõ grande bondade, e proponho com voſſa graça de vos naõ offender mais, e ſó a vós, meu Deos, ſervir, e amar. JESUS, JESUS, JESUS.

424 *Oh amor Divino, quem eſtivera abrazado, e transformado em vós! Quando ſerá a hora, que verey eſſe Divino roſto? Day-me, Senhor, que vos dê, para pagar-vos o muito, que vos devo. Lembray-vos, Senhor, que me fizeſtes de nada; e day-me, Senhor, luz, para que conheça mais claramente que ſois meu Creador, para que mais intimamente vos ame.* JESUS, JESUS, JESUS.

425 *Por voſſo Divino amor vos peço me recupereis o tempo, que tenho perdido, dando-me graça no preſente, para que appareça diante de vós arrependido, e vos louve, e ame eternamente. E vós, Senhor, ſendo Deos, vos fizeſtes Homem por amor de mim, por mim naſceſtes, por mim vos veſtiſtes da noſſa carne, por mim prégaſtes, por mim padeceſ-*

tes,

tes, por mim foſtes atormentado, e cravado em huma Cruz, e alanceado por mim, por mim ficaſtes no Santiſſimo Sacramento do Altar, por me ſuſtentar em graça, para me regalar, conſolar, e unir comvoſco: comvoſco me ſirvaõ de alivio eſtes trabalhos, e penas, que padeço; comvoſco ſó ſe ſatisfará meu coraçaõ; comvoſco naõ tenho mais que apetecer, nem tenho mais que ſentir, nem mais que temer. JESUS, JESUS, JESUS.

426 *Ajuday-me, Senhor, a dizer com amoroſo affecto o que Santo Ignacio abrazado em voſſo amor dizia: O fogo, as Cruzes, as feras, e o quebrantamento de membros, e todos os tormentos, que padeço neſta doença, venhaõ ſobre mim, com tanto que eu goze de vós, meu Senhor JESUS Chriſto, por toda a eternidade em companhia dos voſſos eſcolhidos. Quem tivera neſte peito todos os corações dos homens, meu Deos, para os abrazar em voſſo amor; e aſſim amo, Senhor, tudo quanto vos póde agradar. JESUS, JESUS, JESUS.*

427 *Naõ ſe perca, Senhor, eſta alma, que para vós criaſtes, e com o voſſo ſangue precioſo remiſtes, para que vos goze por toda a eter-*

a eternidade. Meu Deos do meu coraçaõ, piedade vos pede o mais ingrato peccador, concedey-me a vossa Divina misericordia, ainda que menos que ninguem a mereço. Senhor, tende piedade de mim, Deos de amor, ajuda vos peço, para que vos ame eternamente como vós mereceis. JESUS, JESUS, JESUS.

428 *Bem meu, e Senhor meu, gloria minha, e Senhor da minha alma, naõ permittais que se perca quem tanto vos custou: olhay, Senhor, o sangue, que por mim derramastes: olhay, Senhor, para essas mãos, e veas abertas, que tudo foraõ extremos do vosso amor para me salvar. Do vosso sangue santissimo me valho, e com elle me abraço, e a elle chamo, para que me favoreça, e me valha nesta hora de tanta necessidade, na qual só espero o favor de vós, meu dulcissimo JESUS, JESUS, JESUS.*

429 *Pregados tendes, Senhor, os pés, naõ me fugireis; e entendo foy traça do vosso amor, para me naõ faltares. Reconheço, Senhor, que os meus peccados saõ muitos, e muito grandes; mas muito mayor he a vossa misericordia, e desejo, que tendes de me salvar. De todo o coraçaõ vos peço o perdaõ das*

mi-

minhas culpas; e para alcançar o perdaõ dellas, e o porto ſeguro da minha ſalvaçaõ, me valho da voſſa infinita miſericordia, da voſſa Santiſſima Paixaõ, do voſſo precioſo ſangue, açoutes, corôa de eſpinhos, e affronta da Cruz, para que tudo me valha, ſoccorra, e ampare neſta hora taõ afflicta. JESUS, JESUS, JESUS.

430 *Peço-vos, meu Deos, e meu Senhor, me fortaleçais no voſſo amor, para que me naõ deſanime, e me conforme na voſſa Divina vontade em todos os trabalhos, e penas, que padeço neſta hora: naõ permittais os ſoffra com impaciencia, mas ſim os ſoffra com goſto, por ſer diſpoſiçaõ da voſſa ſanta vontade, como fazem os voſſos amigos verdadeiros. Creyo que me ha de aproveitar voſſo ſangue ſantiſſimo, e eſpero em a voſſa bondade que me ha de valer neſta hora a voſſa infinita miſericordia para me ſalvar. JESUS, JESUS, JESUS.*

Cla-

Clamores da ultima agonia.

431 *JESUS, JESUS, JESUS, nas vossas mãos encomendo a minha alma. JESUS meu Redemptor, recebey o meu ultimo espirito. JESUS, JESUS, JESUS. MARIA Santissima, Mãy de JESUS Christo, e Mãy minha, rogay por este peccador, e vosso filho. MARIA Mãy de graça, e Mãy de misericordia, defendey-nos de nossos inimigos, e assisti-nos nesta arriscada hora.*

432 *JESUS, JESUS, JESUS, eu vos offereço o sacrificio de hum verdadeiro arrependimento, invocando o vosso nome. Meu dulcissimo JESUS, peza-me de vos ter offendido, e peza-me por seres quem sois: perdoay-me, meu JESUS, pelas vossas Santissimas Chagas, e pela vossa Santissima Morte, e Paixaõ.*

433 *JESUS, JESUS, JESUS. O Verbo Divino se fez Homem nas purissimas entranhas de MARIA Santissima, valha-me, Senhor, esta fineza da vossa Encarnaçaõ.*

434 *JE-*

434 *JESUS, JESUS, JESUS Christo Rey pacifico, defendey-me neste perigo, e combate. JESUS, JESUS, JESUS.*

435 *JESUS vence, ✠ JESUS reina, ✠ JESUS domina, ✠ JESUS de todo o mal nos defenda. ✠ Esta he a Cruz do Divino Redemptor, fugi, e ausentay-vos inimigos das almas remidas com o sangue de meu amoroso JESUS.*

436 *JESUS, JESUS, JESUS, creyo firmemente em tudo quanto manda crer a Igreja Romana, porque vós, meu Deos, o ensinastes: espero salvarme pela vossa misericordia. Proponho amar a meu JESUS sobre todas as cousas: valha-me o titulo da Sagrada Cruz: JESUS Nazareno Rey dos Judeos.*

437 *JESUS, JESUS, JESUS, sede torre fortissima, que me defenda; sede Medico, que me cure as enfermidades mortaes da minha alma. Senhor, pequey gravissimamente, peza-me no intimo de minha alma de vos ter offendido: remediay-me, amorosissimo JESUS, que brazaõ he da vossa misericordia.*

438 *JESUS, JESUS, JESUS, nas vossas mãos encomendo o meu espirito,*

nesse

nesse lado purissimo a minha alma. Abrazado com esses pés clamo pela vossa misericordia, dulcissimo JESUS. Misericordia, amabilissimo JESUS. Misericordia, poderosissimo JESUS.

439 *JESUS, peza-me, Senhor, creyo, Senhor, espero, Senhor, amo-vos, Senhor. Dulcissimo JESUS, sede para mim JESUS. JESUS, e MARIA, valey-me, e defendey-me, JESUS, e mil vezes JESUS.*

OFFI-

OFFICIO DA AGONIA.

440 KYrie eleison.
Christe eleison.
Kyrie eleison.
Sancta MARIA, Ora pro eo.
Omnes Sancti Angeli, & Archangeli, orate pro eo.
Sancte Abel, ora pro eo.
Omnis Chorus Justorum, orate pro eo.
Sancte Abraham, ora pro eo.
Sancte Joannes Baptista, ora pro eo.
Omnes Sancti Patriarchæ, & Prophetæ, orate pro eo.
Sancte Petre, ora pro eo.
Sancte Paule, ora pro eo.
Sancte Andrea, ora pro eo.
Sancte Joannes, ora pro eo.
Omnes Sancti Apostoli, & Euangelistæ, orate pro eo.
Omnes Sancti Discipuli Domini, orate pro eo.
Omnes Sancti Innocentes, orate pro eo.
Sancte Stephane, ora pro eo.
Sancte Laurenti, ora pro eo.

Omnes Sancti Martyres, orate pro eo.
Sancte Silvester, ora pro eo.
Sancte Augustine, ora pro eo.
Omnes Sancti Pontifices, & Confessores, orate pro eo.
Sancte Benedicte, ora pro eo.
Sancte Pater Dominice, ora pro eo.
Sancte Pater Francisce, ora pro eo.
Omnes Sancti Monachi, & Eremitæ, orate pro eo.
Sancta Maria Magdalena, ora pro eo.
Sancta Lucia, ora pro eo.
Omnes Sanctæ Virgines, & Viduæ, orate pro eo.
Omnes Sancti, & Sanctæ Dei, Intercedite pro eo.
Propitius esto, Parce ei, Domine.
Propitius esto, Libera eum, Domine.
Ab ira tua, libera eum, Domine.
A' periculo mortis, libera eum, Domine.
A' mala morte, libera eum, Domine.
A' pœnis inferni, libera eum, Domine.
Ab omni malo, libera eum, Domine.
A' potestate diaboli, libera eum, Domine.
Per Nativitatem tuam, libera eum, Domine.

Per

Per Crucem, & Passionem tuam, libera eum, Domine.
Per Gloriosam Resurrectionem tuam, libera eum, Domine.
Per admirabilem Ascensionem tuam, libera eum, Domine.
Per gratiam Spiritûs Sancti Paracliti, libera eum, Domine.
In die Judicii, libera, eum Domine.
Peccatores, Te rogamus audi nos.
Ut ei parcas, te rogamus audi nos.
Kyrie eleison.
Christe eleison.
Kyrie eleison.

Oremus.

PRoficiscere, anima Christiana, de hoc Mundo in nomine Dei Patris ✠ Omnipotentis, qui te creavit; in nomine JESU Christi ✠ Filii Dei vivi, qui pro te passus est; in nomine Spiritus Sancti, ✠ qui in te effusus est; in nomine Angelorum, & Archangelorum; in nomine Thronorum, & Dominationum; in nomine Principatuum, & Potestatum; in nomine Cherubim, & Seraphim; in nomine Patriarcharum, &

Prophetarum; in nomine Sanctorum Apostolorum, & Euangelistarum; in nomine Sanctorum Martyrum, & Confessorum; in nomine Sanctarum Virginum, & omnium Sanctorum Dei: hodie sit in pace locus tuus, & habitatio tua in Sancta Sion. Per eundem Christum Dominum nostrum.

Oremus.

DEus misericors, Deus clemens, Deus, qui secundùm multitudinem miserationum tuarum peccata pœnitentium deles, & præteritorum criminum culpas venia remissionis evacuas: respice propitius super hunc famulum tuum N. & remissionem omnium peccatorum suorum tota cordis confessione poscentem deprecatus exaudi. Renova in eo, piissime Pater, quidquid terrena fragilitate corruptum, vel quidquid diabolica fraude violatum est; & unitati corporis Ecclesiæ membrum redemptionis annecte. Miserere, Domine, gemituum, miserere lacrymarum ejus; & non habentem fiduciam, nisi in tua misericordia, ad tuæ Sacramentum reconciliationis admitte. Per Christum Dominum nostrum. Amen.

Ore-

Oremus.

COmmendo te Omnipotenti Deo, chariſſime frater, & ei, cujus es creatura, committo: ut cum humanitatis debitum, morte interveniente, perſolveris, ad Auctorem tuum, qui te de limo terræ formaverat, revertaris. Egredienti itaque animæ tuæ de corpore ſplendidus Angelorum cætus occurrat: judex Apoſtolorum tibi ſenatus adveniat: candidatorum tibi Martyrum triumphator exercitus obviet: liliata rutilantium te Confeſſorum turma circumdet: jubilantium te Virginum Chorus excipiat: & beatæ quietis in ſinu Patriarcharum te complexus adſtringat: mitis, atque feſtivus Chriſti Jesu tibi aſpectus appareat, qui te inter aſſiſtentes ſibi jugiter intereſſe decernat: ignores omne, quod horret in tenebris, quod ſtridet in flammis, quod cruciat in tormentis. Cedat tibi teterrimus Satanas cum ſatellitibus ſuis: in adventu tuo te comitantibus Angelis contremiſcat, atque in æternæ noctis chaos immane defugiat. Exurgat Deus, & diſſipentur inimici ejus; & fugiant, qui oderunt eum, à ſa-

facie ejus. Sicut deficit ſumus, deficiant: ſicut fluit cera à facie ignis, ſic pereant peccatores à facie Dei: & juſti epulentur, & exultent in conſpectu Dei: confundantur igitur, & erubeſcant omnes tartareæ legiones, & miniſtri Satanæ iter tuum impedire non audeant. Liberet te à cruciatu Chriſtus, qui pro te crucifixus eſt. Liberet te ab æterna morte Chriſtus, qui pro te mori dignatus eſt. Conſtituat te Chriſtus Filius Dei vivi intra paradiſi ſui ſemper amæna virentia, & inter oves ſuas te verus ille Paſtor agnoſcat. Ille ab omnibus peccatis tuis te abſolvat; atque ad dexteram ſuam in electorum ſuorum te ſorte conſtituat. Redemptorem tuum facie ad faciem videas, & præſens ſemper aſſiſtens, manifeſtiſſimam beatis oculis aſpicias veritatem. Conſtitutus igitur inter agmina beatorum, contemplationis divinæ dulcedine potiaris in ſæcula ſæculorum. ℟. Amen.

Oratio.

SUſcipe, Domine, ſervum tuum in locum ſperandæ ſibi ſalvationis à miſericordia tua. ℟. Amen.

Li-

Libera, Domine, animam ſervi tui ex omnibus periculis inferni, & laqueis pœnarum, & ex omnibus tribulationibus. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Enoch, & Eliam de communi morte mundi. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Noe de diluvio. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Abraham de Ur Chaldæorum. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Job de paſſionibus ſuis. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Iſaac de hoſtia, & manu patris ſui Abrahæ. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Loth de Sodomis, & flamma ignis. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Moyſen de manu Pharaonis, Regis Ægyptiorum. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Danielem de lacu leonum. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti tres pueros de camino ignis ardentis, & manu Regis iniqui. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Suſannam de falſo crimine. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti David de manu Regis Saul, & de manu Goliæ. ℟. Amen.

Libera, Domine, animam ſervi tui, ſicut liberaſti Petrum, & Paulum de carceribus. ℟. Amen.

Et ſicut Beatiſſimam Theclam Virginem, & Martyrem tuam de tribus atrociſſimis tormentis liberaſti, ſic liberare digneris animam hujus ſervi tui, & tecum facias in bonis congaudere cœleſtibus. ℟. Amen.

Oratio.

COmmendamus tibi, Domine, animam famuli tui N. precamurque te Domine Jesu Chriſte Salvator Mundi, ut propter quam ad terram miſericorditer deſcendiſti, Patriarcharum tuorum ſinibus inſinuare non renuas. Agnoſce, Domine, creaturam

turàm tuam, non à diis alienis creatam, ſed à te ſolo Deo vivo, & vero: quia non eſt alius Deus præter te, & non eſt ſecundùm opera tua. Lætifica, Domine, animam ejus in conſpectu tuo, & ne memineris iniquitatum ejus antiquarum, & ebrietatum, quas ſuſcitavit furor, ſive fervor mali deſiderii. Licèt enim peccaverit, tamen Patrem, & Filium, & Spiritum Sanctum non negavit, ſed credidit, & zelum Dei in ſe habuit, & Deum, qui fecit omnia, fideliter adoravit.

Oratio.

DElicta juventutis, & ignorantias ejus, quæſumus, ne memineris, Domine, ſed ſecundùm magnam miſericordiam tuam memor eſto illius in gloria claritatis tuæ. Aperiantur ei Cœli, collætentur illi Angeli. In regnum tuum, Domine, ſervum tuum ſuſcipe. Suſcipiat eum Sanctus Michael Archangelus Dei, qui militiæ Cœleſtis meruit principatum. Veniant illi obviàm Sancti Angeli Dei, & perducant eum in Civitatem Cœleſtem Hieruſalem. Suſcipiat eum Bea-

Beatus Petrus Apoſtolus, cui à Deo claves Regni Cœleſtis traditæ ſunt. Adjuvet eum Sanctus Paulus Apoſtolus, qui dignus fuit eſſe vas electionis. Intercedat pro eo Sanctus Joannes electus Dei Apoſtolus, cui revelata ſunt ſecreta Cœleſtia. Orent pro eo omnes Sancti Apoſtoli, quibus à Domino data eſt poteſtas ligandi, atque ſolvendi. Intercedant pro eo omnes Sancti, & electi Dei, qui pro Chriſti nomine tormenta in hoc ſæculo ſuſtinuerunt: ut vinculis carnis exutus, pervenire mereatur ad Gloriam Regni Cœleſtis: præſtante Domino noſtro Jesu Chriſto: qui cum Patre, & Spiritu Sancto vivit, & regnat in ſæcula ſæculorum. ℟. Amen.

LAUS DEO.

IN-

INDICE
DOS LUGARES DA SAGRADA Escritura.

Ex Libro Genes.

Ex Libr. 1. Reg.

Ex Libr. 2. Reg.

Ex Libr. 3. Reg.

Ex

Ex Libr. Proverb.

Ex Libr. Ecclefiaftes.

Ex Libr. Ecclefiaftic.

Cap.

Ex Euangel. Luc.

Ex Act. Apost.

Ex

Ex Epift. D. Paul. ad Roman.

Ex Epift. D. Paul. ad Timoth.

IN-

INDICE

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS deste Livro.

O primeiro numero significa o paragrafo, e o segundo a pagina.

A

Amigos.

Aggravos.

Adulaçaõ.

Bi-

B

Bibliotecas.

Blasfemias.

C

Caſtidade.

Con-

Conventos.

Cartas.

Conversaçaõ.

D

Difficuldades.

Des-

Deſgraça.

Delicias.

Deſconfiança.

Deſejo.

A di-

Defeitos.

Dignidades.

De-

For-

F

Fortuna.

Fama.

Firmeza.

G

Governos.

H

Homem.

Honra.

Mais

Ju-

M

Mag-

Na-

Obediencia.

Olhos.

Obſervancia.

Occupações.

Ousadias.

Orações.

P

Paciencia.

Palavras.

Pena.

Saõ

Lo-

Religiaõ.

Sa-

Tor-

Só

Vontade.

Verdade.

Unçaõ.

X

Xarope.

Z

Zombaria.

FINIS.